# 4 SEMANA

### na África

Clipping sobre PALOP e África Austral

30 de setembro a 06 de outubro nº 8

#### SAVIMBI EM LUANDA ACOLHIDO EM APOTEOSE (Angola)

O líder da UNITA retornou a Luanda, depois de 16 anos, e presidiu a um comício de cerca de 60 mil pessoas. Ele iniciou o périplo por cidades angolanas dia 24, por Huambo, onde a UNITA é forte. Justificou a preferência: "foi nesta cidade que perdi o último combate contra os cubanos, em 1975" (p.7). Ele chegou, vindo de Joanesburgo, num avião emprestado pelo prresidente da Costa do Marfim, seu amigo. (p.13).

Huambo, no planalto central, era conhecida como o celeiro de Angola e dali partia o trigo, o milho e o feijão para o resto do país. Hoje, a cidade é quase uma ruína, onde falta luz, água encanada e as casas exibem os efeitos devastadores da guerra civil.

Excelente orador, de grande carisma, Savimbi, com a sua farda de gereral e o bastão simbolizando o poder tradicional, dialogou com a multidão. Falou para mais de 30 mil pessoas, primeiro em português e depois em umbundu. É acusado de fazer dois discursos diferentes, segundo a língua, e que nesta segunda seria racista (p.14).

A UNITA desmente que seja tribalista e contra os brancos e mulatos (p.25). De qualquer modo, a fala de Savimbi tem a marca de paz, democracia e eleições.

Se falta ainda à UNITA um programa definido, o carisma do seu chefe e os meios de propaganda sobejam. Os seus cartazes são a cores e mais numerosos que os de Eduardo dos Santos. Savimbi afirma: "Sabem muito bem que os EUA prometeram continuar a ajudar-nos para transformar o nosso movimento guerrilheiro em partido." (p.24).

Em Lubango, capital da Huíla, a segunda cidade a ser visitada, Sabimbi teve uma recepção de mais de 15 mil pessoas. Foi uma cidade salva da guerra e é reconhecida ali a boa gestão do MPLA. Alertando que Angola ainda está

Informativo de circulação restrita editado pelo programa de Estudos Africanos do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS — CEAA do Conjunto Universitário Candido Mendes. Responsável: José Maria N. Pereira. Elaboração: Colin Darch, Edson Borges, Francisco E. Novello, Marcélo Bittencourt Pinto e

Rogério A. Schmitt.

Secretaria: Ana Cristina Macedo de Sonza. Rua da Assembléia, 10, Sala 501. Telefone: 224-8622 R. 259; 221-3536; Fax: (021) 2310648. Rio de Janeiro - Brasil Cep: 20011.

sob um governo de partido único, Savimbi conclama: "Será um grande dia para vocês, quando os governantes que aparecerem tiverem sido escolhidos por vós. Se
houver um casamento, deixem para depois do voto; se houver festa, vão primeiro
votar. E se lhes perguntarem quem ganha as eleições, digam nós, nós, nós."

(p.17). É uma linguagem simples, feita de palavras fortes e imagens fáceis. Como observa o Newsweek, Jonas Malheiro Savimbi é um líder populista. (p.12).

Savimbi em Luanda. Foi recebido na sua chegada pelo governador de Luanda e pelo
vice-ministro da Defesa, que é igualmente o representante do governo na Comissão
Conjunta Político-Militar. Um dos pontos mais marcantes do discurso de Savimbi
foi sobre os estrangeiros, sobretudo os cooperantes. "Aviso que, se a UNITA ganhar as eleições, a cooperação comigo não é fado. Eu ponho em primeiro, segundo
e terceiro os angolanos; depois não sei onde ficam os outros, deviam ficar nas
suas terras." (p.24).

"A luta será renhida não só contra os do governo, mas também os de fora. Temos de redefinir Angola face ao mundo e à África. Angola não pode viver a olhar para o Brasil..." (p.22). "A classe empresarial angolana precisa ser encorajada" > .23).

Savimbi ressaltou também a importância da paz, que é prioritária e irreversível (p.22). E acrescentou que todos os seus 49 mil militares já estão nos 24 pontos de acantonamento, e que a ONU é a primeira a saber disso (p.4). Ele afirma que só colaborará com o governo no que concerne ao tratado de paz. E finaliza: "Ago ra estamos em cena, o presidente José Eduardo dos Santos e eu. Tenho muito respeito pelos outros partidos e estou disponível para os receber, mas quem está em cena somos nós dois" (p.22). Segundo ele, o governo tem de reservar um tratamento especial a ele e à sua organização, que não podem ser tratados da mesma forma que os outros partidos emregentes. (p.25).

A questão eleitoral. O presidente Eduardo dos Santos iniciará em 30 de outubro as consultas com as várias forças políticas sobre a data das eleições e a simulneidade ou não das presidenciais e legislativas. O governo deverá marcar a data das eleições até 11 de novembro próximo. Nessa altura serão também escolhidos os observadores internacionais que supervisarão o processo eleitoral. A partir de 15 de dezembro até junho do próximo ano será realizado o recenseamento eleitoral, que constitui o maior problema do processo, pois a maioria da população não tem carteira de identidade. (p.10).

#### AFRICA: A FRANÇA TÍMIDA

Annie Kriegel critica fortemente a política africana do governo socialista francês, especialmente pela lentidão do reatamento dos laços diplomáticos e comerciais com a África do Sul, comparando-a à enérgica ação americana. Ela faz menção à nova configuração política da África e às recentes deliberações do Movimento dos Não-Alinhados, para defender a revisão da política africana francesa. No caso da África do Sul, ela desqualifica o ANC como principal interlocutor dos franceses. (p.02).

#### O ACORDO ORTOGRÁFICO, A LÍNGUA PORTUGUESA E OS PALOP

Se para a transmissão de uma cultura o melhor meio é a língua, qual o papel, a função e o limite da língua portuguesa nas antigas colônias?

Diante da atualidade e da polêmica suscitada pelo Acordo Ortográfico, constatase um sintomático silêncio dos representantes dos PALOP. A gravidade do silêncio está em que a criação de uma cultura nacional é incompatível com a permanência passiva da língua do ex-dominador.

Existe uma pequena elite urbana (políticos, romancistas, ensaistas, poetas) que domina a língua portuguesa, propagando falar sempre em nome do povo. Na verdade, ela mantém certa distância do interior rural, pois a maior parte da população não passa de um instrumento da cultura do silêncio que subsiste com a dominação política da linguagem e da educação. Os PALOP, se quizerem dialogar na língua portuguesa terão que enfrentar com urgência a alfabetização que, alargada a toda população, deverá tornar bilingue cada membro da sociedade. (p.03).

#### PALOP E BANCO CENTRAL REFORÇAM COOPERAÇÃO

O Banco de Portugal e os bancos centrais dos PALOP realização, em Lisboa, um encontro de preparação da assembléia anual do FMI e Banco Mundial. Os PALOP esperam de Portugal uma atitude de "advogado de defesa" face ao ri - gor dos planos do FMI. (p.04).

#### ANGOLA VAI MUDAR HINO E BANDEIRA

O parlamento de Luanda deverá adotar, brevemente, alterações nas cores da ban deira nacional, no hino nacional e a supressão da palavra popular, na designação do país.

As autoridades de Luanda não descartam a possibilidade de proceder ao repatri<u>a</u> mento ou o deslocamento para outros países dos angolanos que permanecem em uba, fruto dos acordos de cooperação. (p.05).

#### ANGOLA INICIA PRIVATIZAÇÕES EM OUTUBRO

#### ANGOLA MARCA ELEIÇÕES EM 11 DE NOVEMBRO

Segundo Manuel Duque, diretor do Gabinete de Redimensionamento Empresarial, as privatizações terão início neste mês de outubro. Foi elaborada uma lista com 60 unidades dos setores da indústria, transportes, agricultura, pescas, café, obras públicas e urbanismo. Entre os quais encontram-se 5 empresas consideradas grandes, 8 médias e 47 pequenas. Quanto aos parâmetros determinantes para uma grande empresa, estabeleceu-se: o número de trabalhadores, o volume de negócios e o capital social.

Neste processo de privatizações podem participar investidores estrangeiros — nomeadamente os portugueses — que, em termos gerais não encontrarão maiores restrições, salvo nos setores da defesa e das comunicações, pois, estes não serão abertos ao capital estrangeiro.

A Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM) aprovou a data das eleições para 11 de novembro de 1992. Mas, algumas condições deverão ser cumpridas. Até 25 de ou

tubro terá que estar concluído pelo governo um estudo sobre a extensão do funcio namento da Administração Central em todo o território; entre 30 de outubro e 10 de novembro, terá início consultas a todas as forças políticas para que definama data final das eleições. Com isso, até o final de novembro terão de estar aprovadas todas as leis ligadas ao processo eleitoral, pois, prevê-se que o registro eleitoral terá início em 15 de dezembro. Como o processo de acantonamento das tropas, que deveria terminar em agosto, ainda está em andamento, é provável que estas datas sejam ainda alteradas. (p.06).

#### NO LUENA A DANÇA É COM TODOS

#### LUANDA SEBUZ CEE

#### ANGOLA APETECE

Se em 1º de abril passado, enquanto MPLA e UNITA discutiam em Bicesse, no Estoril, as bases para um acordo de paz, Luena sofria uma das mais violentas operações militares da história. Aparentemente, a UNITA pretendia ocupar Luena, o que fortaleceria sua posição à mesa das negociações.

Hoje, soldados da UNITA e das FAPLA dançam juntos nas duas discotecas de Luena, trocando anedotas e histórias da guerra.

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, terminou sua ofensiva diplomática à comunidade européia. Objetivou anunciar incentivos aos investimentos estrangeiros, atraindo-os para o Programa de Reconstrução Econômica angolano. Entre as novas condições, encontram-se: uma nova lei que assegura o repatriamento dos lucros, a salvaguarda do direito de propriedade, a redução dos impostos sobre capitais e, ainda, a remoção de importantes restrições impostas aos estrangeiros no atraente setor petrolífero.

O Banco de Fomento e a Associação para a Cooperação e o Desenvolvimento da África Austral vão realizar em Lisboa, na segunda quinzena de outubro, uma conferência sobre o investimento em Angola. Deverão estar presentes não só as principais empresas públicas e privadas da economia portuguesa, mas, também, altas personalidades do MPLA e da UNITA. (p.08).

#### PAPA EM ANGOLA ANTES DAS ELEIÇÕES

Segundo o Cardeal de Luanda, D. Alexandre Nascimento, o Papa estará em A<u>n</u> gola na primeira quinzena de junho de 1992.

Quanto à situação social e política angolana, o Cardeal afirmou que a Igreja Católica não pretende representar nenhuma postura de liderança, mas ser uma voz ativa pela liberdade humana e a favor do evangelho.

Acreditando que o processo de paz possui uma certa consistência, adverte que o mesmo não pode estar apenas nas mãos de políticos. Esta advertên - cia liga-se à constatação da baixa de valores morais e do aumento da cor rupção em Luanda. Diante de tudo isso, enfatiza que a Igreja não apoiará nenhum partido político — mesmo que surja um partido católico —, e nenhuma personalidade. (p.09).

#### PORTUGAL COOPERA COM ANGOLA

Os dois países assinaram recentemente um protocolo de cooperação indus - trial que prevê a realização de cooperação científica, técnica e empresarial, no domínio da geologia e das minas. Portugal estende esta cooperação a Moçambique e à Guiné-Bissau. (p.11).

#### TODOS CAPITALISTAS AGORA (Angola)

Enquanto J. Savimbi faz sua digressão por algumas das principais cidades de Angola, incluindo Luanda, o presidente J. E. dos Santos circula no eixo Washington-Londres-Bruxelas, buscando apoio e investimento estrangeiro. Não parece haver mais distinção entre MPLA e UNITA no que se refere à defesa da livre-iniciativa, por ambos partidos assumida. Somado ao processo de pacificação, e à enorme riqueza potencial do país, isto faz com que sejam boas as expectativas para o futuro próximo de Angola, segundo a matéria do The Economist. (p.12).

#### PRESIDENTE ANGOLANO ALICIA INVESTIDORES BRITÂNICOS

Na sua primeira visita à Grã-Bretanha, o presidente Eduardo dos Santos foi recebido pelo primeiro-ministro John Major e pela Confederação da Indústria Britânica, onte ressaltou a nova legislação angolana, que permite a livre repatriação dos lucros e condições favoráveis ao capital estrangeiro. Foi homenageado com um jantar pela British Petroleum. (p.15).

#### PRESIDENTE ANGOLANO SATISFEITO COM A EUROPA

José Eduardo dos Santos obteve maior compreensão dos executivos britânico e belga para desenvolver os projetos econômicos de seu governo até às eleições de 1992.

Em sua visita aos EUA, Inglaterra e Bélgica, o presidente angolano solicitou aos empresários destes países que invistam com maior dinamismo em Angola. Insistiu inda, em apoios financeiros e técnicos para a rápida reabilitação do Caminho de Ferro de Benguela, que liga Angola à Zâmbia e ao Zaire, a partir do porto de Lobito. O governo de Luanda apresentou um programa de emergência de 20 milhões de dólares para a recuperação desta estrada de ferro. Os empresários belgas responderam com uma contra-proposta que está sendo estudada. A empresa "Societé Géneral de Belgique" é a principal acionista do empreendimento. (p.18).

#### CONDENADOS AO ENTENDIMENTO (Angola)

A crise provocada pela suspensão da presença da UNITA nos trabalhos da comissão conjunta político-militar (CCPM) obrigou a uma redefinição dos métodos das duas partes que decidem o futuro político de Angola. A concretização dos acordos de paz decorre agora num ritmo mais acelerado.

A UNITA alterou o tom do seu discurso, após o encontro entre o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle, e Savimbi, em Abidjá. Paralelamente, as consultas do gover no às restantes forças políticas conferirão, certamente, uma maior amplitude ao processo.

O Partido Renovador Democrático (PRD) parece finalmente, decidido a conquistar o posto de terceira força. O PRD já entrou em contato com figuras norte-americanas,

além de conquistar Joaquim Pinto de Andrade para o cargo de presidente do partido. Os partidos emergentes, inclusive o PRD, estão com dificuldade para obter as assinaturas necessárias para a participação nas eleições. (p.19).

#### "LOBBY" NÓRDICO VENCE NA PRIMEIRA PRIVATIZAÇÃO (Angola)

O consórcio português formado pela Secil, Cimpor e Banco de Fomento e Exterior perdeu o concurso para a venda de 49% do capital da empresa de cimentos angolana Cimangol. O vencedor foi a multinacional norueguesa Scancem, fato que suscitou comentários em Luanda de que teria sido um ato político, diante do qual não esteve alheio o próprio presidente José Eduardo dos Santos. (p.20).

#### TENTANDO VENCER A PAZ (Angola)

A matéria do <u>Newsweek</u> relata a visita de Savimbi a Huambo. Sublinha o contraste entre o estilo tecnocrático e refinado do presidente Eduardo dos Santos, que pode fazer dormir os seus ouvintes e o estilo vibrante e populista de Savimbi, mesmo que este não ofereça uma diretiva nítida para a reconstrução de Angola.(p.26)

#### NÃO HÁ "ESLOVENOS" NEM "CROATAS" NA GUINÉ-BISSAU

Na Guiné-Bissau, a plurietnicidade é o fator número um de instabilidade política e entrave para a instauração do multipartidarismo?

Este artigo afirma que — devido à aceitação pelos guineenses da fronteira colonial (apesar de ser imaginária) e a experiência de coabitação social durante a luta armada de libertação nacional — desmoronou-se completamente a idéia de etnicidade. O que vigora hoje na Guiné, é uma dimensão macronacional que estigmatiza como irracional qualquer força ou ação política que faça apelo à componente étnica para ganhar eleições livres e democráticas. (p.29).

#### Y RIA BARROSO REGRESSA À ÁFRICA (Moçambique)

A esposa do presidente português, que concluiu uma visita humanitária aos campos de refugiados situados perto da fronteira de Moçambique com a África do Sul, pretende visitar outros campos localizados no Zimbábue e no Malavi.

A visita de Maria Barroso, acompanhada do Arcebispo de Maputo, Cardeal Alexandre dos Santos, teve o apoio do presidente Chissano e do líder da Renamo, Afonso Dhlakama. (p.30).

#### BONN PERDOA DÍVIDA (Moçambique)

Em visita oficial à Alemanha, o presidente moçambicano J. Chissano manifes tou satisfação com o perdão das dívidas que seu país havia contraído com a R.F.A. Para que os industriais alemães voltem a investir em Moçambique, é todavia, necessário o fim da guerra civil. Chissano mostrou-se otimista quanto às possibilidades de acordo com a Renamo na nova rodada de negociações que inicia-se em outubro. Chissano, interrogado, negou que Moçambique corra o risco de uma "somalização" (i.e., a desagregação do poder central num contexto de guerra civil interminável). (p.31).

#### BARROSO E COHEN DISCUTEM MOÇAMBIQUE CORRIDA À ÁFRICA É SOLIDARIEDADE

O subsecretário de Estado norte-americano, Herman Cohen, chegou segundafeira a Lisboa para conversações com o secretário de Estado português , Durão Barroso.

As constantes suspensões das negociações para a paz em Moçambique, envolvendo o governo de Maputo, a Renamo, a Igreja Católica e o governo italiano — cuja mediação, visando obter resultados concretos, expira em outubro — poderá ser um dos temas principais do encontro.

Segundo uma fonte diplomática moçambicana, os EUA e Portugal estariam dis postos a prestar "maior atenção" a Moçambique, agora que a solução do conflito angolano parece estar bem encaminhada.

A aprovação da lei dos partidos pela Assembléia da República — causa imediata do impasse verificado nas negociações na Comunidade Santo Egídio (Roma) — parece que sofrerá uma revisão. Chissano teria insinuado, na Alemanha, que a futura lei eleitoral estava sendo reelaborada com base em consultas indiretas à Renamo.

O embaixador de Portugal em Moçambique, Antônio Lopes da Costa, negou que Lisboa seja hoje o principal santuário da Renamo no Ocidente, pois a pequena dimensão financeira de Portugal e de seus grupos de pressão assim não o habilitam, tanto quanto à Alemanha e aos EUA, países onde a Renamo se move melhor. (p.32).

#### EXÉRCITO DE SÃO TOMÉ VAI COMBATER ROUBOS

O governo de São Tomé anunciou uma ofensiva contra a proliferação de rou bos e furtos registrados no país. Esta ofensiva terá três vertentes, educativa, preventiva e repressiva. A polícia e as forças armadas patrulharão as ruas, reforçando-se igualmente a segurança privada das empresas. Ultimamente poucos dos autores de violações das leis têm sido apanhados, devido à insuficiência do policiamento. (p.33).

#### NAMIBIA: O PRIMEIRO ANO

A matéria trata do desenvolvimento econômico da Namíbia, abordando sucessiva mente os setores mineiro, agrícola, pesqueiro e energético, a política de reconciliação nacional, ressaltando a correção de sua atitude moderada em relação à África do Sul. (pp. 34-37).

#### ÁFRICA DO SUL: O IMPÉRIO DA VIOLÊNCIA

A violência e a criminalidade estendem-se aos bairros brancos — onde centenas de pessoas vivem atrás de muros altos e arames farpados na tentativa de se protegerem da violência entre as etnias negras — , a Joanesburgo, e ao centro industrial e comercial do país.

Pesquisadores em sociologia e política afirmam que o crime e a violência política partilham razões comuns: o desemprego massivo, a falta de habitação nos subúrbios, a pobreza e o desespero nas comunidades negras, expropriadas e oprimidas durante décadas pela supremacia branca. (p.38).

#### FORÇAS ARMADAS NEUTRAS (África do Sul) DE KLERK REFORMA F. ARMADAS

O governo sul-africano elaborou um projeto de reestruturação das Forças Armadas, devendo os soldados responder perante a Constituição do país, e assumir responsabilidade pessoal pelo cumprimento de ordens recebidas, sendo também limitado o número de "operações especiais" (muitas vezes assassinatos de adversários do apartheid). No período que se seguiu à assinatura do acordo de 14 de setembro, houve uma diminuição da violência política, mas não se tem certeza de que este clima pacífico irá perdurar. (p.39).

#### NOVO IMPOSTO GERA ONDA DE PROTESTOS NA ÁFRICA DO SUL ANC CRITICA DECISÃO DE KLERK MANDELA E SINDICATOS CONTRA O IVA

O ANC não aceita o novo imposto proposto pelo governo, e juntamente com a poderosa COSATU (Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos), lidera uma comissão anti-IVA (imposto de valor acrescentado), composta por 93 organizações, que propugna a realização de manifestações em todo o país, podendo os sindicatos convocar, a 8 de outubro, uma greve geral para princípios de novembro, caso o governo não recue e negocie a substituição des te imposto. (pp.39-41).

#### INDICE

Africa Geral01-02
PALOP03-04
Angola05-26
Cabo Verde27
Guiné-Bissau27-29
Moçambique30-32
São Tomé e Principe33
Namibia34-37
Africa do Sul38-41

### Relatório da SFI sobre o Terceiro Mundo

### Investimentos incertos

AS PERSPECTIVAS de investimentos privados no Terceiro Mundo continuam muito incertas até ao fim do decénio, nomeadamente face aos riscos de penúria mundial de capitais, estima a Sociedade Financeira Internacional (SFI), filial do Banco Mundial, no seu relatório anual para 1991.

"Apenas investimentos potencialmente muito rentáveis têm hipóteses de ser financiados" nos próximos anos face à continuação de taxas de juro elevadas, adverte a SFI.

Poderá haver uma penúria mundial de capitais num futuro próximo", causada pela es-'agnação das poupanças gloais, pela baixa das exportações de capitais do Japão e pelas novas necessidades financeiras importantes para a Europa de Leste, Médio Oriente, explica a filial do Banco Mundial, especializada na ajuda ao sector privado.

Além desta falta de capitais. a evolução dos investimentos privados, que representa 60 por cento do total dos investimentos naqueles países, dependerá muito da recuperação económica nos países ricos, que condiciona um relançamento da actividade do Terceiro Mundo.

No entanto, a SFI tem a intenção de triplicar a sua ajuda ao sector privado nos países em vias de desenvolvimento e na Europa de Leste até ao fim da decada.

Esta progressão "muito substancial" da actividade da SFI visa acompanhar o desenvolvimento do sector privado que tem um papel cada vez mais importante nos países do Terceiro Mundo, com o lançamento de numerosos programas de reformas destinados a liberalizar as suas economias, explicou William Ryrie, vice-presidente da SFI.

#### 19 SETEMBRO 1991

EXPRESSO, SÁBADO 28 DE SETEMBRO DE 1991

# Tropas 'coloniais' em África

# A força do hábito

A «PREOCUPAÇÃO» pela mento ou pedido expresso «segurança» dos cerca de das autoridades desses Esta-«segurança» dos cerca de seis mil franceses residentes no Zaire, 3.500 dos quais em Khishasa, foi o motivo invocado por Paris para enviar para aquele país africano um contingente militar que ao fim de alguns dias deve atingir o milhar de soldados (foram 450 numa primeira fase). Com idénticos propósitos, a Bélgica, que tinha no país 11 mil cidadãos, fez deslocar meio milhar de soldados.

Para lá do legítimo direito que assiste a estes países de garantirem a evacuação das respectivas comunidades. outros Estados, entre os quais Portugal, estiveram na iminência de tomar idêntica atitude - o que é um facto é que tanto a França como a Bélgica protagonizaram nas últimas décadas uma série de investidas militares em países, africanos, francófonos, embora mediante o consenti-

Em 1960, após a indepen-dência do Congo Belga, Bruxelas ordenou uma intervenção das suas tropas em Léopoldville (actual Khinshasa) para proteger a saída de cidadãos seus ameaçados por motins do exército congolês. Em Stanleyville (hoje Kisangani), quatro anos depois, pára-quedistas belgas intervieram para libertar dois milhares de europeus que tinham sido feitos reféns.

Em major número foram as intervenções de Paris e nem todas elas destinadas exclusivamente a garantir a integridade de cidadãos franceses. Desde 1962, a França ordenou 13 operações militares na África sub-sariana, tendo os palcos de operações sido montados no Zaire, Senegal, Gabão, Chade, República Centro Africana, Togo e Ilhas Comores.

Muitas das iniciativas tiveram a intenção clara de «segurar» pela força das armas o líder africano de um dado país. A primeira teve lugar no Senegal, para defender o Presidente Leopold Senghor de uma tentativa de golpe de Estado.

Na República Centro Africana, em 1979, depois da deposição do imperador Bokassa, o sucessor do ditador recorreu ao apoio militar francês. O mesmo aconteceu no Chade, por diversas vezes, quando o Presidente Habré esteve ameaçado por tropas líbias

No Togo, em 1986, 150 pára-quedistas francesas defenderam o Presidente Eyadema de uma tentativa de golpe de Estado.

Este historial de «raids» ditados por motivos políticos deu, certamente, argumentos a sectores da oposição zairense que acusam Paris de estar a proteger Mobutu.

França e Bélgica refutam estas teses. As tropas de Paris, antes estacionadas em países vizinhos do Zaire, ocuparam apenas locais onde residiam cidadãos franceses, afastando-se de pólos de conflito entre zairenses, que observadores consideram a prova da não existência de qualquer entendimento com Mobutu.

Etanto a diplomacia belga como francesa saíram a terreiro em defesa de um sistema democrático para o país africano. O ministro belga dos Negócios Estrangeiros disse que o seu Governo quer «mudança no Zaire, o que a população do país também quer», enquanto um porta-voz do Quai d'Orsay insistiu para que Mobutu «tome medidas úteis para prosse-guir o processo democrático» e «executar uma reforma da gestão do país».

Paulo Paixão

# Afrique: la France timide

Réticences à l'égard de l'Afrique du Sud

MARDI 1ºr OCTOBRE 1991

● Apaisement des conflits régionaux ● Le désengagement soviétique ● Le problème démographique.

« Paris renoue prudemment avec Pretoria. »
Pourquoi « prudemment » ? Parce qu'avait été
réellement « imprudente » la rupture, dans les
années 80, avec un régime dont le pouvoir
socialiste à Matignon et à l'Elysée avait, à
contretemps et pour servir de caisse de réso-

#### **PAR ANNIE KRIEGEL**

nance à la campagne de ses alliés du PCF, condamné avec une violence aveugle la « politique d'apartheid ?

En fait, la prudence du ministre délégué de l'Industrie et du Commerce extérieur, M. Strauss-Kahn, accompagné d'une forte délégation d'hommes d'affaires, lors d'une visite de quatre jours en Afrique du Sud, n'est que l'expression d'un vif embarras. Pretoria a d'ores et déjà renoué des relations commerciales avec les Philippines, avec Taiwan, avec l'Italie; le Japon a levé les sanctions économiques; les Etats-Unis et l'Australie ont rétabil des relations aériennes directes; l'Argentine a procédé à un échange d'ambassadeurs, etc.

Pendant ce temps, les Français se laissent encore impressionner par l'injonction comminatoire: « Altendez notre signal », lancée par un jeune dignitaire de l'ANC. Sans savoir apparement que la prétention de l'ANC — mouvement de façade derrière lequel se tenait et se tient toujours le PC sud-africain (SAPC) — à incarner l'Etat « démocratique » à venir et à l'incarner seule après avoir, y compris si nécessaire par la violence de sa « branche armée », écarté brutalement toute autre concurrence, blanche ou noire, ne renvoie qu'à une époque dépassée et à sa « culture stallnienne », pour reprendre une formule de l'écrivain et militant anti-apartheid, Breyten Breytenbach.

En n'accordant qu'une attention distraite au second piller hoir qu'est l'inkhata du chef Buthelezi et surtout au gouvernement Frederik de Klerk qui, après la première percée pour laquelle s'usa son prédécesseur. Pieter Botha, a maintenant des chances encore modestes mais accrues d'aboutir à la constitution d'une « nouvelle Afrique du Sud », la France met, ici comme. ailleurs, un temps infini à admettre les retombées de la « nouvelle pensée » soviétique, dont l'ossature et le ressort étaient, avec la fin de la querre froide, l'abandon pur et simple par Moscou de tout support à des entreprises visant à implanter révolutionnairement de nouveaux régimes communistes. C'est pourtant et paradoxalement aussitôt après les fêtes, en 1990. pour l'Indépendance de la Namible — le dernier Etat « socialiste » à accéder à cette indépendance par la victoire finale d'un mouvement nationaliste révolutionnaire soutenu de Moscou - que le ministre des Affaires étrangères soviétique de l'époque. Edouard Chevardnadze. visitant toutes les capitales de l'ancienne « ligne de front », avait fait savoir qu'il ne fallait plus compter sur aucune espèce d'aide soviétique pour une stratégie de conquête du pouvoir ainsi concue.

#### La conférence d'Accra

La 10° conférence interministérieile des 103 membres du mouvement des non-alignés, qui s'est tenue à Accra le mois dernier, a su, elle, tirer les conséquences drastiques de la conjoncture nouvelle. Il est vrai que c'est la Yougoslavie qui a la charge, jusqu'à l'année prochaine, d'assurer la présidence du mouvement. Quelles conséquences ? Tout simplement que ledit mouvement des non-alignés, créé en 1956 pour, en réalité, s'aligner, fût-ce avec

quelque nuance, sur l'Union soviétique dans tous les conflits Est-Ouest, n'a plus, tel quel, de raison d'être puisque, depuis au moins 1988, se confirme que le monde n'est plus divisé en deux blocs opposés. Il doit donc au mieux se forger d'autres objectifs comme, par exemple, pour reprendre une proposition du chef d'Etat ghanéen, la coopération économique entre pays en voie de développement.

#### Démocratisation?

On peut regretter, bien sûr, que la France, qui se pique d'avoir tant d'amitiés et d'intérêts en Afrique, n'ait joué pratiquement aucun rôle dans l'apaisement graduel, d'abord difficile mais somme toute réussi, de la série de conflits régionaux (Afrique australe, Angola, Corne de l'Afrique, Sahara occidental) qui avaient déchiré plus qu'aucun autre le continent africain dans les années 70/80. Il faut, en effet, en accorder le mérite avant tout à l'inlassable mise sur pied de structures de négociation et de compromis à laquelle s'est consacrée, avec un Chester Crocker, la diplomatie américaine et qui ont abouti. par exemple ce printemps, en ce qui concerne l'Angola, aux accords de l'Estoril entre MPLA et Unita, II en résultera, et c'est dès lors inévitable. que la paix en Afrique sera, pius qu'aucune autre, une pax americana avec les quelques inconvénients que cette prédominance absolue peut générer.

Mais à qui la faute? Comment comprendre que, cet été encore, l'Elysée et Matignon aient réagi avec tant d'inconsistance, alors que des foules impressionnantes de manifestants — 300 000 sur la place du 13-Mai à Antananarivo — assiégeaient le despote Didier Ratsiraka, dont à Madagascar le sort à venir sera, maigré la garde prétorienne de Nord-Coréens qui le

protège, le même que celui de Kérékou au Benin ou de Sassou-Nguesso au Congo?

Certes, depuis La Baule l'an dernier, la démocratie à l'occidentale est, pour l'Afrique. une antienne à laquelle Edwige Avice, ministre de la Coopération, sacrifie régulièrement, Encore qu'elle utilise trop fréquemment le concept très ambigu de « démocratisation ». Mais il sera peut-être plus efficace d'aider d'abord à ce que scient éliminées les séquelles du temps des Etats à orientation socialiste (1), par exemple ces nuées de conseillers cubains ou est-allemands defineurés, à titre « privé », dans les services de police et de « sécurité ». Ensuite de formuler quelque contribution au débat qu'entraine le passage du parti unique au pluripartisme : toutes les formes de pluripartisme ne se valent pas et les conditions d'une démocratie authentique en Afrique ne sauraient se contenter d'une imitation servile des jeux européens.

Enfin, et surtout pourquoi, la France ne fait-elle pas entendre sa voix pour souligner en clair ce qu'une fois de plus le tout récent rapport de J. Perez de Cuellar, malgré la súrabondance des chiffres cités, murmure à peine comme c'est, hélas i déjà l'habitude dans les diverses instances internationales concernées, la FAO, l'Unicef, ou l'Onudi : à savoir qu'au nord d'une ligne Douala-Djibouti, dans cette Afrique de l'Ouest et méditerranénne islamiste, la démographie galopante (6,5 enfants par femme en état de procréer) constitue une catastrophe plus redoutable que toutes les autres catastrophes annoncées.

<sup>(1)</sup> Cf « L'Aveu » à l'africaine : les Mémoires de Kindo Touré. « Unique survivant du « complot Kaman-Fodeba ». L'Harmattan, 1989.

DOMINGO, 29 SETEMBRO 1891.

# O Acordo Ortográfico, a língua portuguesa e os PALOP

#### M. J. Aires dos Reis

nsaiar uma breve síntese do que se tem dito, até aqui, acerca da importância da língua portuguesa nas antigas colónias (o seu papel, a sua função e o seu limite), fazer, com a junção dos dados mais precisos que se alcançaram no domínio das escassas investigações existentes, o ponto da situação, eis o desafio deste artigo.

Este desafio torna-se mais acentuado, ainda, por duas outras razões: primeiro, a maior parte de reflexões acerca desta matéria escusa-se a discutir com honestidade e isenção; segundo, é quase impossível elaborar uma resenha sobre a literatura, "latu sensu", que se ocupa desta realidade. A escassez de "teses", sobre o assunto, quererá dizer que está tudo bem? Não me parece. E o polémico Acordo Ortográfico justifica a minha dúvida: a "voz" dos políticos da dita África lusófona (d'aqueles que se autoproclamaram representantes legítimos do povo) reduziu-se, pura e simplesmente, a um categórico silêncio.

Na verdade, o silêncio tem sido o representante máximo da sociedade dos simplesmente denominados PALOP. Ignora-se, e isso é preocupante, que a criação duma cultura verdadeiramente nacional é incompatível com a permanência passiva da língua do ex-dominador. Com efeito, quando um africano se exprime passivamente em português, usando categorias conceptuais que em termos de conteúdo espiritual não lhe dizem nada, não pode ir para além do lugar que a sociedade portuguesa e a sua dinâmica

cultural lhe destinam. E esse lugar é o silêncio. Registe-se, a título de exemplo, as entrevistas dos líderes políticos nos órgãos de comunicação social, nomeadamente na RTP, e constate-se a grande angústia linguística que enfrentam, salvo raras excepções, para expor com clareza as suas ideias políticas.

Existe, contudo, uma pequena elite urbana, uma minoria, bem infiltrada nos meios políticos, que domina a língua portuguesa. Mas mantém uma certa distância em relação ao interior rural, embora pretenda (e fá-lo) falar sempre em nome do povo que ela reduz ao silêncio. E, neste caso, a esmagadora maioria da população não passa de um instrumento da cultura do silêncio que subsiste na dominação política da linguagem e da educação, excluindo os pobres da reflexão crítica e da sua prática na transformação do mundo de que, politicamente, faz parte integrante.

Embora me considere medianamente versado na língua portuguesa, a minha experiência como docente no interior rural da Guiné-Bissau fez-me chegar à conclusão de que estamos privados de autenticidade. Como é que uma sociedade, privada de autenticidade, pode colaborar na organização da educação da sua libertação? Cada vez que o homem pensa e actua passivamente na língua de outrem, o pensamento e a acção são privados de toda a "praxis" autêntica. A existência torna-se, assim, silenciosa, pois alimenta-se de falsos conceitos. Existir humanamente, disse alguém, é nomear o mundo, transformando-o.

Quando a pequena elite política e intelectual (nesta última englobo romancistas, ensaístas e poetas) utiliza uma língua(gem) que escapa à maioria, abusa do poder poético e faz dele um instrumento falacioso. Suprime, também, o diálogo humano que é desejado.

V. M. Aguiar e Silva (in "Actas do Congresso..."), citando Sartre, e a propósito de uma comunicação que objectivava o ensino da língua portuguesa, diz num determinado passo: "Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo." E um pouco mais adiante: "O fracaso da comunicação é o começo de toda a violência..."

De facto, o diálogo existe apenas quando os homens estimam o mundo e a sociedade dos homens. Não pertence nem àquele que o dá, nem àquele que o recebe. Eis um recado para os PALOP: se quiserem dialogar na língua portuguesa (o que não existe), urge fazer com que a alfabetização — alargada a toda a população — se torne num exercício do mesmo (refiro-me ao diálogo), pelo qual a realidade social é descodificada com o fim de revelar, claramente, o empenhamento da palavra na infra-estrutura do poder político. Por outras palavras, fazer de cada membro da sociedade um ser rigorosamente bilingue. Os pensamentos e as emoções expressar-se-iam melhor se a língua de cada um fosse a língua comum de todas as classes.

A pergunta que poderíamos formular sobre uma língua como a balanta, por exemplo, é se ela tem algum valor para o mundo em geral que justifique o seu uso no Sul da Guiné. Mas isso, na realidade, é o mesmo que perguntar se os balantas têm alguma utilidade, não como seres humanos, claro está, mas como conservadores e continuadores de uma cultura que não é portuguesa.

Recorde-se que, para a transmissão de uma cultura — uma maneira especial de pensar, sentir e agir — e, para a sua conservação, não existe salvaguarda melhor que a língua. E, para sobreviver, para este fim, terá de continuar a ser uma língua literária. A literatura escrita nessa língua não provocaria, pois, qualquer impacto directo sobre o mundo em geral, mas, se ela não for cultivada, o povo a quem pertence tenderá a perder a sua identidade, refugiando-se no silêncio.

"A diversificação entre as comunidades humanas [afirma A. N. Whitehead, "Science and the modern World"] é essencial para prover o incentivo e o material para a odisseia do espírito humano. As outras nações de hábitos diferentes não não inimigas: são dádivas de Deus. Os homens requerem dos seus vizinhos algo de suficientemente semelhante para ser compreendido, algo de suficientemente diferente para provocar a atenção e algo de suficientemente grande para causar a admiração."

O Acordo Ortográfico não nos podia dizer nada, uma vez que ainda não sentimos a língua portuguesa, realmente, como nossa.

"Um povo pode ter a sua língua extirpada, e ser obrigado a usar outra língua nas escolas; mas, a não ser que que se ensine àquele povo a sentir na nova língua, não se consegue extirpar a antiga." [Cf. Eliot; T. S. "One Poet and one Poetry".] E o povo opta pelo silêncio.

# PALOP e banco central reforçam cooperação

A cooperação entre o Banco de Portugal e os bancos centrais dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), que tem vindo a consubstanciar-se em acções concretas durante este último ano, vai contar com uma iniciativa inédita: a realização, em Lisboa, de um encontro de preparação da assembleia anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (BM).

Mendonça Pinto, consultor económico do Banco de Portugal que tem estado directamente ligado ao governador, Tavares Moreira, às iniciativas com os PALOP, considera que o trabalho a desenvolver no encontro de Lisboa permitirá avaliar as potencialidades de colaboração no âmbito de actuação dos banco centrais e. simultaneamente, contribuirá para potenciar os resultados da reunião anual do FMI.

A preparação prévia da assembleia anual, que decorrerá no segundo dia dos trabalhos com a participacão de responsáveis do FMI. BM e do Banco Africano de Desenvolvimento, potenciará os resultados dos contactos de bastidores e facilitará a elaboração das comunica-

ões individuais, salienta Mendonça Pinto.

O encontro de Lisboa entre as delegações de Portugal e dos PALOP decorre entre 7 e 8 de Outubro, programando-se para o primeiro dia intervenções sobre a conjuntura económica nesses países e as experiências de reestruturação que têm sido prosseguidas. O segundo d., que decorrerá à porta fechada, será para prepa-rar a assembleia do FMI.

A cooperação do Banco de Portugal com os PALOP. alé... de se saldar em vantagens reciprocas no âmbito económico, é olhada com bons olhos por parte das instituições financeiras internacionais. O conhecimento que Portugal tem dessas economias é motivo que leva muitas vezes as delegações do FMI a solicitar opiniões ao banco central português convidando-o a fazer parte das missões, releva Mendonça Pinto. Os países africanos vêem também com bons olhos esta intermediação, já que esperam ver em Portugal uma espécie de advogado

de defesa que abrande o ri-gor dos planos do FMI. Colaborando Lisboa para a existência de uma conjuntura de estabilidade macroe-

conómica, criam-se condições para reforçar as relações comerciais bilaterais e o investimento português nesses países, sublinha Mendonça Pinto, que considera existirem nos PALOP oportunidades de negócio importantes para as empresas portuguesas.

As empresas portuguesas vão enfrentar dificuldades nos próximos anos, na sequência do reforço da concorrência europeia e da inevitável adesão do escudo ao Sistema Monetário Europeu, diz Mendonça Pinto. E os mercados dos PALOP constituem uma importante alternativa, onde se poderão colocar produtos não competitivos na Europa, acrescenta, considerando que os Portugueses têm vantagens de ordem cultural face aos países industrializados

O arranjo monetário com Guiné-Bissau e o acordo financeiro com Angola constituem, neste momento, aliados à formação profissional, as principais iniciativas concretas de cooperação do Banco de Portugal com os PALOP. Espera-se que o en-contro de Lisboa venha a saldar-se em novas acções.

H. G.

O JORNAL

# Angola vai mudar hino e bandeira

A República de Angola deixará de ser «Popular» e já pensa em repatriar crianças e jovens enviados para Cuba

REPÚBLICA Popular de Angola deverá, em breve, mudar de designação, deixando de incluir a partícula «Popular», substituindo ao mesmo tempo a bandeira e o hino nacionais, eliminando, assim, todos os vínculos à ideologia marxista-leninista — soube «O Jornal» de fonte próxima do Governo de Luanda.

A eliminação do qualificativo «Popular», bem como a escolha de novos símbolos nacionais, deverá ser adoptada pelo Parlamento de Luanda, na sequência de outras iniciativas visando a progressiva transformação de Angola num Estado de direito.

Iniciativa idêntica foi tomada pelas autoridades de Maputo, em Novembro de 1990, quando a Assembleia Popular moçambicana aprovou a nova Constituição do país, em cujos termos Mocambique deixou de ser uma República «Popular», 16 meses depois do congresso da Frelimo ter decidido abandonar todas as referências marxistas-leninistas, em Julho de 1989.

Também a bandeira nacional angolana deverá ser modificada, com a substituição do pavilhão vermelho e preto, com uma roda dentada, símbolos do MPLA, desde a sua fundação, em 1960, com vista à luta contra o regime colonial, que culminaria na independência do país, em 11 de Novembro de 1975. Não são ainda conhecidas quais as cores da nova bandeira nacional angolana, mas, na sequência das convulsões que atingiram os países até há pouco governados por regimes que se reclamavam do «socialismo real», na órbita soviética,



José Eduardo dos Santos Uma volta pelas grandes capitais

das círculos próximos do Goverdeino de Luanda admitem que o
vermelho não venha a ser uma
das tonalidades do futuro símbolo nacional de Angola.
Tanto quanto «O Jornal»

Tanto quanto «O Jornal» conseguiu apurar, não está ainda fixado o calendário a

cumprir na concretização das mudanças referidas, apenas se sabendo que elas deverão ocorrer «proximamente».

#### Futuro de Cuba preocupa Luanda

De acordo com esses círculos, a designação de República Popular está a causar «grandes problemas» a Angola, sobretudo nas suas relações com o exterior, designadamente nesta fase de consolidação do processo de paz iniciado com os acordos do Estoril, em Maio último, que puseram termo a três décadas praticamente ininterruptas de guerra no país.

No domínio das relações externas, Luanda está a encarar com crescente preocupação a situação resultante do cada vez maior isolamento do regime de Havana, em consequência das alterações radicais registadas na ex-União Soviética, após o malogro do golpe de Estado de 19 de Agosto naquele que foi o mais próximo aliado de Cuba, desde a subida de Fidel Castro ao poder, em Janeiro de 1959.

Muitas crianças e jovens angolanos encontram-se a estudar em Cuba, ao abrigo de acordos de cooperação «internacionalista» firmados com o Governo de Fidel, mas, temendo o que possa vir a acontecer naquele país, as autoridades de Luanda estão a encarar a possibilidade de proceder ao seu repatriamento ou à sua deslocação para outros países potencialmente mais seguros.

A presença cubana em Angola está virtualmente reduzida a alguns médicos, após a partida de dezenas de milhar de militares que, a partir de 1975, participaram ao lado dos soldados pró-governamentais na luta contra os guerrilheiros da UNITA.

# Angola inicia privatizações em Outubro

AS PRIVATIZAÇÕES em Angola vão iniciar-se já no próximo mês de Outubro, disse ao PÚBLICO Manuel Duque, director do Gabinete de Redimensionamento Empresarial.

O primeiro passo para as privatizações é aqui designado por "programa piloto para a transferência da titularidade ou gestão das empresas do sector empresarial do Estado". No âmbito deste programa, foi elaborada uma lista de 60 unidades dos sectores da indústria, transportes, agricultura, pescas, café e obras públicas e urbanismo. Na lista estão incluídas cinco empresas consideradas grandes, oito médias e 47 pequenas. Segundo Manuel Duque, os parametros definidos em Angola para determinar a grandeza de uma empresa são três: número de trabalhadores, volume de negócios e capital social. (Da lista mencionada, as grandes empresas têm mais de mil trabalhadores, as médias até mil e as pequenas até 50.)

Nesta experiência destacam-se a EPAN, do sector alimentar, que tem sete unidades de produção, a EMEL, de construções metálicas, a Imavest, de indústrias de confecção, e um complexo agrário da CELA, uma empresa agrícola constituída por 51 fazendas. A lista inclui ainda empresas da indústria química e da borracha, das artes gráficas, da construção e reparação naval e da construção e montagem, nomeadamente de máquinas não eléctricas.

Neste processo podem participar investidores estrangeiros, nomeadamente portugueses. A este propósito, Manuel Duque referiu que, "em termos gerais, não haverá restrições para a participação de empresários estrangeiros". Mas pelo menos nos sectores da defesa e comunicações não será permitida a entrada de capital estrangeiro. No que respeita ao transporte, especialmente o aéreo, a situação é para já idêntica à anterior, mas poderá, "agora com o multipartidarismo e a passagem ao mercado, vir a ser alterada"

Duas outras restrições poderão vir a ser colocadas aos investidores estrangeiros. A primeira tem a ver com as estratégias sectoriais: aí "poderá acontecer que se defina uma estratégia que recomende a não participação de investimento estrangeiro". A segunda refere-se a empresas muito pequenas que, "dada a sua dimensão, não justificam a entrada de capital estrangeiro". De qualquer forma, Manuel Duque sublinhou que, aquando da realização dos concursos, será incluída a questão da possibilidade de investimento estrangeiro.

Ontem de manhã, a missão empresarial da Associação

Industrial Portuguesa (AIP), que se encontra em Luanda desde segunda-feira, teve um encontro sobre "Cooperação empresarial em Angola -Oportunidades e Instrumentos". Tratou-se de uma reunião com responsáveis locais destinada a trocar impressões sobre as possibilidades de negócio e investimentos. As novidades não foram muitas. Daí talvez as poucas perguntas colocadas. Apenas um empresário português, do sector da construção civil, abordou o tema das privatizações. De concreto, pediu listas, informou-se das restrições ao capital estrangeiro e quis saber a situação dos inúmeros edifi-

cios inacabados em Luanda e os projectos de reabilitação de muitos outros.

A delegação tomou ainda conhecimento das questões alfandegárias em todos os pormenores. O director-geral das Alfandegas em Angola, Alcântara Monteiro, respondendo a uma pergunta sobre o tema, centrou em si a maior parte da reunião.

Momento interessante do encontro foi a apresentação, um a um, de todos os empresários presentes, portugueses e angolanos. Uma vez terminada esta cerimónia, optaram pelo pragmatismo e, em conjunto, debateram hipóteses de cooperação, negócios e tomadas de participação. Os contactos prosseguirão hoje e amanhã e há quem esteja optimista quanto ao sucesso desta deslocação a Angola.

João Seabra, em Angola

# Angola marca eleições em 11 de Novembro

O GOVERNO angolano anuncia a 11 de Novembro a data das eleições de 1992 em Angola, conforme o calendário do processo eleitoral aprovado ontem em Luanda em mais uma reunião da Comissão Conjunta Político Militar.

Antes de anunciar a data do primeiro escrutínio livre em Angola, o Governo terá de cumprir um calendário de consultas. Até 25 de Outubro, terá de estar concluído um estudo sobre a extensão do funcionamento da Administração Central a todo o território. Depois, em 30 do mesmo mês, inicia-se um processo de consultas com todas as forças políticas para definição da data das eleições. O processo terá de estar concluído até 10 de Novembro e no dia seguinte será anunciada a data.

Durante todo o mês de Novembro, a escolha de observadores convidados a acompanhar as eleições será motivo de novas consultas e, até final do mês, terão de ser aprovadas todas as leis ligadas ao processo eleitoral.

O registo eleitoral principa a 15 de Dezembro, prolongando-se até Junho de 1992, enquanto a extensão da administração central terá de estar concluída até 15 de Novembro. À semelhança do processo de acantonamento de tropas — que ainda mal começou, quando devia ter terminado em Agosto — é provável que várias destas datas tenham de sofrer alterações por impossibilidade prática de concretização.

Vitor Silva em Luanda

### FAP vai apoiar FAA

UMA DELEGAÇÃO angolana que integra elementos da UNITA e do Governo angolano está desde ontem em Lisboa ao abrigo dos acordos de paz e no âmbito da comissão encarregada da criação das Forças Armadas de Angola. A referida delegação é vocacionada para a reorganização da Força Aérea de Angola. A delegação angolana esteve ontem reunida com o corpo de Estado-Maior da FAP, em Alfragide. O tenente-coronel Fernando Aratijo, representante da Força Aérea angolana, disse que o modelo estrutural e de treinamento da aviação militar portuguesa foi "colhido porque a "FAP conhece Angola e a cooperação com Portugal no domínio militar é, de longa data, exemplar". A missão angolana é composta ainda por um major da Força Aérea, Fernando Singane, e por dois representantes da UNITA, coronel Alcido Santos e o piloto-aviador Jorge Chimbili.

Jonas Savimbi, no Huambo, a caminho de Luanda

# Contra "a falta de fé"

Maria João Avilez,

Jonas Savimbi desceu do avião e disse em voz triunfante: "Regresso com o dever cumprido e a consciência tranquila." É a primeira etapa seu regresso a Luanda, após uma ausência de 16 anos. E começou pela cidade do Huambo, onde perdeu o seu "último combate com os cubanos".

udo é um combate. Este é mais um. Não interessa se estou satisfeito. comovido. Não contam os sentimentos com que vivo estes momentos. A única coisa que conta é que o meu regresso signifique o avanço do processo de paz." Está feito. Jonas Malheiro Savimbi já a caminho de Luanda, após uma ausência de dezasseis anos.

Truculento e carismático. De uniforme militar, as botas a brilhar. O líder histórico da UNITA não deixa, no avião que o transporta de Joanesburgo para o Huambo, transparecer sentimentos. Viajando no avião do seu amigo Houphouet Boigny, Presidente da Costa do Marfim, Savimbi aproveita o vôo para trocar algumas impressões com o seu "staff" e redigir os discursos que fará nas três cidades - Huambo, Lubango e Luanda — que constam desta sua digressão da Jamba para a capital do seu país.

É nítido que viaja com uma única preocupação na cabeça e simultaneamente uma ideia fixa, recorrente em todo o seu discurso: o bom andamento do processo de paz e a realização de eleições na data prevista, isto é entre Setembro e Novembro do próximo ano. Ao PUBLICO dirá também que "o preocupa muito o facto de o governo do MPLA não admitir sequer a hipótese de vir a perder o poder e que tudo no comportamento do partido e dos governantes traduz de forma clara essa recusa em compreender o jogo da alternância democrática".

E nem na cidade do Huambo, onde aterrou com a sua comitiva cerca das duas horas da tarde de terça-feira, sob uma cortina espessa de chuva, o sorriso de Savimbi nada deixava transparecer e, quando desceu do avião, olhou os milhares de pessoas que o aguardavam no aeroporto desde o meio-dia. Avançou pela passadeira vermelha que alguém colocara na pista, subiu ao palco improvisado e diante de alguns microfones deixou ecoar a sua voz triunfante: "Regresso com o dever cumprido e a consciência tranguila".

### "Já ganhou..."

Em baixo, a multidão ouvia-o num frenesim de gritos, cânticos, danças e faixas, bandeirolas e t-shirts com o seu rosto estampado... "Comecei pelo Huambo. Quis vir aqui em primeiro lugar porque foi nesta cidade que perdi o último combate contra os cubanos em 1975. Agora reencontro hoje aqui a história e vou recomeçá-la de novo. Em 1975, o programa da UNITA não era senão este que aqui trazemos: eleições livres para que o povo angolano possa escolher em consciência os seus governantes'

A multidão ruidosa e colorida gritava em baixo: "Savimbi já ganhou. Já ganhou. Já ganhou..."

Mas ei-lo que alerta, a voz possante, e o gesto enérgico: Vim aqui hoje apelar para a vossa coragem e para lhes dizer que não podem ter medo. A paz não é do Governo nem do MPLA, é vossa. Com a paz se-remos todos mais iguais. É preciso ter coragem e nunca ter medo. Se eu lhes fosse contar todas as vicissitudes por que passámos, estaria aqui a falar mais de uma semana". E o guerrilheiro em todo o seu esplendor, o homem que as suas gentes transformaram já numa legenda, que hoje está aqui em carne e osso. Imenso, arguto e carismático.

Falando primeiro em português, Savimbi passou depois para o dialecto umbundu. Enquanto os gritos continuavam, a chuva impiedosa também, o animador continuava a tratá-lo

por "camarada presidente doutor Savimbi"... e numa faixa podia ler-se a preto e branco: "Savimbi é o nosso salvador".

Depois, mais tarde, nas ruas da cidade ficará durante muito tempo a ecoar o som da sua voz enquanto pelas avenidas a multidão tardará a dispersar.

Jonas Savimbi saiu da Jamba na madrugada de terça-feira e algures — ninguém do seu 'staff' o confessará — apanhou o avião de Boigny e rumou a Joanesburgo onde o fomos encontrar. Como ele, viajaram 25 pessoas, entre as quais o vicepresidente Jeremias Chitunda. o secretário-geral da UNITA, Alicerces Mango, o chefe do Estado-maior das FALA, Arlindo Ben-Ben, a ministra dos Abastecimentos, Juliana chianboe, a sua esposa, Ana Isabel, trajando elegantemente de azul e corte europeu.

O mundo das matas e da guerrilha tem de passar à história e hoje os quotidianos são essencialmente feitos de combate político. Savimbi não parece assustado nem inquieto. Sobreviveu durante quase duas décadas na selva da Jamba e hoje está aqui, pronto a disputar o poder e "seguro" de que ganhará.

Diz-nos sem hesitar, e até com alguma serenidade, que todos os seus homens, cerca de 49 mil, estão já nos 24 pontos de localização devidamente acantonados e que a ONU é a pri-meira a saber isso. Mostra-se 'satisfeito" por o MPLA ter já indicado o sucessor de Lopo do Nascimento na chefia do MPLA na Comissão de Controlo Político-Militar (CCPM), o general França Ndalu, pois deste modo a UNITA já tem um interlocutor definido e diz estar seguro de se avistar em Luanda com José Eduardo dos Santos quando este regressar da sua tournée europeia.

#### Uma cidade em ruína, um povo descrente

Entretanto, na cidade do Huambo, Savimbi teve encontros com a população que "encontrou muito traumatizada e descrente sobre a realização efectiva de uma mudança" e, na tarde de quarta-feira, avistouse com dirigentes das igrejas

protestantes, autoridades tradicionais e velhos influentes, a Liga dos Estudantes Universitários e intelectuais. A hora a que escrevemos estava reunido com uma delegação da UNITA o grupo regional da comissão mista de verificação e fiscalização. Estava também prevista uma visita ao arcebispado e, à noite, uma sessão cultural num pavilhão desportivo.

Mas apesar do aparato que rodeou esta visita — a UNITA fez deslocar aqui algumas dezenas de homens nas últimas semanas e todos os esforços tém sido poucos para aperfeiçoar a deficientíssima logística — nada na pacatez desta cidade dizimada pela guerra, parece indicar ou transmitir alzum sinal evidente que a rotina foi alterada. Há grupos aqui e ali. Há po-pulares que o aplaudem nas ruas ou o aguardam. Mas a cidade continua mergulhada numa espécie de apatia de quem já não acredita ou cré

Consciente disso mesmo, Savimbi é o primeiro a adiantar-se e a falar em "descrédito e falta de fé" e a dizer que o principal combate residirá "em ser capaz de voltar a fazer reagir este povo tão massacrado".

Vai ser dificil: Huambo, a antiga Nova Lisboa, era conhecida como o "celeiro de Angola e daqui partia o trigo, o milho e o gado para o resto do país".

Hoje, Huambo, no planalto central de angolano, é uma ruína: a electricidade falha constantemente. Não há água canalizada. As casas estão a cair. As janelas não têm vidros. As ruas esventradas já quase não conhecem o asfalto. As bermas e os passeios quase não existem.

Os jornalistas — franceses, norte-americanos, belgas, italianos, portugueses e alemães estão acantonadas no sexto andar sem elevador de um hotel sem água, onde um gerador fornece de vez em quando corrente eléctrica ao fim do dia, onde o telefone está há meses avariado.

E onde o único aparelho de TV difunde a preto e branco telenovelas portuguesas e brasileiras e um telejornal incipiente e artesanal.

Partindo amanha para a cidade de Lubango, inicia a segunda etapa desta digressão que o levará ainda ao Lobito e Luanda, onde chegará no domingo. A 2 de Setembro deverá estar presente na reunião da CCPM. Savimbi partirá certamente mais preocupado do que quando ontem aqui aterrou, ao fim de16 anos, muitos combates e uma mão cheia de esperança.

#### Memórias da última batalha em Angola

# No Luena a dança é com todos

José Eduardo Agualusa

Foi repórter de guerra. Todos os dias contava. na rádio, como evoluía o teatro das operações. De passagem por Lisboa. Paulo Cahilo, da Rádio Nacional de Angola, contou para o PÚBLICO a sua experiência pessoal nos dias terríveis da batalha do Luena.

m 1 de Abril passado. a população do Luena convenceu-se de que afinal a paz era uma grande mentira. Nesse dia, enquanto em Bicesse, no Estoril, delegações do MPLA e da UNITA discutiam as bases para um acordo que pusesse fim aos tiros, iniciavase nas chanas do Leste de Angola uma das mais violentas operações militares da história da guerra civil do país. Aparentemente, o movimento de Jonas Savimbi pretendia ocupar o Luena, fortalecendo a sua posição à mesa das negociações.

Foram 45 dias debaixo de fogo. Paulo Cahilo, jornalista da Rádio Nacional de Angola, actualmente a passar umas curtas férias em Lisboa, disse ao PÚBLICO que foi um período de extremo horror. A população civil foi obrigada a abandonar as suas casas e a esconder-se em abrigos de fibrocimento construídos sob os prédios. A luz e a água foram cortadas, a comida começou a faltar. Entre os escombros, os homens jogavam às cartas.

"Morriam, por dia, 30 ou 40 pessoas", conta Paulo Cahilo. "Eu, enquanto jornalista, fui forçado a deslocarme de carro várias vezes e acabei sempre por ter de levar alguém ao hospital. Uma noite, estava a preparar um despacho para o noticiário das 21h00, quando um obus caiu no estúdio. Faltou-me o ar e eu pensei que estava morto; depois, apalpei-me e vi que não tinha sido atingido."

No ataque ao Luena, a UNITA utilizou canhões de longo alcance montados em jipes. Os obuses eram disparados, por vezes, de uma distância superior a 15 quilómetros, atingindo a cidade em toda a sua extensão. Além do edifício da Rádio

Nacional, também o hospital foi bombardeado. De acordo com estimativas governamentais, 180 casas foram destruídas, com um prejuizo global superior a 600 milhões de kwanzas.

#### "Temos conversado muito"

Na tarde de 14 de Maio, um dia antes da data prevista para o cessar-fogo, Paulo Cahilo estava a entrevistar um grupo de jornalistas recentemente chegados ao Luena quando notou interferências no seu aparelho de recepção. "A UNITA conseguiu entrar no meu canal. Aquilo foi um susto! Para quem é praticamente inocente, porque eu estava apenas a cumprir o meu papel de jornalista, foi um susto. Acabava de fazer uma entrevista a uma equipa de jornalistas quando, de repente, fui interrompido. Ouvi uma voz que me chamava pelo nome, uma voz estranha, a dizer: 'Cahilo, passa o microfone ao Wiliam Tonet porque esse é um jornalista de um órgão independente, não é parcial como tu, que és jornalista do Governo'

Wiliam Tonet, um jornalista angolano que estivera na Jamba ao serviço da Voz da América, pediu então o microfone e falou directamente com o chefe de comunicações do general Ben Ben, um dos mais conhecidos militares da UNITA. Ainda nesse dia, Tonet encontrouse com o oficial e foi ele quem serviu de intermediário entre os dois exércitos. A guerra tinha acabado.

Nos dias seguintes, os homens da UNITA começaram a entrar na cidade. "Primeiro entraram os altos oficiais, membros da Comissão de Fiscalização do Cessar-Fogo, e depois começaram a entrar os soldados, a maioria dos quais era gente da terra. Entrava também muita população civil", relata Paulo Cahilo.

Hoje, soldados da UNITA e das FAPLA dançam juntos nas duas discotecas do Luena e trocam anedotas e histórias da guerra. O próprio Cahilo encontrou-se, fiñalmente, com um dos seus colegas da VORGAN, a emissora da UNITA, de quem apenas conhecia a voz: "Temos conversado muito", refere Cahilo, "e estamos a descobrir que temos muitas coisas em comum."

### Luanda seduz CEE

O PRESIDENTE angolano, José Eduardo dos Santos, empreendeu, esta semana, uma ofensiva diplomática em território da Europa comunitária.

No primeiro destino da sua viagem, Eduardo dos Santos anunciou os incentivos que Luanda está disposta a conceder aos investimentos estrangeiros, no âmbito do programa de reconstrução económica. Especificando que a nova lei assegura o repatriamento dos lucros, que o direito de propriedade está salvaguardado e que estão enquadradas medidas para a redução dos impostos sobre capitais, o Presidente angolano trazia ainda um outro trunfo na manga: a remoção de importantes restrições impostas aos estrangeiros no apetecível sector petrolífero.

Em Bruxela, Eduardo dos Santos obteve uma importante garantia junto da Comissão Europeia, ao saber que tanto a CE como os Estados membros resnem condições para canalizar recursos financeiros para ajudar à reconstrução de Angola.

### Angola apetece

O Banco de Fomento e a Associação para a Cooperação e o Desenvolvimento da África Austral vão realizar em Lisboa, na segunda quinzena do próximo mês de Outubro, uma conferência sobre o investimento em Angola.

Essa conferência, a que deverão assistir altas personalidades do MPLA e da UNITA, contará com a presença dos principais patrões publicos e privados da economia portuguesa.

# Cascais apoia Benguela SARADO 20 SETEMBRO

A CÂMARA de Cascais vai apoiar a recuperação e reconstrução da rede de saneamento básico de Benguela, nos domínios técnico e administrativo e ainda na formação profissional, a ministrar quer em Portugal, quer em Angola.

O compromisso foi assumi-

do pelo município português junto dos responsáveis da cidade angolana, que estão de visita a Cascais até domingo. Esta acção de cooperação, que vai iniciar-se dentro de semanas, surge antes da geminação entre Cascais e Benguela, prevista para Fevereiro de 1992.

Cardeal de Luanda revela

### Papa em Angola antes das eleições

OM 66 ANOS este «príncipe da Igreja», nascidoem Malange, antigo deportado político por Salazar, aluno de Marcelo Caetano e, já como bispo, raptado pelo movimento de Jonas Savimbi, é um confesso amigo de Portugal e dos seus actuais dirigentes.

Do regime no poder disse que não ficaram satisfeitos nem estômagos nem corações quando quis tirar Deus de An-

«O Jornal» - Senhor cardeal, a actual situação social e política que se vive no seu país vai consentir um novo lugar de liderança da Igreja Católica em Angola?

D. Alexandre Nascimento - «A Igreja não foi mandada para liderar mas para servir.

Se em determinados momentos históricos ela teve que intervir, fê-lo apenas até que chegassem as pessoas mais indicadas para certas funções, próximas da terra. Eu olho o futuro da Igreja como um serviço ainda mais empenhado, em nome do Evangelho. A primeira realidade que temos de anunciar é Cristo como o primeiro bem do homem angolano. Quando quiseram tirar Deus de Angola, não tivemos satisfeitos nem os estômagos nem o coração! Nem mesmo aqueles que perderam a fé! O mais importante que Angola pode receber é, primeiro que tudo, Deus.»

P. - Esses dias de «paixão» estão ultrapassados?

R. — Oxalā! Sabe que jogamos sempre com a liberdade humana. Tudo indica, no entanto, que a nova paz de Angola tem uma certa consistência.

- Quer falar-me dos P. momentos difíceis que viveu a Igreja Católica, nos últimos anos, em Angola?

R. - De facto, houve momentos de muito sofrimento. Entre 1978 e 1981 nós, os bispos, não sabíamos se, no dia seguinte, íamos ser expulsos das nossas casas. Isso aconteceu a muitos padres e religiosas, concretamente na arquidiocese de Lubango, onde estivemos. O Povo de Deus agricintou e creio que tudo foi pelo melhor.

-O senhor cardeal foi também protagonista de um rapto feito pela Unita, em Outubro de 1982?

R. — Eu, de facto, também fui raptado. E outros morreram... mas a vida é assim mesmo! Temos de semear a dor para colher a alegria.

P. — Alegria que terá regressado a Angola. Como olha esta nova face do seu país?

R.—Temos de nos adaptor uns aos outros e sermos realistas. Roma e Pavia não se fizeram num dia. A paz e a felicidade de Angola têm de ser confrontadas cada dia. Mas não' pensemos que a paz está apenas nas mãos dos políticos

P. - Nesta semana, há um novo cenário em Angola. Jonas Savimbi prepara-se para entrar em Luanda. Do seu ponto de vista, julga que estão a ser dados os últimos passos para a consolidação da paz em Angola? R. — Oxalá!

#### Desavenças? Só políticas

P. — As celebrações dos 500 anos de evangelização de Angola iniciadas este ano trouxeram novos laços de relação entre a Igreja portu-guesa e a angolana?

R. — Isso é o que, sinceramente, mais me alegra como padre, como angolano e como humanista.

Não há reconciliação entre Igreja de Portugal e a de Angola. Sempre nos demos bem! Houve desavenças, ressentimentos, possivelmente, mas apenas a nível político. Não me lembro que alguma vez um bispo de Angola amaldiçoasse um bispo de Lisboa! Damo-nos tão bem! Foi sempre assim! Repare que quem preside às celebrações do cristianismo em Angola, a realizar no próximo mês de Outubro, é o cardeal patriarca de Lisboa, como legado do Papa. Em certo sentido este gesto é a ratificação da amizade profunda que existe entre as duas Igrejas.

P. - Concordarà, entretanto, que não é significativa, neste momento, a participação de Portugal na reconstrução da Igreja e da sociedade angolanas.

R. - A questão talvez deva ser encarada sob dois aspectos. No tocante a colaboradores na área eclesial, temos que reconhecer que também Portugal está a passar por dificuldades, resultantes da sangria vocacional. Dá-se aquilo que se tem. Na área financeira, económica e social a colaboração não é tão pouca como isso. Deveria, no entanto, ser mais sólida. A concorrer com Portugal estão outros países que podem pôr em perigo esta colaboração. Dado o nosso passado comum, eu gostaria de verem Angola o que houvesse de melhor em Portugal. Eu não sei se isto exige muito, mas o futuro é importante.

∢Há tanta corrupção »

-Os bispos angolanos acabam de concluir, em Roma, a visita «ad limina». João Paulo II traçou normas especiais para a Igreja de Angola neste momento?

R.—O Santo Padre fez um discurso programático que coincide, no fundo, com o que nós já fazíamos. Chamou, entretanto, a uma coesão major do episcopado. Isto não significa que haja divisões no interior do episcopado angolano, como algumas forças querem dar a entender. O Santo Padre fez depois um apelo à reconstrução em Angola dos valores espirituais. Eu mesmo fiz uma exposição ao Santo Padre revelando o medo que tenho da baixa de valores morais que actualmente se vive em Luanda. Há tanta corrupção em Angola, em questões de dinheiro e de moral! Temos que voltar a dizer que o político só é verdadeiramente digno de respeito quando se sacrifica pelo povo e não sacrifica o povo.

#### Visita papal

P. — João Paulo II revelou-lhes definitivamente a đata da sua já anunciada visita a Angola?

R. -- De facto, estou autorizado a dizer que o Santo Padre estará, se Deus quiser, em Angola, na primeira quinzena de Junho do próximo ano. Esta visita vai coroar toda esta festa de cinco séculos. O Santo Padre aproveitará para recordar aos cristãos as suas responsabilidades e aos políticos as suas obrigações que não podem protelar por mais tempo. O Santo Padre espera ainda que a sua viagem seja algo de provi-

P. - Isso quereria significar o qué, senhor cardeal?

R. - Providencial significa um ponto de partida para mais e melhor.

P. — A data anunciada da visita papal não poderá, entretanto, ser observada, por meios sociais e políticos, como uma ingerência da Igreja nas eleições que estarão então próximas?

R. — A visita papal é em Junho. Como sabe o tempo político de eleições é curto, de uma semana, se ta no! E entre Junho e Novembro ainda vão alguns meses. Eno meu entender também isto marca a independência do Santo Padre.

P. - Se durante as eleições aparecer um partido católico, a Igreja vai apoiá-

R. — A Igreja não apoia partidos. Apenas indica os critérios que devem seguir as consciências. Eu pessoalmente sinto um arrepio quando me apresentam um partido democrático cristão...

P. - Também não vão apoiar personalidades?

R. — Eu, pessoalmente, não. E também lhe digo: os que chegarem ao poder não hão-de chegar lá cavalgando o padre ou o bispo!

#### Relações de família

P.—Têm sido frequentes os contactos do cardeal de Luanda com o Presidente da República Portuguesa e o primeiro-ministro. São boas as relações entre estes ho-

mens de Estado?

R.— Em relação ao senhor Preside: 2 da República tratase de unia amizade pessoal. E isso deve-se certamente aos contactos que eu live com o filho na Universidade. Na dra. Maria de Jesus encontramos não só uma figura adorável de mulher portuguesa, como uma sensibilidade artística e outras que enobrecem a sociedade em que nos encontramos

Quanto ao prof. Cavaco Silva, é alguém que está com graves responsabilidades, a trabalhar com o melhor que pode fazer. Eu não me quero meter na política portuguesa, mas os resultados estão à vista.

Seja como for, e isso para mim é que é importante, é que as relações entre todos os portugueses e todos os angolanos sejam cada vez mais relações de família. Quinhentos anos de convívio não aconteceram por acaso nem por providencialismo. Tal como Bossuet e Santo Agostinho, penso que foi Deus que coseu os caminhos da História, respeitando a nossa liberdade.

A marcha de Savimbi

# Militares da Unita criam 'maka' no Huambo

O líder da Unita entra em Luanda com dois mil apoiantes da Jamba, transportados em aviões sul-africanos

Lina Pacheco Pereira com William Tonet Luanda

EZASSEIS anos depois de ter sido expulsopelo MPLA das principais cidades de Angola. Jonas Savimbi regressou aos grandes centros urbanos e fêlo a partir do Huambo, onde em 1975, com o apoio da FNLA, proclamou a efémera República Democrática de Angola, em oposição à que Agostinho Neto proclamara em

Luanda.
Dois mil apoiantes proveniente da Jamba, transportados em três Hércules C-130 sul-africanos e em camiões, acompanham Jonas Savimbi naquilo que a cúpula da Unita descreve como «a primeira grande digressão patriótica pelo país». O périplo abrange ainda as cidades de Lubango e Lobito e culmina em Luanda, onde chega no domingo, dia 29.

Ao privilegiar a cidade do Huambo em detrimento de Luanda Savimbi deixou claro que a sua prioridade é já a luta política.

Considerada pela própria Unita como seu inexpugnável bastião, a cidade do Huambo dispensara, em Maio, uma das maiores manifestações ao presidente José Eduardo dos Santos. Um dia depois de ter deixado a capital do planalto central, e quando já vigorava o cessar-fogo, um engenho explosivo matou 20 pessoas no mercado municipal. O atentado foi na altura atribuído à Unita. Por esta razão acreditarse que Savimbi privilegiou a

cidade de Huambo para tirar a prova dos nove.

Para já — e se esta foi a intenção - não se pode dizer se Savimbi ganhou ou perdeu esta prova. O líder da Unita foi aplaudido na cidade do Huambo por cerca de 30 mil pessoas. muito menos do que as que aplaudiram José Eduardo dos Santos. Mas Savimbi encontrou também um adversário inesperado — a forte chuvada terá desencorajado muitos apoiantes a sairem de casa. Aliás, como consequência da enxurrada, morreram pelo menos cinco pessoas e dezenas ficaram feridas quando alguns carros da comitiva de Sa-

vimbi se despistaram. Savimbi foi, por outro lado, afectado pelos desmandos que muitos dos seus militantes e apoiantes têm praticado pelo país fora. Na véspera da sua chegada ao Huambo, dia 23, militares da Unita desalojaram à força a Casa dos Rapazes, local onde vivem cerca de mil estudantes do ensino médio, para abrigar parte dos dois mil seguidores vindos da Jamba. No mesmo dia, os militares da Unita pretenderam ainda desalojar, também pela forca, os escritórios regionais da Sociedade Nacional de Combustíveis, a Sonangol e, no Lobite, reivindicaram como seus imóveis que estão registados em nome do Estado.

No Huambo e expressando-se em português e umbundo, a sua língua natal, Savimbi falou demoradamente sobre a necessidade da consolidação da paz. Mas exactamente no mesmo dia em que o líder da Unita apelava à participação de todo o povo na consolidação da paz, em Luanda aterrava um Hércules C-130 sul-africano trazendo a bordo três oficiais da Unita e enormes quantidades de armas de guerra (lança-foguetes RPG-7eespingardas AKM e PKM) des-

tinadas às suas tropas.

É neste clima de desconfiança que Savimbi chega no domingo à tarde a Luanda. A somar a tudo isto, o líder da Unita vai confrontar-se com outro problema que ele próprio criou e que consiste em arranjar instalações para abrigar os seus dois mil acompanhantes. É dado como absolutamente seguro que para resolver este problema a Unita não vai contar com qualquer apoio do governo, ele próprio confrontado também há anos com a falta de habitações.

Se no Huambo e Lobito a Unita desalojou compulsivamente cidadãos e invadiu instalações oficiais, tais práticas não poderão ser aplicadas em Luanda, sob pena de se envolver numa guerra aberta e directa com a população.

É, portanto, neste quadro que Savimbi terá que se movimentar, recorrendo à sua enorme habilidade política. Atitude que os seus homens na CC-PM (Comissão Conjunta Político-Militar) têm revelado dominar muito pouco, agora que são confrontados com a realidade multipartidária. A sensibilidade de Savimbi será, por isso, posta à prova no do-mingo, quando discursar na capital angolana, no comício em que actuarão artistas famosos que aderiram nos últimos tempos ao movimento, como Barceló de Carvalho (Bonga), Rui Duna e Sam Mangwana, recentemente regressados a Luanda.

#### Trunfos diplomáticos e eleições

Se Savimbi pretende uma chegada triunfal a Luanda, José Eduardo dos Santos, que regressa à capital angolana no sábado, carrega numerosos trunfos diplomáticos e económicos concretos para anunciar à população.

Depois da viagem a Washington, onde o presidente angolano recebeu o apoio de George Bush ao processo de paz e garantias de apoio na preparação do processo eleitoral, as deslocações que esta semana feza Londrese Bruxelas garantiram o empenhamento da comunidade internacional na reconstrução de Angola.

José Eduardo dos Santos. que chegou ontem, quinta-feira. a Bruxelas terá sessões de trabalho sobre a cooperação com a CEE com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, e os comissários Marine Cardoso e Cunha. Particularmente empenhadas nesta a estão a Câmara de Comércio Belgo-Africana e a Société Générale de Bélgique, o maior grupo financeiro belga e principal accionista do Caminho de Ferro de Benguela.

José Eduardo dos Santos deverá iniciar no dia 30 de Outubro as consultas com as forças políticas sobre a data das eleições e simultaneidade ou não das presidenciais e das legislativas.

A CCPM aprovou, entretanto, na quarta-feira, o calendário para o processo eleitoral e, de acordo com o documento, o governo deverá marcar as eleições até 11 de Novembro. A partir dessa data, serão escolhidos os observadores internacionais que supervinarão o processo eleitoral.

O recenseamento da população decorrerá de 15 de Dezembro a Junho de 1992. Esse será, segundo fontes do Ministério angolano dos Negócios Estrangeiros, o grande quebra-cabeças para o governo, num país onde a maioria da população não dispõe sequer de bilhetes de identidade. Para esta fase preparatória do processo eleitoral, o presidente angolano garantiu apoio logístico de Portugal e dos Estados Unidos.

### Portugal coopera com Angola

O JOBNAL

REALIZAÇÃO de acções de cooperação científica, técnica e empresarial, no domínio da geologia e minas, entre Portugal e Angola é o objectivo de um protocolo de cooperação industrial recentemente assinado pelo ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, e pelo secretário de Estado de Geologia e Minas angolano, António Dias.

Este protocolo, assinado no âmbito do acordo de cooperação existente entre os ministérios da Indústria dos dois países prevê a mobilização da Direcção-Geral de Geologia e Minas, concertada com a direcção nacional das Minas e do Serviço Geológico de Angola, para a realização das acções previstas.

No texto do protocolo, a que «O Jornal» teve acesso, destaca-se a sua oportunidade, dada a «importância do sector dos recursos naturais no âmbito das políticas de desenvolvimento industrial e económico de Angola e as capacidades detidas por Portugal para o desenvolvimento e aprofundamento das relações de cooperação científica, técnica e empresarial neste sector.»

#### Acções de cooperação

O protocolo agora assinado prevê a realização de acções de cooperação nas áreas
de formação profissional,
intercâmbio de informação,
promoção e apoio do desenvolvimento da cooperação
entre empresas portuguesas e
angolanas, realização de
missões científicas, técnicas
e empresariais, assim como a
colaboração na preparação de
feiras, seminários, conferências ou outras actividades de
interesse para o sector.

A assistência técnica e consultadoria, designadamente nos domínios da cartografia geológica, prospecção e pesquisa, técnicas laboratoriais, legislação sectorial, reestruturação dos serviços e estudos de oportunidades de investimento que possam interessar a cada uma das partes ou a ambas conjuntamente é outra das áreas fundamentais de cooperação previstas no protocolo.

A programação e gestão dos programas específicos estabelecidos para a concretização destas acções cabe aos governos dos dois países, em estreita ligação com as instituições de coordenação e apoio à cooperação, nomeadamente, do Instituto para a Cooperação Económica do Ministério dos Negócios Estrangeiros português.

Por sua vez, o suporte financeiro das acções será assegurado pelas instituições vocacionadas para o apoio da cooperação de Portugal e Angola, sendo ainda bemvindas verbas de âmbito bilateral ou multilateral que sejam consignadas para esse efeito.

A cooperação desenvolvida com Angola, no âmbito da Direcção-Geral de Geologia e Minas tem sido reduzida, limitando-se a algumas acções esporádicas na área da formação profissional e da assistência técnica.

Com a criação recente da Secretaria de Estado de Geologia e Minas angolana, foram abertas alguma portas para o desenvolvimento da cooperação, que culminou com a assinatura do protocolo de cooperação entre o ministro da Indústria e Energia de Portugal e o secretário de Estado de Geologia e Minas de Angola.

#### **Outros PALOP**

Mas a cooperação no domínio da geologia e minas, por parte de Portugal, não se limita a Angola, estendendo-se também aos outros PA-LOP. Segundo elementos do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Indústria e Energia, a Direcção-Geral de Geologia e Minas realizou acções de cooperação, em 1990, no valor de mais de 14 mil contos, suportados por este organismo e pelo Instituto para a Cooperação Económica.

A cooperação, neste domínio, em 1990, incluiu seis estágios de formação geoló-

gica-mineira, com uma duração global de 480 dias, a técnicos de Moçambique e da Guiné-Bissau e o envio de quatro missões técnicas. com a duração de 72 dias, para a elaboração da carta geológica de Maputo e da carta da plataforma continental de Moçambique.

#### **Angola**

### All capitalists now

LOADED with journalists and marshalled by public-relations men, Jonas Savimbi's aircraft set off this week from Johannesburg for Luanda, the Angolan capital where for years he has been presented as the arch-fiend. On the way he stopped to recruit friends in the smaller towns where his UNITA party gets its main support. Meanwhile, President Jose Eduardo dos Santos was being marshalled by his rival public-relations team from Washington to London and Brussels, on the tour that Mr Savimbi has made so often.

Angolan politics, and Angola's quest for foreign friends and investors, have moved into a new era. If the transition to free elections can be peacefully completed within the year set aside for the job, it will be an African triumph all the more astounding for its lack of drama.

Angola, with only 10m people, is twice the size of France. Its soil is rich, its minerals precious. Portugal, its former proprietor, never had the resources to develop it, and was too inward-looking to let anybody else do so. When the Portuguese dictatorship collapsed in the mid-1970s, Angola fell apart too. The settlers went home.

The capital was taken over by the few Angolans whom the Portuguese had edu-

cated, who were very left-wing because their former bosses had been so
right-wing. They formed a government and called themselves the Angolan Popular Movement (MPLA),
with Soviet patronage and Cuban
military backing. Among the factions
that dominated the countryside, the
most effective by far was Mr Savimbi's
UNITA. It smartly dropped its far-left
stance, thus securing the patronage of
the Americans and—more significant—the South Africans, who provided bases and soldiers.

The Americans, having fostered the civil war, arranged an end to it. South Africa pulled out. So did the Russians,

drawing the Cubans after them. The MPLA government now says it wants a free-enterprise economy as badly as Mr Savimbi does; Mr dos Santos's latest trip was designed to persuade the United States and the Europeans that he means it. Hampered by some senators' loyalty to Mr Savimbi, President Bush is not yet sending an ambassador to Luanda, but American oil companies have never stopped working profitably in Angola. Many European companies are eager to get back old assets and exploit new ones, once there is peace and an elected government.

The shooting war has given way to a better, electoral one. Under an agreement made in Lisbon last May, the government's soldiers, and UNITA's, will be withdrawn into camps. Maybe half of each will be merged in a new national army. The rest will be pensioned off (which could mean trouble ahead from officers who see the end of their careers). In a joint commission, the political parties are to agree on an electoral law and a voting system. Ample advice is available from western countries, both on military and on political reform.

The elegant Mr dos Santos, who graduated from the Soviet Oil and Gas Institute in Baku, Azerbaijan, thinks it possible that all parties will be offering free-enterprise policies, so that the choice will be mainly one of personalities, between him and his rival, the polyglot Mr Savimbi, who studied in Switzerland. Others suppose that tribal affinity may sway the voters. The MPLA's main strength is in the cities and along the coast, where people are of many tribes, or Mr Savimbi's people, the Ovimbundu, are the country's largest, with more than a quarter of the population. The Bakongo of the north may rebuild their own party. If, as seems probable, the electoral system turns out to resemble Portugal's, a coalition government could emerge.

Few cold-war stories have such a chance of a happy ending. If Southern Africa, with all its problems, is to prosper, it needs regional, not merely national, economic solutions. For Zambia and Zaire, Angola offers the best outlet to the sea. Its southern peoples are indistinguishable from those of northern Namibia. Its mines and farms are more like South Africa's than anybody else's. If they can only get through this election year, that opened with the main contenders' travels this week, Angolans should be playing a bigger role on a wider scene sooner than anybody expected.

EXPRESSO. SÁBADO 28 DE SETEMBRO DE 1991

#### UNITA aposta na paralisação do Governo

(Continuação da 1º página) coincidência ao lado da que foi a residência de Savimbi antes da sua fuga para o mato. Con-

fiscada pelo MPLA, nela vive agora o comandante regional das Forças Armadas Angolanas, coronel Faceira. Mas Savimbi diz que a pagou do seu

bolso em 1975 e que tenciona reavê-la.

Esta viagem tem sido o culminar de um percurso de reencontros, com a população a tentar retomar a vida interrompida há década e meia, «Ninguém quer ficar na Jamba». informou Savimbi a uma assembleia de mais de 1200 quadros da UNITA, que superlotavam o auditório do Club Petro-Atlético, em Huambo. «Jamba foi só um refúgio estratégico no mato. Todos querem regressar às suas casas.» Paulo Alicerces, até há pouco representante da UNI-TA em Portugal, é hoje secretário-geral da organização. um dos factores que dão a Sa-Hierarquicamente a terceira vimbi uma excepcional qualifigura da delegação, reviu os dade de grande comunicador,

#### Do nosso enviado com Jonas Savimbi Joaquim Vieira

ordem. Tinham-se reencontrado apenas momentos antes.

Apesar da emotividade que domina o trajecto. Savimbi aparenta manter a forma e o sangue-frio de quem tenha estado distante do drama angolano. No percurso entre Joanesburgo (onde o seu avião foi buscar um grupo de jornalistas) e Huambo, garantiu que emocionado por regressar ao ponto onde sofreu a sua última grande derrota militar. Por ironia, o circuito vídeo do avião acabava de projectar Indiana Jones e a Última Cruzada.

O controlo das emoções é

reiro de 1976.

cintura, sem nunca abando- vimbi chegou a Huambo as- em Lisboa, há quatro meses, Declarando às multidões que daçados, regressamos com cidade do país, sem que se a prioridade é a «consolida- o sentimento do dever tivesse registado o mínimo cluindo amulher de Savimbi, ção da paz», o presidente da cumprido na luta contra o incidente. UNITA começou por visitar MPLA e os cubanos», disse Huambo, no centro do país, no comício logo realizado na Lubango, a cidade meridio- ra. onde chegou naterça-feira. A aerogare. «Apostámos e nal que visitou a seguir e primeira cidade angolana vencemos.» Savimbi no onde foi recebido no aeropor- mente uma cidade, mas um onde entrou há mais de 15 Huambo era, decerto, uma to pelo governador provinanos foi precisamente a últi- imagem julgada impossível cial, além da já tradicional ra, de uma administração ma que fora forçado a aban- até há pouco, quando o Go- multidão. Com chegada à incompetente. Parcial res-

fones, ditava as palavras de dialecto dominante da região em todas as intervenções, vee-(à mistura com extensas passa- mente no apelo para o respeito gens em português).

um aguaceiro interminável. MPLA a não ser na matéria Savimbi disse em umbundo, estipulada em Bicesse. «Sopara delírio da audiência: mos um movimento de oposi-«Assim que chegámos comecou a chover, mas onde chove é sinal de que há comida», boramos com o Governo». Aos militantes reunidos no não se sentia particularmente pe teatral o «Tal livro dos português».

#### Respeitar os acordos

para os acompanhantes (in-Ana Paulino), um sector nor-O mesmo aconteceria em mal de passageiros na trasei-

Huambo não é verdadeiradestroço resultante da guer-

donar, expulso pela ofensiva verno de Luanda considerava capital prevista para amanhã, ponsável pela situação, Saconjunta do Exército de o dirigente guerrilheiro um Savimbi viaja num Fokker- vimbi sabe que nem fruta se Cuba e do MPLA, em Feve- «bandido» e o principal alvo 100 emprestado pelo seu obtém na que é a capital da a abater. Mas estando na incondicional aliado Oup- região agrícola mais fértil de Recebido no aeroporto por prática a viabilidade dos houet-Boigny, Presidente da Angola. Por isso, entre os DE REVÓLVER e balas à uma grande multidão. Sa- acordos de paz que assinou Costa do Marfim. Éum avião mantimentos levados propo-Vat com quatro poltronas à sitadamente para a sua cominar o uniforme militar, o líder sumindo a pose do vencedor com o Presidente angolano, frente, onde se senta o líder tiva, havia acúcar e óleo da rebelde angolano, Jonas Sa- da guerra civil que devastou Eduardo dos Santos, o líder da UNITA e o seu vice-presi- Costa do Marfim, arroz da vimbi, iniciou nesta semana Angola até este ano. «Saí- da UNITA pôde deslocar-se dente, Jeremias Chitunda. Tailândia, águas Contrexa sua marcha para Luanda. mos comos corações despe- à vontade na segunda maior Um compartimento central Ville e Perrier, de França, e, também deste país, manteiga Petit-Exquis «au lait», bolachas St-Georgers, «línguas de gato» e champanhe Laurent Perrier.

Estes produtos acumulavam-se na casa onde a delegação instalou o seu estado-major no Huambo, por

(Continua na última página)

as três irmãs em Lubango, Falando sempre de improviso capa vermelha não é passível entanto, não confirma integral- das (por quatro atentados após 15 anos de separação. No e sem limitações de tempo, o de duas interpretações mas só mente. Colocado perante a bombistas da UNITA) oficinas estádio de futebol desta cida- líder rebelde domina a assis- de uma: «Paz, democracia, questão, hesita e diz: «Não do Caminho-de-Ferro de Bende, o padre Issac David estava tência com um discurso dra- eleições», que Savimbi garantanto, mas combater o Go- guela, em Huambo, Savimbi sentado na tribuna de Savimbi mático e empolgado, a que não te respeitar, quer ganhe quer verno isso sim». E já anunciou declarou aos trabalhadores: para o maior comício da UNI- falta o diálogo com a multidão, perca o escrutínio previsto por onde vai começar a sua «Precisaremos de apoio e da TA nos últimos 16 anos, e o seu o relato de episódios vividos, o para daqui a um ano. Embora o «primeira guerra» contra aos cooperação dos estrangeiirmão Zeca Carlos, aos micro- sentido de humor e o uso do chefe guerrilheiro tenha sido, responsáveis governantes pela ros, mas essa não é a tónica integral dos acordos, esclare- cadeias do Governo não o nada. O cooperante vem Recebido em Huambo por ceu que não cooperará com o

E no Petro-Atlético, onde to que repetiu no comício de de partido único». Savimbi Lubango, declarando: «Não não só recusa ajudar o Executihá quarta cópia, só há esta, a vo de Eduardo dos Santos do MPLA e a do Governo como aposta mesmo na sua paralisação ao longo destes doze meses, numa tentativa de fazer emergir a UNITA como alternativa, apurou o EX-Em Huambo, explicou que PRESSO junto da sua comitipais e os irmãos em Huambo e posta à prova nesta viagem. o texto contido no volume de va. É uma estratégia que, no

seguranca interna.

sua organização. Por outro Petro-Atlético exibiu num gol- feza intervenção mais política, lado, a necessidade que sentiu vai-se embora». acentuou: «Até Setembro de de apresentar um discurso raacordos de Bicesse», momen- 1992, estamos sob um regime dicalmente nacionalista, insis- Savimbi deverá ter necessidatindo em que «Angola é para de de esclarecer proximamenos angolanos» (embora escla- te para evitar ser acusado de recendo que o «angolano não tomar posições «antibrancos», é preto mas todo o que quer como terá feito em declarações trabalhar para Angola»), na mesma cidade, em 1975. criou uma zona de ambiguida- contra os colonos portugueses. de no que respeita à cooperacão e ao investimento estran-

Ao visitar as semidestruí-

da UNITA. É preciso valori-«O que estamos a ver nas zar o angolano, antes de mais vimos com a PIDE», assegu- depois do angolano. Não rou Savimbi. Embora com uma podemos aceitar que o engelinha mais claramente pró- nheiro estrangeiro ganhe democrática do que em 1975, o mais que o engenheiro angocão», disse logo à chegada, líder da UNITA não especifi- lano. Queremos os angola-«só dentro dos acordos cola- cou ainda nenhum ponto do nos a ocupar os lugares de futuro programa político da chefia. Aliás, o cooperante, depois de receber o dinheiro.

Este será um ponto que

Joaquim Vieira no Huambo e Lubango com Jonas Savimbi

EXPRESSO. SÁBADO 28 DE SETEMBRO DE 1991

# Luanda tensa espera Savimbi

#### (Continuação da 1ª página)

líder, e essa concentração de homens armados, verdadeira ou não, fez subir de temperatura o clima político na cidade.

Luanda confia no entendimento entre os altos comandos das FAPLA e das FALA, sobre os quais parece recair o maior ticipação da sociedade civil capital de crédito para preservar a paz. Aparentemente removidas as condições que permitiriam o retorno às armas. em Luanda não se rejeita, porém, a hipótese de conflitos o manto de violações aos dipontuais que agudizem a tensão que neste momento ensombra a vida política em diversas localidades do país.

Preocupante para a oposicão civil é a «atitude excessivamente contemporizadora» das autoridades perante os incidentes produzidos pelos alguns círculos na capital susdois lados, face à fragilidade tentam que a sua presenca em da autoridade da polícia e do Luanda constituirá um ponto me em português e a outra

cia preventiva das FAPLA. Uma fonte independente reconheceu que «os acordos de paz contêm alguns buracos compreensível e inevitáveis. que agora precisam de ser tapados, mobilizando a parcomo guarda-chuva credível para assegurar a efectiva pacificação e democratizacão do país, evitando a sua bipolarização e denunciando reitos humanos que ainda se praticam em Angoia».

marcar alguns pontos face a Luanda, ao manifestar, logo à chegada ao Huambo, a sua acordos ainda frágeis». E

pretenso relaxamento da eficá- de presumível mudança de que se exprime em umbumpostura da UNITA, desanuviando o ambiente de desconfiança que surge do lado governamental e até junto de uma disse ao EXPRESSO, meio boa parte do sector intelectual apreensivo, um dos líderes de e de algumas populações que um dos partidos emergentes. se refugiaram da guerra.

> o espectro da bipolarização diferentes de há 16 anos. política em Angola, Poucos,

do e que não esconde uma tribalização estrutural dalguns dos seus dirigentes» — Evidentemente não se pode Para os políticos da oposi- ignorar o carisma de Savimbi ção civil, o regresso de Savim- mas as circunstâncias da sua bi poderá acentuar ainda mais intervenção política hoje são

**Gustavo Costa** 

consideram rivais.

À MEDIDA que se vai apro-

Luanda de Jonas Savimbi,

Para este estado de insegu-

em Luanda

no entanto, parecem ter ilusões vir a ser para o Governo a situaa respeito da sua estratégia cão que o líder da UNITA eleitoralista, que, nalgumas encontra de regresso: um país a localidades do Sul do país, atravessar uma arrepiante pe-Jonas Savimbi conseguiu começou a resvalar para a núria alimentar e comenormes denúncia da presença no pas- dificuldades para agenciar sado de colonos brancos em grandes financiamentos ou Angola e agora do racismo reduzir a dívida externa, alipreocupação em preservar «os supostamente instituído pelos cercada, na ausência de invesmulatos. «No Lobito, come- timento produtivo a favor das çamos já a conhecer duas importações, na má gestão, na 'unitas': aquela que se expri- incompetência e na corrupção.

representante do Governo na Comissão de Verificação do aeroporto de Luanda e entreximando a data da chegada a gue à guarda da Comissão Mista de Verificação e Fiscaparece acentuar-se na capital o «sindroma de 1975» — o lização (CMVF), destinavase, segundo o movimento de receio de confrontos entre dois inimigos que agora se Jonas Savimbi, à sua guarda pessoal.

De acordo com o texto dos rança contribuíram as notí- acordos do Estoril. Jonas cias da chegada ao aeroporto Savimbi tem direito a uma de um cargueiro C-130, da guarda própria armada. No rou o EXPRESSO, enconcompanhia aérea sul-africa- entanto, o Governo não aceina SafAir, com material de tou a distribuição do material guerra destinado à UNITA e que se encontrava a bordo do FALA, aparentemente para de alegados depósitos de C-130, uma vez que, «pela munições (dos dois lados) sua natureza, dificilmente

supostamente existentes po se pode falar em armas de defesa pessoal». No avião O material, retido pelo vinham, além de pistolas que foram entregues - lanca-foguetes RPG-7, carregadores e foguetes de sinalização, espingardas AKM e PKM.

> Este equipamento foi colocado sob custódia da CMVF, que remeterá a decisão final do seu destino à Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM).

> Em Luanda, segundo aputram-se desde há alguns dias cerca de 1500 militares das garantir a segurança do seu

(Continua na última página)

criminalidade aumentaram da lei constitucional e leis assustadoramente nos últimos complementares. Nesta mestempos, ao mesmo tempo que ma data, devera ser concluído se regista um surto incontrolá- o estudo sobre a extensão da vel de greves que se prestam a administração do Estado a favorecer a oposição. Se a isso todo o território. Entre os dias 1 e 10 de contabilizadas no orcamento. Novembro, os partidos emergentes serão consultados para se determinar a data exacta das da desmobilização das FA- eleições, cujo anúncio será feito a 11 de Novembro.

A CCPM decidiu iniciar. também em Novembro, a seleccão de observadores intercabeça que se adivinham para nacionais que vão acompanhar o Governo, acusado pela as eleições, prevendo-se que, oposição «de pretender go- em função de uma agenda de vernamentalizar os meios de compromissos calendarizados na sessão da passada quartafeira, venha a ser determinado um novo regime de trabalho para recuperar os atrasos nos trabalhos da CCPM.

Gustavo Costa em Luanda

associarmos as despesas não geral de Estado destinadas a suportar os gastos decorrentes PLA e das FALA ou da rein-Desfavorável parece poder serção social dos mutilados de guerra, refugiados e deslocados, não são poucas as dores de

No próximo dia 30 de Outubro, o Governo deverá anunciar o resultado das consultas feitas a todas as formações políticas sobre a calendariza-Em Luanda, os índices de ção eleitoral e sobre a revisão

comunicação social».

# Angola EXPRESS Entusiasmo rodeia Savimbi no Lobito

#### Do nosso enviado Joaquim Vieira

JONAS Savimbi teve ontem à tarde, ao chegar ao Lobito, a mais entusiástica recepção do périplo que antecede o seu regresso a Luanda, previsto para amanhã. Dezenas de milhares de pessoas concentraram-se ao longo dos 20 quilómetros da estrada que liga o aeroporto de Catumbela ao centro da cidade, para aclamar o líder da UNITA, que nem devem ter visto, dada a velocidade a que seguia a sua caravana.

Ainda no aeroporto, a euforia da multidão tornou-se de tal modo incontrolável que o chefe dos guerrilheiros apenas gritou algumas palavras de ordem aos microfones, sendo logo levado para a viatura pela sua segurança.

(Continua na última página)

EXPRESSO, SÁBADO 28 DE SETEMBRO DE 1991

# Angola Savimbi

### a caminho de Luanda

(Continuação da 1º página)

Depois de Huambo e de Lubango, as etapas iniciais da viagem de Savimbi, Lobito foi a primeira cidade onde os apoiantes do MPLA manifestaram a sua discordância com a UNITA. Ao chegar ao centro, Savimbi viu alguns jovens empunhando cartazes com a foto de Eduardo dos Santos, e camiões e jipes com adeptos do Presidente angolano desfilaram pelas ruas, por vezes seguidos de pequenos cortejos de bicicletas, que davam à cidade um ar de campanha eleitoral antecipada. «Isto é normal numa sociedade democrática», disse um jovem, que, no passeio, observava tranquilo a agitação. «Naturalmente, há oposição», acrescentou, sem especificar se se referia à UNITA ou ao MPLA. Esclareceu ainda que no Lobito «há muita UNITA», embora pense que o MPLA tem mais possibilidades de ganhar as eleições nacionais previstas para dentro de um ano.

A manifestação de apoio a Sa-

vimbi no Lobito (onde a UNITA saiu da clandestinidade há apenas algumas semanas), antecedida por outras concentrações significativas em Huambo e Lubango, mostra que o líder da guerrilha se constituirá em sério opositor de Eduardo dos Santos, cujo regime de partido único combateu ao longo de dezasseis anos, até à assinatura dos acordos de paz do Estoril, há quatro meses.

paz do Estoril, há quatro meses.

Se a Savimbi falta ainda um programa eleitoral que dê caução política ao seu carisma, os meios de propaganda de rua ao seu dispor começam a ser cada vez mais vastos, ultrapassando mesmo, nas cidades citadas, os de Eduardo dos Santos. A UNITA está a distribuir em massa cartazes a cores com imagens de Savimbi (uma delas a chegar ao aeroporto de Lisboa e outra a assinar os acordos do Estoril com Eduardo dos Santos e Cavaco Silva), enquanto o Presidente angolano se encontra apenas num cartaz a preto e bontra a penas num cartaz a preto e bontra anco (ver caderno In-

- PIBLICO - QUARTA FEIRA 25 SETEMBRO 1991

# Presidente angolano alicia investidores britânicos

O PRESIDENTE angolano, José Eduardo dos Santos, garantiu ontem aos empresários británicos que o Governo do seu país está empenhado em incentivar os investimentos estrangeiros e promover a iniciativa privada em Angola.

No início da sua primeira visita à Gra-Bretanha como chefe de Estado, José Eduardo dos Santos foi recebido pelo primeiro-ministro John Major e discursou para líderes empresariais na sede da Confederação da Indústria Britânica. Interessado em apresentar uma nova imagem de Angola no cenário internacional, sublinhou a recente legislação que garante a repatriação de lucros e outras condições favoráveis ao capital estrangeiro. A medida, disse, é parte do esforço do Governo angolano para introduzir uma economia de mercado e atrair "investimentos construtivos" de empresas privadas.

No encontro com John Ma-

jor, o Presidente angolano observou que as novas directrizes económicas são condizentes com as reformas políticas que transformarão o país numa democracia pluripartidária. Na semana passada, em Washington, confirmara já a realização de eleições no Outonodoano que vem.

A deslocação à Grā-Bretanha prossegue a ofensiva diplomática que levou Eduardodos Santos a ser recebido pelo seu homólogo George Bush, na Casa Branca. Ainda ontem, reuniu-se com a ministra de Estado dos Negócios Estrangeiros, Lynda Chalker, e foi homenageado com um jantar pelos directores da British Petroleum.

Nos encontros com dirigentes políticos e empresariais, o chefedo Estado angolano apresentou os acordos do Estoril como uma garantia do empenho do Governo em trabalhar pela reconstrução e desenvolvimento do país.

João Bosco Jardim, em Londres

#### O Comércio do Dorto 30/SETEMBRO/1991

# Metalomecânica lusa firma-se em Angola

Por iniciativa do Grupo Atlântica, as principais metalomecânicas portuguesas (Sorefame, Mague e Lisnave) aumentaram a sua capacidade concorrencial em Angola, criando uma empresa que oferecerá conjuntamente os seus serviços. Trata-se da Euroshore, Empresa de Manutenção e Serviços Industriais e Parapetrolíferos, S.A..

A nova empresa reúne as metalomecânicas referidas, o IPE e a Euro-Atlântica, proporcionando maior agressividade e massa crítica suficiente para concorrer vantajosamente com as metalomecânicas estrangeiras a operar no mercado angolano.

A Euroshore tem um capital inicial de 30 mil contos e tem por objecto a prestação de serviços de assistência e manutenção nos sectores industriais e parapetrolíferos "on-shore" e "off-shore".

#### Após uma ausência de 16 anos

### Capital de Angola recebe Jonas Savimbi

Savimbi chega hoje à capital angolana e, pelo menos até às 12 horas, permanece a dúvida sobre o acolhimento que terá.

MUITAS pessos: afirmam claramente que ficarão em casa, recusas de eventuais incidentes. Outras ficarão também porque, tal como afirmava há dias um jornalis-ta angelaça, aso conquista

também porque, tal como afirmava há dias um jornalista angolano, ano conquistarem o direito de optar entre vários partidos, conquistaram também o direito de não optar por nenhum- Mas serão também certamente bastantes as que, movidas pela simpatis política ou pela simples curiosidade, vão estar no aeroporto ou no comício de hoje à tarde.

Em Luanda, têm surgido nos últimos dias cartazes com a fotografia de Savimbi e panfletos distribuidos pelas ruas ciassificam-no como «o muato (chefe) da paz-, a recordar o repetido argumento de UniTA que foi a sua luta armada que obrigou o Governo de Luanda a sentar-se à mesa das negociações. A mesma ideia, de resto, é expressa nas grandes tiras de pano que apresentam a UNITA como «a força da mudança-Jonas Savimbi, em declarações feitas no Lubango e divulgadas na sexta-feira à noite pela televisão, tentou demarcar-se da responsabilidade da entrada de armamento em Luanda a pretexto da sua segurança pessoal.

Savimbi insistiu em que

segurança pessoal. Savimbi insistiu em que não precisava do material penão precisava do material pe-sado para a sua protecção e, apontando para o chefe do Estado-Maior das FALA e seu sobrinho, general Ben Ben, que se encontrava a seu lado, frisou que a responsabi-lidade da decisão cabia aos seus senerais.

bdade da decumo cama soc seus generais. Estes, segundo afirmou, invocaram que também o Presidente da República,



Militantes e simpatizantes da UNITA, na capital angolana, davam ontem os últimos retoques na tribuna de onde Jonas Savimbi falará aos seus apoiantes C Lusa

José Eduardo dos Santos, se fez acompanhar por 580 militares armados e com carros de assalto durante a sua deslocação a Luena Tecla, aliás, repetidamente batida pelo representante da UNITA, Abel Chivukuvuku, na conferência de Imprensa dada na sexta-feira, para explicar que também a UNITA iris proteger o seu dirigente máximo na medida de necessário, mas -sem cair em ridículos. De resto, esta questão das armas continua a suscitar muitas interrogações entre observadores colocados em Luanda. E, se tendem a concordar com Chivukuvuku quando ele afirma que se a UNITA quisesse introduzir armas na capital não seria através do aeroporto, não deixam de se interrogar sobre se esta -guerra- não servirá apenas para desviar as

atenções de uma real entrada de armas na cidade por ou-

de armas na cidade por outras vias.

E aão também alguns os que se interrogam sobre se o Governo de Luanda, ao permitir que fosse um oficial subalterno — o major Beto Caputo, chefe da Comissão Mista de Verificação (CMVF) no aeroporto — a levantar esta questão e ao manter, a partir daí, um silêncio total sobre o assunto, não pretenderia chamar a atenção para algo que seria uma realidade — a entrada de armas — mas que não tem forma de evitar.

#### Rádio de Angola apela ao civismo

A Rádio Nacional de Ango-la lançou, ontem à tarde, um apelo à população para que de provas de civismo no de-correr da permanência de Sa-

vimbi na capital, 16 anos após ter sido expulso pelo MPLA durante os sangrentos confrontos que antecederam a independência do país. Na zona do asfalto, mas so-

a independência do país.

Na zona do asfalto, mas sobretudo nos muceques, a Policia intensificou os patrulhamentos, procedendo à identificação de viaturas e transeuntes. Não há conhecimento de qualquer incidente grave, mas a Rádio Nacional afirma que jornalistas seus têm recebido telefonemas anónimos ameaçando-os de morte e, nos últimos dias, três das suas viaturas foram alvejadas por desconhecidos, ignorando-se se estas acções têm móbil político.

Em Luanda vive-se um ambiente de indisfarçável intranquilidade, registando-se, segundo fontes policiais, 120 crimes diversos no período de 16 a 22 de Setembro, entre os

quais 14 homicidios voluntá-rios. A conhecida operação policial • Trovão 91 •, suspen-sa por excesso de detidos nas

policial -Trovão 91-, suspensa por excesso de detidos nas penitenciárias, reiniciou-se na sexta-feira, tendo sido detidos 20 meliantes e «capturadas muitas armas».

O único matutino angolamo, o Jornal de Angola, destaca na sua edição de hoje que a população está cada vez mais alarmada face à onda de «aasaltos à mão armada, estupro, violações e espancamentos que acontecem um pouco por toda a cidade-. Em declarações a este jornal, o comandante provincial da Polícia de Luanda reconheceu a gravidade da situação prometendo que «dentro de 15 a 20 dias Luanda poderá conhecer uma relativa acalmia-. O título da reportagem do jornal, «A rua pertence aos corajosos», reflecte bem o

clima de medo que se apo-rou dos Luandenaes e, em pral, de todos os cidadãos-trangeiros aqui residente. O clima de agitação este-de-se também ao interior o país, sobretudo às cidades; visitadas por Savimbi. Após sua chegada, na sexta-feira tarde, so Lobito registaran -se — segundo revelou est

tarde, ao Lobito registaran se — segundo revelou est tarde a Rádio Nacional vários mortos e feridos cuje origens se desconhecem. A chegada de Savimbi. Luanda está ainda a servir d pretexto, como já noticiámo para diferentes tomadas d posição por parte dos chami dos partidos emergente! Hoje coube a vez à Frent para a Democracia (FPD) formação política nascida d interior da Associação Cívic Angolana — recordar «que momento político actual, ir felizmente, começa a assemente. momento político actual, ir felimente, começa a asseme lhar-se aos tempos vividos n período de transição da 1975. A FPD ju a a actuação na medida que as decisões da CCPM, no que dro dos cumprimentos do acordos, não têm sido acor panhadas de aplicação regular e estável, ficando, muita vezes, à mercê dos interesse eleitoralistas de ambas a partes. E acrescenta: E aim que ao meamo tempo qui apressam a discussão do ce lendário eleitoral, adiam a li apressam a discussão do ce lendário eleitoral, adiam a li bertação dos prisioneiros d guerra, que deveriam se imediata e incondicionalmen imediata e incondicionalmen te libertados, relutam em es tabelecer a unificação polit co-administrativa do pa-impedem a livre circulação de pessoas e bens. Para est clima, segundo o documento concorrem os froçãos de Co clima, segundo o documento concorrem os órgãos de Comunicação Social através di desinformação e manipuls ção da opinião pública com objectivo de desqualificar o adversários políticos e promover a imagem do partid no Poder (MPLA). Com exemplos, cita os programs radiofónicos do MPLA e d'UNITA que intigam à agressões entilitante destes dos particos, atravé de uma violenta guerr verbal.

Face à escassez nas lojas do povo

### Há de tudo nos mercados de Luanda

-AMIGA, olha vinagre! Amiga, olha agulha de croché! Olha linha para cozer!». São aos magotes os vendedores, crianças ou adolescentes, que tentam aliciar os potenciais compradores num dos mercados de Luanda — o de São Paulo.

Mas antes o assedio foi outro. O daqueles que, não tendo nada para vender, se oferecem para ficar de guarda sos carros, a fim de evitar que sejam roubados. A troco de alguns cuanzas, naturalmente. Quando podem, isto é, quando encontram alguma forma de ter aceso ao interior do carro, não deixam de lhe passar revista, não vá haver lá alguma coias que possa aumentar os seus proventos.

Dentro do mercado, se a variedade de produtos é convidativa, já as moacas e a água que corre pelas valas concebidas para tal não o são tanto. Efectivamente, é poseível af encontrar de tudo, do peixe às fru-

tas e legumes, mas também produtos de higiene, medicamentos e até
as bem portuguesas papas para
bebé Como é possível também tropeçar no fogareiro que assa o peixe
do almoço ou descobrir, entre os
caixotes atrás das bancas improvisadas, um pequerrucho que dorme
serenamente de barriga so léu.

Mas qual a procedencia de alguns daqueles produtos? Porque,
francamente, não se imagina uma
típica africana, com o filho preso
às costas, a importar pelas vias
normais Cereloc ou pó para limpeza de casas de banho...

É reconhecido que muitos daqueles produtos são roubados. Os
contentores com mercadoria depositados no porto de Luanda são
alvo de assaltos quase diários e,
pelo correio, ninguém que viva
fora de Angola se atreve a mandar
encomendas, pois sabe que as hipóteses de elas chegarem ao seu

destinatário são quase nulas.

-Muitas vezes são os próprios funcionários dos correio que roubam-, afirmava há dias uma habitante de Lubango. -E o pior é que nem é para eles usarem as coisas, é normalmente para vender.

Outra proveniência possível são as lojas onde se paga em divisas e onde a diversidade de produtos, e mesmo a sua qualidade, não deixa de ter o seu qué de inesperado. Uísque legítimo, carne cortada embalada à maneira de qualquer hipermercado que se preze e, até, as alfaces são de importação.

Acesso a estas lojas têm os trabalhadores cujas empresas pagam parte dos aalários em divisas. A empresa deposita essa parte do salário naqueles estabelecimentos e o trabalhador recebe um cartão que lhe dá o direito de comprar produtos até perfazer aquele montante. Que não é muito, queixam-

see alguns luandenses, porque os produtos são caros e há que fazer uma certa -ginástica- para que o cartão dé para todo o mês.

Mas também são muitas as pessoas que, tendo acesso âquele tipo de estabelecimentos, os utilizam sobretudo para adquirir bebidas alcoólicas, para depois as revender. É é vê-las sair com braçadade garrafas de uisque, que entreder. E é vê-las sair com braçadas de garrafas de uísque, que entregam nas máos ávidas daqueles que esperam no exterior pela mercadoria, a qual vão vender nos mercados paralelos, muitas vezes indiasociados dos mercados normais, num sintoma evidente do caos em que está a economia do país.

Ciaro que existem também as lojas do povo. Paga-se em cuanzas e os preços são tabelados. Mas a escassez é aflitiva. Cinco ou seis produtos de mercaaria — massa, óleo, etc. — e que são exibidos numa das prateleiras, sob a designação

de «Mostruário». Depois, o grosso está repertido pelas restantes prateleiras da loja, sem chegar a encher a totalidade.

E, aqui, produtos há quar Daí que, quando chega alguma de novo, se formem longaté ao exterior. Conta-se com tos luandenses, logo que uma desass filas, se intermo de las sem sequer perguntas o

A.G.L

Líder da UNITA acolhido com entusiasmo em Lubango e no Lobito

# Savimbi às portas de Luanda

Do nosso enviado Maria João Avillez

A cidade do Lobito foi ontem o palco de uma verdadeira campanha eleitoral que opós os simpatizantes da UNI-TA e do MPLA, numa prova inesperada mas evidente de que alguma coisa está a mudar em Angola. A comitiva de Savimbi continua a sua "digressão" por Angola e hoje deve chegar a Luanda. Na véspera da reentrada na capital, o lider da UNITA mostra-se às populações em grande forma e confiante.

ogo à sua chegada ao Lobito, Jonas

Sovimbi tinha a aguardá
-lo milhares e milhares de pessoas, descontroladas e excitadas, que a segurança conteve
com tanto custo como temor e tanto custo como temo — ao longo dos 20 quilón tros que separam o aeroporto da Catumbela da cidade — se aglomeravam, numa estrada la-deada por palmeiras, com o ar carregado de humidade e o mar so fundo, para aclamar, con frenesim, a caravana que, a al-tíssima velocidade, percorreu o tassma velocidade, percorreu o asfalto poeirento até à cidade. Já no Lobito, a caravana da UNITA — estrutura que aqui existe à luz do dia apenas há poucas semanas —, camionetas repletas de gente empunhando cartazes do seu lidier, seria confrontada com bicicletas e outros

ters" de Eduardo dos Santos e atiravam para o ar palavras de apoio àquele partido.

Depois do anoitecer, continuaram pela cidade os ecos de alguns "confrontos de boca" entre os dois partidos, com Jonas Savimbi e o seu "staff" já recolhidos no Terminus, um hotel em cima do mar comas palmei. em cima do mar, com as palmei ras enguendo-se da as praia e tocando a varanda coloial que debrua o edificio de ar-

mai que debrua o edurcio de ar-quitectura inglesa. Jonas Savimbi talvez tenha razão: "Os ecos do éxito da mi-nha viagem passaram do Huambo para o Lubango, pa-



mente para Luanda." Anesar de o lider da UNITA não o afirmar explicitamente, todo o seu "staff" redobrou des-de onten as medidas de segu-rança e está, à bora em que escrevernos, atento ao comicio

#### Surpresa no Lubango

O Lubango fora já em todos os aspectos uma surpresa: é uma cidade poupada pela guer-ra, coberta de vegetação. — Sa-vimbi diria que a considera "a mais bonita cidade de Angola" mais bonta cidade de Angola—

, com jardins e canteiros de flores, maior limpeza, mais vida e gente desperta. Está em tudo longe do ambiente algo tenso e ainda eivado de ressentimentos que se vive no Huambo. E foi também uma surpresa com Societa.

Sob um céu azul-claro e muito sol, logo no seroporto te-ve o primeiro sinal de uma outra atmosfera: por entre as au-toridades que, arrumadas em formal semicirculo e com um ar vagamente institucional, vagamente institucionat, o aguardavam encontrava-se o governador provincial, Tomeu de Rangel, representante do governo central na provincia da Huila.

"Isto mostra que o governa-dor não me vé como um lider da

oposição ou como um inimigo, mas sim como um angolano Trata-se de um patriota Esta-mos na fase da aprendizagem política aprendemos a diferença, assim poderemos chegar à alternância democrática."

Lubango é uma cidade "sal-va" — na opinião de negros e brancos — pela gestão eficaz de Lopo do Nascimento (Savimbi é o primeiro a reconhece-los, que foi governador durante cinco anos e autor dos primeiros pas-sos, titubeantes é certo, no caminho de uma economia de mercado, que encontra na inép-cia da administração o seu pior

ngo. A UNTTA, a trabalhar aqui à AUNTIA, a trabelhar aqui as claras há muito pouco tempo, espevitara porém militantes e simpatizantes, e os homens re-cém-chegados da Jamba ha-viam feito o resto. Isto é, inven-taram instalações, asseguraram comida e transportes, cui-

daram da segurança
Savimbi teve um dia que
em tudo lembrou o de uma
campanha eleitoral Mas ele campanha eleitoral Mas ele nem aprecia nem concorda com a imagem "Não, não começa-mos nenhuma campanha O que estou a fazer é tentar com-preender os problemas dos si-tios por onde passo Defendo uma descentralização adminis-trativa, porque dá a possibilida-de de desenvolver as capacida-des iniciativas e a vontade de des, iniciativas e a vontade de

do-o ao mesmo tempo perante uma comunidade."

De tarde, no estádio da Senhora do Monte, perto da está-tua do Cristo Rei, cerca de quintua do Cristo Nei, cerca de quin-ze mil pessoas haviam percorri-do a pé dezenas de quilómetros para ouvirem Savimbi num co-micio-festa, com cánticos revo-hicionários, uma banda musical vinda da Jamba, oradores, fai-xas, animadores e palavras de ordem.

ordem.

De pé, uma folha de papel na mão, o bastão fino na outra, a pesada pulseira de ouro no braço, o olhar imperscrutável, Jonas Savimbi é simultaneamente um homem frio que reflecta elbanda es masses, cá em flecte olhando as massa baixo e um político que m pesa, ausculta, calcula — co pesa, ausculta, calcula — com o faro a<sub>r</sub>urado da raposa atenta à sua presa e uma espécie de feli-na intuição feita daqueles ingredientes, astucia, sagacidade, argucia, que sempre fizeram dele um comunicador impar.

#### A paz antes da democracia

Mas é também e ainda um Mas e tambem e ainda una actor que se prepars para "n-trar em cena e fa-lo totalmente quando se acerca dos microfo-nes não se ouve mais um som quando ele, o gesto exuberante, o corpo em movimento, solo pistonessa se frasce adoquedas intensas, as frases adequadas aquele tipo de auditório.

Uma mensagem simples, feita de palavras fortes e imagens fáceis, no unico recado que 
o fez sair da Jarnba e ousar, ao 
fim de dezasseis anos, esta 
aventura permitida pela assinatura dos acordos de paz pela terre angolana: a paz, a urgência 
da paz ainda antes da necessidade da democracia. Didactico, 
explica a justificação da guerra 
contra o colonizador portugues 
para se centrar depois na injuspara se centrar depois na injus-tificada e "criminosa" luta fratricida entre o povo angolano que destruiu o país, dizimou fa mílias inteiras: "Não há em democracia um só e único repre-sentante do povo. Não há isso. Foi para mudar esse estado de roi para mudar esse estado de coisas que percorremos anos e anos de luta e de sangue. Quem ganhar as próximas eleições não ficará mais como o único re-presentante do nosso povo, haverá outros que por não terem ganho não deixam de continuar a representé-lo". Continuar a representé-lo". Continua a ex-plicar, como fizera, de resto, já no Huambo, que o seu partido é no Huambo, que o seu partido é a oposição ao MPLA, mas que, no quadro dos acordos de Bioes-se, "colaborará sempre com ele e sem desfalecimentos".

Avisa que, como chefe su-remo das FALA, "intimou ca-la soldado a cumprir escrupulosamente o cessar-fogo e os acordos de paz": "As FALA e as FAPLA tém-nos dado uma lição, há colaboração e boa vonta-de entre elas e a policia, a anics: que os políticos sigam

acria este exemplo."

E alertando para que
montinua a viver em reguira de partido único;
peiou a coragem e ao voto
cor palavras veementes
"Sera um dia grande pararece mando es monaravice quando os governan tes que aparecerem tive-rem sido escolhidos por vós Se houver casamento, dei-xem para depois do voto, se houver festa, vão primeiro votar. E se lhes pergunta-ren, quem ganha as elei-ções digam nos, nos, nos."

#### "Tenho-me enganado pouco

Depois de uma converestas que o acomp vam e com outros da terra pertencentes à rádio, à te-ievisão ou aos jornais lolecisao ou aos jornais ko-cais, recusou-se a compa-rar o clima do Huambo com o de Lubango, prome-tendo para depois de Luanda um balango "mais consistente' . Interrogado consistente" Interrogado peio PUBLICO se não era demasiado tardia a sua ida pera Luanda, Savimbi tor-neia a questão: "Não, de mode nenhum Em Junho

mode nenhum Em Junho
e. não estava ainda preparade para fundamentar a minha opinião sobre o andamento
de processe de paz e sobre o
cumprimento dos acordos Agora estou. Fom tudo vai bem. e é
isse que conto dizer ao Presidente Eduardo dos Santos."
Confante? "Claro, eu posso
encraz-me e não vir a granhar.

Confiante? "Claro, eu posso engaraz-me e não vir a ganhar, mas ofhe que me tenho enganado pouzo. Só os homens fortes vencem os obstáculos. O que há para fazer tem que ser feito."

A seu lado, Jeremias Chitunda Aliceroes Mango e Arlindo Ben-Ben aplaudem com as cabegas e o olhar brilhante: para eles, ao fim de tantos anos, a aura, o carisma, a energia e a fe

aura, o carisma, a energia e a fé do guerrilheiro das matas e do polizici astuto permanecem em

stade quimicamente puro.
Foi uma comitiva feliz qu roou até ao Lobito: Savimbi e c seus homens, porque o clima permitira "avanços e esclareci-mentos"; os jornalistas, porque tinham tomado banho ao fim de tinhen tomado banho ao fim de très dias e passado vinte e qua-tro horas numa ridade florida e acchedora. Mas o general Al-orros: Mango era porventura o mas: feliz: no aeroporto, à sua chegada, encontrara à sua espechegada, encontrara à sua espera, elegantemente vestidas, trè-irmàs: chrouss e emocionadas que não via há 16 anos, depois de na cidade do Huambo, ter visa: pela primeira vez, apés os mesmos 16 anos, três irmãos, meno: elegantes, mas igual-mente emocionados... »

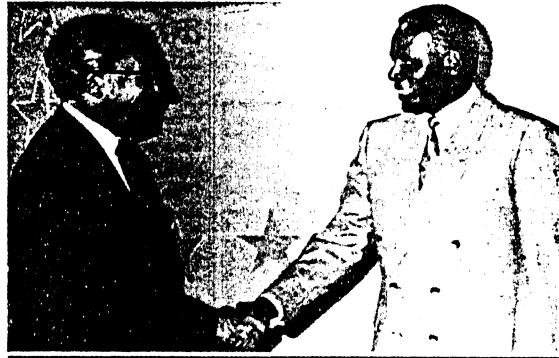
# Presidente angolano satisfeito com a Europa poderia empregar alguns dos mais de 200 mil desmobilizados dos exércitos do MPLA e da UNI-

O PRESIDENTE angolano, José Eduardo dos Santos, conseguiu maior compreensão dos Executivos britânico e belga para desenvolver os projectos económicos que o seu Governo tem em carteira até às eleicões de 1992.

O Chefe de Estado angolano concluiu no sábado uma digressão cujo objectivo primeiro era reabilitar a sua imagem, embora ele próprio negasse que a recente ofensiva diplomática tenha fins eleitoralistas.

José Eduardo dos Santos esteve sucessivamente nos Estados Unidos, na Grá-Bretanha e na Bélgica. durante cerca de 15 dias. Depois de ter pedido ao Presidente Bush uma posição neutra, de forma a ajudar os esforcos para a aplicação dos acordos de paz, solicitou aos empresários daqueles três países que invistam com majordinamismo em Angola,

O lider do MPLA regressou visivelmente satisfeito. E garantiu que os governos com quem manteve conversações revelaram "um grande interesse em auxiliar" os angolanos. Em todos os países procurou apoios financei-



<u>José Eduardo dos Santos com Jacques Delors: a resposta da CEE agradou ao Presidente angolano 🔅 </u>

ros e técnicos para a rápida reabilitação do Caminho de Ferro de Benguela, que liga Angola à Zâmbia e ao Zaire, a partir do porto comercial do Lobito. A empresa "Societé General de Belgique" é a principal accionista do empreendimento e o Governo de Luanda apresentou um programa de emergência de 20 milhões de dólares para a recuperação do mesmo.

#### Contra-proposta belga

Os belgas responderam com uma contra-proposta a que Angola promete dar seguimento no prazo máximo de 20 dias. Bruxelas alega que não pode financiar o empreendimento só com bases nas pretensões de uma das partes interessadas, pelo que apresenta novas ideias, sobre as quais as autoridades angolanas se deverão pronunciar. Entretanto, sabe-se que o Caminho de Ferro de Benguela

poderia empregar alguns dos

TA, num programa para o qual se contaria com o contributo da Bélgica e de toda a Comunidade Europeia.

Na Grá-Bretanha, José Eduardo dos Santos privilegiou os contactos políticos com figuras do Executivode John Major, mas nunca deixou de pedir maior colaboração dos homens de negócios. A sua opinião é de que "existem grandes possibilidades de se conseguir novos apoios". A presença britânica em Angola faz-se sentir com maior incidência no negócio de diamantes, através da firma De Beers, e na exploração de petróleos, pela BP.

Apesar de o Presidente angolano excluir qualquer relação entre as duas últimas visitas e a sua anterior presença nos Estados Unidos, é dado adquirido que estas complementaram a outra. A viagem estava a

ser preparada há muito tempo e o facto de ele próprio ter elogiado todos os sectores da vida desses países (inclusive o comportamento da imprensa norte-americana) é sintomático de que terá conseguido melhorar o relacionamento com os mesmos. ...

Pires Ferreira, em Luanda

# Condenados ao entendimento

Pires Ferreira, em Luanda

A crise provocada pela suspensão da presença da UNI-TA nos trabalhos da CCPM obrigou a uma redefinição dos métodos das duas partes que decidem o futuro político de Angola. A concretização dos acordos de paz decorre agora um pouco mais depressa.

resolução da crise de há três semanas condenou o MPLA e a UNITA a entenderem-se, sem maiores sobressaltos, até às eleições do próximo ano. As acusações mútuas prosseguem, mas estão longe de impedir o desenvolvimento dos trabalhos de pacificação.

O Governo, ao apresentar a calendarização do processo eleitoral, satisfez uma das maiores exigências da UNITA. O acantonamento das tropas, outro dos pomos de discórdia, está também a seguir o seu curso normal e os dois antigos contendores confirmam a existência de um maior optimismo. Os contornos da paz começam a desenhar-se com mais precisão.

Savimbi veio encontrar em Luanda um ambiente de aparente desanuviamento. A sua presença, aliás, pode acelerar a resolução de algumas questões pendentes. Depois do encontro com o vice-presidente norte-americano, Dan Quayle, em Abidjā, a UNITA mudou um pouco o tom do seu discurso e acredita-se que o respectivo líder vai pedir à sua delegação da Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM) "mais tolerância". Ete próprio considera a paz irreversível e pede a participação de todo o povo na denúncia de eventuais arbitrariedades do seu movimento.

As consultas do Governo às restantes forças políticas sobre o futuro do país vão conferir certamente uma maior amplitude ao processo. Os partidos emergentes não se cansam de acusar os dois grandes de estarem a provocar uma bipolarização. O chamado "Secretariado Permanente Multipartidário", integrado por oito das novas forças políticas, considera o ba-lanço dos primeiros quatro meses de vigência dos acordos de paz "extremamente magro" e reclama uma maior participação nos fóruns de decisão, porque "a abertura democrática esbarra em mil e uma manobras de cunho conservador".

#### Conferência nacional

O Partido Renovador Democrático (PRD) é, das 13 novas formações registadas no Tribunal Supremo, a única que não concorda com uma conferência nacional, equiparável às que em vários países africanos já deliberaram sobre os respectivos futuros. Considera a medida extemporânea e alega para isso, que Angola ainda não tem "a cultura política" de outros territórios do Continente.

Os encontros discretos com algumas figuras norte-americanas e a conquista de Joaquim Pinto de Andrade para seu presidente são fortes indicadores de que o PRD está em perfeitas condições de se tornar a terceira força política de Angola.

Nei, hum dos novos grupos apresentou ainda toda a documentação necessária para ser legalizado como partido político. Todos têm apenas comissões instaladoras e se não apresentarem 3000 assinaturas, a maior parte até Novembro (altura em que completam seis meses de registo no Supremo), poderão ver as suas actividades suspensas.

Embora não o confessem, todos estão com dificuldades em encontrar 150 assinaturas em pelo menos 14 das 18 províncias angolanas. A própria FNLA, um dos movimentos que assinou os acor-

dos de Alvor e esteve no Governo de Transição, em 1975, antes da proclamação da independência, está nas mesmas condições.

O único partido reconhecido legalmente como tal é o MPLA; e a UNITA também não terá dificuldade em se registar. De onde a perspectiva da bipolarização, não por força dos acordos de paz assinados em Portugal, como procuram fazer crer as forças emergentes, mas porque estas se mostram incapazes de conquistar a simpatia de vastas camadas da população.

Tudo ainda está dentro dos prazos definidos por lei e algumas mudanças substanciais da situação são certamente possíveis. Mas o consenso existente é no sentido de que, mais importante do que o registo dos partidos, é a consolidação da paz. E a presença de Jonas Savimbi na reunião a efectuar amanhã pela CCPM pode muito bem clarificar algumas situações e conferir maior celeridade a todo este complicado processo angolano de pacificação. •

PÚBLICO

SEGUNDA-FEIRA 30 SETEMBRO 1991

# "Lobby" nórdico vence na primeira

# privatização

PI BILLO SEGUNDA-FEIRA 30 SETEMBRO 1801

O CONSÓRCIO português formado pela Secil, Cimpor e Banco de Fomento e Exterior perdeu o concurso para a venda de 49 por cento do capital da Cimangol, a empresa de cimentos da República Popular de Angola.

Há mais de um ano que os investidores portugueses se movimentavam para a privatização da Cimangol e terão mesmo gasto cerca de cem mil contos na preparação do seu projecto. O grupo pretendia aplicar mais de cinco milhões de dólares (725 mil contos) naquela que será a primeira grande empresa angolana a privatizar, embora parcialmente.

O vencedor foi "um grupo nórdico do sector cimenteiro". (A única proposta concorrente à dos portugueses tinha sido apresentada pela multinacional norueguesa Scancem.) Em Luanda, comentase agora que a decisão de atribuir aos nórdicos os 49 por cento da Cimangol "foi um acto político ao qual não foi alheio o próprio Presidente José Eduardo dos Santos".

Quem conhece as propostas do consórcio português e dos nórdicos afirma que "o projecto das empresas portuguesas era de longe o melhor". Um alto funcionário do Ministério da Indústria, que se escudou no anonimato, afirmou ao PÚBLICO que o seu ministério "foi ultrapassado e o respectivo processo retirado, o que reforça a ideia de uma decisão política" ao mais alto nível.

Em Angola, a privatização das grandes empresas e a sua atribuição aos potenciais interessados depende de uma decisão do Governo e não de um só ministério. Refirase também que, quando Cavaco Silva visitou recentemente este país, terá pressionado os responsá-

veis angolanos no sentido de uma decisão positiva para o grupo português quanto à privatização da Cimangol.

Um dos membros do consórcio nacional, a Cimpor, vinha colaborando com a Cimangol a vários níveis, nomeadamente no que se refere à formação profissional, proporcionando estágios em Portugal a funcionários da empresa angolana.

O facto de se ter perdido esta corrida parece, no entanto, não desanimar os empresários portugueses que se encontram em Luanda integrados numa missão da Associação Industrial Portuguesa (AIP). Um dos responsáveis da missão comentou mesmo: "Haverá mais decisões como esta. Temos de estar preparados para isso. Mas tal facto não deve conduzir ao desânimo, uma vez que há muito que fazer em Angola e haverá espaço para outros grandes projectos."

Durante a semana passada, enquanto os vários empresários mantinham contactos com os seus homólogos angolanos, Maria Helena Cervereira, directora da AIP, assinava um protocolo de cooperação e formação profissional com a Câmara de Comércio e Indústria de Angola.

As duas partes acordaram ainda em organizar a primeira missão empresarial angolana a Portugal, prevista para Maio de 1992. A este propósito, Tiago Gomes, secretário executivo da Câmara, quando instado pelo PÚ-BLICO comentou: "O nosso objectivo é conhecer melhor o mercado português, procurar parceiros e estudar mesmo as hipóteses de investimento angolano em Portu-

gal Mas o principal propósito é constituir 'joint-ventures', quer num quer noutro país."

A constituição de "joint-ventures" em Portugal parece pouco provável, já que a incipiente camada empresarial angolana não dispõe ainda nem de meios nem de apoios financeiros para investir fora do país. O seu principal objectivo, de momento, é encontrar parceiros estrangeiros para actuar em Angola, sobretudo portugueses, que os apoiem fundamentalmente no que respeita à formação profissional, ao fornecimento de matérias-primas e equipamentos e ao financiamento em moeda forte.

João Seabra, em Angola

JONAS SAVIMBI SAUDADO POR MILHARES DE PESSOAS

### CHEGADA TRIUNFAL A LUANDA

O líder da UNITA, Jonas Savimbi, chegou ontem a Luanda para uma recepção triunfal por milhares de luandenses e uma saudação no largo por onde passaram as suas forças à saída da cidade para uma guerra fratricida de 16 anos.

Largos milhares de pessoas saudaram Savimbi desde o aeroporto até ao largo Primeiro de Maio, onde participou num comício festivo animado por uma multidão que enchia parcialmente a área.

Quando o avião da República da Costa do Marfim, que o transportou na sua primeira digressão por cidades angolanas em década e meia, aterrou em Luanda, ao princípio da tarde, o seu primeiro comentário foi de que se sentia «bem». «Cá estamos»— exclamou.

Consigo, viajaram sua mulher, Ana Savimbi, o vice-presidente do movimento, Jeremias Chitunda, e o chefe de Estado-Maior General das FALA, general Arlindo Chenda Pena Ben Ben, entre cerca de quatro dezenas de pessoas, incluindo membros da UNITA e jomalistas estrangeiros convidados.

No aeroporto, Savimbi e a delegação foram saudados pelo governador provincial de Luanda, Kundi Paihama, e pelo chefe da delegação governamental a Comissão Conjunta Político Militar (CCPM), vice-ministro da Defesa António dos Santos França «Ndalu», além de delegações observadoras à estrutura que vigia e acompanha o cumprimento dos Acordos de Paz



para Angola. No comicio, Savimbi parafraseou ditos sobre o seu exílio, que foi exaustivamente falado durante o período dos Acordos de Gbadolite, para receber uma resposta entusiástica da multidão. «Aqui é o exílio? A capital de Angola como se chama? onde está Savimbi agora?», perguntou.

«Não é o exílio, a cidade é Luanda e o líder da UNITA regressou à capital angolana», festejou a multidão.

A multidão foi chamada a gritar outra palavra de ordem da UNITA, «Menongue (local de fortes combates entre a guerrilha e as forças governamentais) ponto de partida, Luanda ponto de chegada».

Em breve conferência de Imprensa à chegada, Savimbi disse que o importante nesta fase é garantir que «a paz é irreversível» e declarou-se pronto para conversações com as novas forças políticas angolanas, ainda não especificadas. «Pedi aos meus representantes (em Luanda) que contactassem todos os partidos emergentes, porque todos somos a Oposição», afirmou.

Sobre a designação que usam a seu respeito, «muata (chefe) da paz», Savimbi comentou que isso não o deixa orgulhoso: «Eu não sou orgulhoso, sou um combatente. As batalhas ganham-se e per-

dem-se. Quando se perde uma batalha, fica-se triste, quando se ganha uma batalha não se fica orgulhoso. O que interessa para toda a gente é a paz».

No largo Primeiro de Maio, disse que a UNITA percorreu «caminhos extremamente do-lorosos», com sacrificios de vidas, mas chegou a Luanda «através de um combate vitorioso, porque queriamos vir até aqui». Outra palavra de ordem exaustivamente aplicada no comício foi que «o galo negro (símbolo do movimento) voa», com a multidão gesticulando movimentos de asas.

A UNITA forçará o Governo «a fazer reformas profundas, qualitativas, para que social, política e economicamente sejamos todos iguais, para beneficio da paz em Angola», disse. A UNITA pretende a valorização dos quadros angolanos, repetiu Savimbi, retomando a tónica dos seus discursos durante a primeira digressão nacional.

A UNITA quer cooperação, mas esta não poderá «substituir» os angolanos, disse, acrescentando que «vamos valorizar os angolanos porque o futuro da pátria depende só do angolano».

Recorreu a memória de lideres angolanos históricos, que «nos legaram este património que é nosso e só nosso», e repetiu a mensagem que utilizou esta semana na digressão por Huambo, Lubango e Lobito, de que a UNITA colabora com o Governo no plano da paz, mas pretende-se afirmar como movimento de Oposição.

PERLICO
TERCA-FEIRA 24 SETEMBRO 1991
Savimbi

em digressão

O LÍDER da UNITA, Jonas Savimbi, inicia hoje o seu primeiro périplo do pós-guerra pelas cidades de Angola, indo ao Huambo, ao Lubango e ao Lobito antes de chegar a Luanda, no domingo, e de ir em seguida aos Estados Unidos, a

fim de ser recebido na Casa Branca. Por seu turno, hoje mesmo, o Presidente José Eduardo dos Santos inicia uma visita de dois dias a Londres, de onde segue para Bruxelas, a fim de visitar tanto a Bélgica como a sede da Comunidade Europeia. Na capital britânica contacta o primeiro-ministro John Major, a secretária de Estado para o Desenvolvimento Externo, Lynda Chalker, e dirigentes de grandes grupos económicos.

# A Jamba já está em Luanda

PIBLICO SEGUNDA FEIRA 30 SETEMBRO 1991

galo já voa, já voa, já voa, já voa... ié, ié, ié...", gritou ontem à tarde em Luanda a voz cansada e emocionada de Jonas Savimbi para a multidão, no comício ocorrido imediatamente após a sua chegada ao aeroporto e que juntou 60 mil pessoas no Largo Primeiro de Maio, o local habitualmente utilizado pelo MPLA para levar a cabo os seus próprios comícios. "Mas eles nunca conse-

"Mas eles nunca conseguiram encher nem metade deste espaço...", dizia, convicto, ao PUBLICO, um dos elementos da UNITA ali presentes

"Estou no exílio? Isto é o exílio?" — Era ao vivo e em carne e osso, o ex-guerrilheiro, o sobrevivente, falando já na capital angolana para a mole humana que usava os bonés verdes e vermelhos da UNITA, vestia "t-shirts" com o rosto do seu líder estampado e ondulava incessantemente ao som das palavras do animador e da música gravada: desta vez a banda mu-

sical da Jamba não chegou a tempo para actuar.

#### Discurso nacionalista

Savimbi subiu hoje aqui o tom do discurso marcadamente nacionalista que tem vindo a proferir ao longo do seu périplo por quatro cidades angolanas e que tem substituído uma mensagem mais definidora daquilo que virão a ser as linhas programáticas da UNITA ou o seu ideário político.

"A cooperação não pode substituir o angolano, não pode. Angola é dos angolanos, pertencemos a África. Temos vocês e nós um destino e não precisamos e não queremos que ninguém nos substitua."

"Quem definiu o angolano no Alvor, em 1975, fui eu. Passei esse papel ao Tony da Costa Fernandes e ele entregou-o ao Mário Soares..."

Mas o recado principal viria logo a seguir: "O Governo não pode tratar a UNITA como aos outros movimentos.

Não pode ε eu não vou deixar, mas quem não vai consentir nisso são vocês..."

Eram 13h39 quando o Fokker 100 de Houfhout Boigny aterrou no Aeroporto 4 de Fevereiro. Seis minutos depois, Jonas Savimbi, com a sua farda de general e o inseparável bastão, desce devagar os degraus da escada do avião e ergue o braço num gesto de saudação para as personalidades que se concentravam perto da passadeira vermelha e para os inúmeros militantes e simpatizantes que se aglomeravam na varanda do edificio. Perto do avião, um grupo de mulheres trajadas com panos africanos e distintivos da UNITA dançavam e cantavam sob um céu de nuvens fechadas e uma atmosfera de uma humidade viscosa.

No terreno em frente ao aeroporto concentravam-se milhares de pessoas — Savimbi iria saudá-las antes de partir para o comício —, algumas das quais se dirigiram para ali na madrugada de hoje, o que o líder da UNITA

pudera de resto entrever quando o avião se fazia à pista a actuar.

#### Regresso definitivo

No decorrer do voo, concentrado junto ao vidro da sua janela, no amplo e confortável compartimento situado na parte dianteira do avião - e onde se sentam exclusivamente o vice-presidente Jeremias Chitunda e o poderoso chefe de Estado-Maior das FALA, o general de 35 anos Arlindo Ben Ben, exausto, disse ao PUBLICO: "É o momento histórico por excelência depois de Agosto de 75. Agora vivo o oposto dessa data: a Jamba foi o refúgio e caminhada, agora é o regresso definitivo.'

Após saudar — com incrível dificuldade e rodeado por inúmeros dos seus seguranças — o governador provincial de Luanda, Kundi Paiama, conhecido pela sua feroz oposição ao movimento de Savimbi e até há pouco responsável do MPLA para as questões de se-

gurança, Savimbi cumprimentou também o general França N'Dalo e os três observadores à Comissão Conjunta Político-Militar, o português António Monteiro, o soviético Vladimir Pethukov e o norte-americano Jeofrey Mellington, bem como autoridades eclesiásticas e personalidades da UNITA, e general Puna, ex-secretário geral desta organização, Fátima Roque e outros que haviam já viajado para a capital angolana. Minutos depois, e ao fim de momentos de indescritível confusão, com a segurança a rebentar pelas costuras, os rostos suados e uma indisfarçável impaciência, Jonas Savimbi conseguiu finalmente entrar no edificio do aeroporto para uma breve conversa com os jornalistas, que tiveram de remover o céu e a terra, gritar, acotovelar-se e andar aos encontrões para o poderem seguir.

Cá fora, entretanto, ouviam-se ainda palmas e vivas, enquanto continuavam os abraços emocionados e os beijos molhados de lágrimas.

"Estamos aqui pela paz e para a paz. O outro tempo aca-bou já" As primeiras nalavras 'As primeiras palavras públicas de Savimbi na capital angolana repetiriam, afinal, recados ouvidos no Huambo, no Lubango e depois no Lobito e resumem aquela que é a sua prioridade absoluta: a necessidade da paz, a fé em que ela seja, a partir de agora, irreversível. É sublinhando o que é hoje, após 16 anos de guerrilha e de matas, o seu posicionamento político e o do seu partido, Jonas Savimbi foi determinante e determinado: "Estamos dispostos a colaborar com o Governo e o MPLA nos quadros dos acordos de paz de Bicesse, mas somos oposição. O nosso posicionamento é esse."a actuar.

#### Ensaio geral no Lobito

Na véspera, tivera, no Lobito — a cidade onde se observaram sinais mais evidentes de que se vive uma fase de pré-campanha eleitoral —, um bom ensaio geral para hoje: numa praça da cidade, entre 40 mil e 50 mil pessoas ouviram, pela primeira vez desde há muito tempo, Savimbi falhar-lhes directamente. Um comício enérgico e vivo, porventura o mais radical de quantes lhe vimos fazer até aqui e onde, à semelhança do que vem ocorrendo, alternou o português com o dialecto umbundo.

"Queremos vir para a cidade. A Jamba foi a base da
resistência, esse tempo já
acabou. Porque é que o Governo não aceita a transparência, de que é que tem medo? Afinal, se diz que governou bem durante 16 anos,
porque tem medo agora? As
nossas casas continuam ocupadas... A luta tem de ser
aguda para completarmos o
nosso destino.

"A luta será renhida não só contra os do Governo e do MPLA, mas também contra os de fora. Temos de redefinir Angola face ao mundo e à África. Angola não pode viver a olhar para o Brasil..."

O Lobito foi mais uma etapa desta caminhada em claro crescendo. E um bom teste. Após uma longuíssima reunião com militantes e quadros locais da UNITA, que ocorreu à tarde, no hotel em que a comitiva ficou instalada no Lobito, Jonas Savimbi teve ainda, às dez horas da noite, uma conferência de impressa com jornalistas locais e com o grupo que desde o início o tem acompanhado nesta "tournée".

Foi tão claro como eloquente: "Agora estamos em cena, o Presidente José Eduardo dos Santos e eu... Tenho muito respeito por novos partidos, estou disponível para os receber amanha em Luanda, mas quem está em cena somos nós os dois. Agora vai aquecer, agora entrei em cena e fico... Há dias disse ao Lopo Nascimento que tinha a minha palavra de que a guer-ra tinha acabado. Mas quando ele me perguntou se a luta agora iria ser dura, disse-lhe que sim. Eu quero essa luta muito dura..." •

Os luandenses saíram à rua para receber Savimbi, que, num comício curto, exortou à unidade de todos os angolanos na construção da paz e na recuperação da cidade, transformando-a no que era dantes — «a mais bonita capital de África»

### Combate deu a Savimbi o direito de regresso

Ana Glória Lucas

Enviada especial

O REGRESSO dos combatentes é o prémio dos que lu-tam Quem não luta não re-gressa - A frase, proferida tentes e o premo dos que lutam Quem não luta não regreasa - A frase, proferida
ontem, em Luanda, por um
elemento da UNITA, reflecte
o espirito com que Jonas Savimbi voltou à capital do
país. 16 anos depois de ter
aido expulso da cidade. E foram muitos os que o receberam também nesse espirito,
talvez até bem mais do que
algumas previsões diziam.
Savimbi voltou a Luanda.
Só por alguns dias, por enquanto. E voltou com uma
mensagem de paz, de valorização de Angola e do Angola
no, de liberdade de religião,
de diálogo. Mas também uma

zação de Angola e do Angolano, de liberdade de religião,
de diálogo. Mas também uma
mensagem que diz: estamos
aqui porque lutámos por isso
e não vamos consentir que
nos ignorem.

O dirigente da UNITA falou ontem, em Luanda, num
comicio organizado na Praça
da Independência (ex-Praça
Primeiro de Maio), o mesmo
local onde o Presidente José
Eduardo dos Santos reuniu
uma gigantesca multidão, no
seu regresso da assinatura
dos acordos de Bicesse. Era
deade logo um desafio, um
medir de forças entre grupos
políticos antagónicos que se
sentaram à mesma mesa a
negociar a paz, mas não esquecem que, daqui a sensivelmente um ano, irão defrontar-se nas urnas. E se
não estiveram as cem mil
peasoas calculadas por fontes
da UNITA, também não faltariam muitas, sendo as 70
ail o número mais frequentem eolho- para calcular temente apontado por quem tem -olho- para calcular

«Esta terra nunca mais de-veria conhecer a guerra, só a

paz E a paz não é obrigação do Governo ou da UNITA, é obrigação de todos os angolanose, declarou Savimbi, num discurse em que mais uma vez ficou bem patente o seu imense poder de comunicação com as massas.

E, mais incisivo, sa huta fratricida de 16 anos em Angola não se explica. Devíamos ter vergenha de nos termos combatido entre nós própriose.

Savimb: reconheceu que os caminhos percorridos para chegar a Luanda foram ex-tremamente dolorosos, camitremariente dolorisos, cami-nhos a que generosamente cedemos o nosso próprio san-gue-, mas não deixou de su-blinhar que a chegada à capi-tal do pais foi conseguida -não através de clemência, mas de um combate vito-

mas de um combate vitorioso.

Insistindo no papel da UNITA em todo o processo actual. Savimbi sublinhou que, se o seu movimento «enfraquecer, ninguém mais pode fazer pressão sobre o Governo», «não haverá mais ninguém capaz de o forçar a fazer reformas profundas, políticas a e sociais.

Acerca dos novos partidos que estão a surgir na vida política angolana, o dirigente da UNITA afirmou-se disposto ao diálogo com eles. Mas, sublinhou, «a UNITA é um partido antigo, está implantado em todo o pais, logo o Governo não pode tratar a UNITA da mesma maneira. Primeiro, porque não pode; segundo, porque não pode; segundo, porque não pode; segundo, porque não so não aceitamos. Somos combatentes».

Cooperação não pode substituir o Angolano

Savimbi falou igualmente a necessidade de formação e



Após terem recebido o líder da UNITA no seroporto de Luanda, cerca de 70 mil pessoas ouviram-no no comício realizado na Praça da Independência (Luas

valorização dos quadros angolanos e do papel que a classe empresarial do país tem a
desempenhar no futuro. Exprimiu o desejo de que «o
quadro angolano seja valorizado», pois a «cooperação não
pode substituir o Angolano,
primeiro é o Angolano.
Apesar de se reafirmar
como movimento de oposição
ao Governo, afirmou estar de
acordo com este quando afir-

acordo com este quando afir-ma que não foi só a questão da guerra que entravou o progresso e o desenvolvimen-

to do país mas também a in-

to do país mas também a in-competência.

Reconheceu ainda que An-gola -precisa de investimen-to-, mas que primeiro estará sempre o cidadão angolano.

-A classe empresarial angola-na precisa de ser encoraja-da-, declarou.

Savimbi abordou em segui-da uma série de outros te-mas, aproveitando para des-mentir acusações atribuídas à propaganda e tocando te-mas como o racismo e a liber-

Num dos momentos altos de comunicação com os presentes, afirmou: «Muita gente aqui, por causa da propaganda, pensava que eu era um animal.» E perguntou repetidamente à multidão «Eu sou um animal?», para repetidamente auvir a resposta «Não!»

Savimbi insurgiu-se também contra a «propaganda racista»: «Alguns dizem que a UNITA não quer os brancos, não quer os mulatos. É propaganda para nos dividir. Num dos momentos altos

Não vamos aceitar mais divi-sões, precisamos de unidade-para alcançar objectivos.

-Há aves de mau agoiro-, prosseguiu, -que falam de luta entre protestantes e ca-tólicos. Não há Queremos apenas que quem acredita em Deus não tenha vergonha de o dizer lá onde quer que esteja.» ·Há aves de mau agoiro-

#### A importância das eleições de 1992

Inevitavelmente, Jonas Sa Inevitavelmente, Jonas Sa-vimbi focou também a ques-tão das eleições, frisando que -o que acontecer em Setem-bro de 1992 vai condicionar muito tempo a vida das gera-ções vindouras... -Queremos eleições livres e justas Tem de ser o povo angolano a determinar o seu futuro sem pressões nem in-

futuro sem pressões nem in-timidações , acrescentou, salientando que, neste momen-to, Angola está ainda -a viver num sistema de partido

únicoSavimbi exprimiu ainda o seu apoio à luta de todos aqueles que exigem melhores salários e condições de vida -Quem não tem comida deve exigir. Quem não estiver satisfeito recorre à greve.
Focando um tema a que os Luandenses serão particular-

Luandenses serão particular mente sensiveis, Savimbi re cordou sinda que Luanda

cordou ainda que Luanda costumava ser -a capital mais bonita de África- e hoje -é suja-. Para terminar com um -queremos uma Luanda bonita, arejada, capital de todos os angolanos-.

O comício, relativamente curto, terminara. A alguns metros da tribuna, podiam ler-se nos cartazes slogans como «Savimbi, o presidente do futuro- ou -quem mandou neste país durante 16 anos? Chega!-.

# Recepção apoteótica ao líder da UNITA

Aguiar dos Santos

Correspondente em Luanda

Correspondente em Luanda

COM CERCA de três horas de atraso em relação à hora prevista, Jonas Savimbi chegou, finalmente, ontem à tarde a Luanda.

Dezaaseis anos após as suas forças terem sido expulsas pelas FA-PLA, a 15 de Agosto de 1975, Savimbi fez, sorridente, o V da vitória à saída do Folker 100 colocado à sua disposição por um aliado de longa data, o Presidente da Costa do Marfim.

Faltavam dez minutos para as

ranavam dez minutos para as 14 horas, e a aguardá-lo na placa do Aeroporto 4 de Fevereiro estavam Kundi Payama, governador provincial de Luanda, o general França Ndalu, vice-ministro da Defesa, e Salupeto Pena, chefe da delegação da UNITA na CCPM. Outras dezenas de militantes des delegação da UNITA na CUPM.
Outras dezenas de militantes das suas estruturas políticas na capital esperavam, perfilados ao longo de uma imensa fila, destacando-se Adão da Silva, ex-segundo-comandante da Policia em Luanda, e delegações de partidos políticos emergentes Representantes da

encontravam, nomeadamente a economista Fátima Roque e Luís Fontoura. O popular cantor Bonga

Fontoura. O popular cantor Bonga desdobrava-se em contactos e em declarações à rádio sul-africana considerava Savimbi uma eminente personalidade deste século.

Na pista, grupos de dança canta-wam em umbundo e repetiam à exaustão o refrão -UNITA, Savimbi já ganhou-. Espalhados pelo principal hangar viam-se disticos gigantes onde se lia -Savimbi, a nosse escolha-, militantes trajando camisolas com o retrato do líder da UNITA e os dizeres -Este é o nosso homem-. Enxergavam-se nosso homem. Enxergavam-se também siogans do MPLA, ao lado dos da UNITA, com esta curiosa mensagem: «Estou com o MPLA porque afinal é o melhor.

porque afinal é o melhor».

O ambiente era de agitação, mas
não se registaram quaisquer inci-dentes Ao redor da pista, várias dentes Ao redor da pista, várias dezenas de comandos especiais das FALA montavam protecção à che-gada do -Muata da paz-, reforcada Gezenas de comandos especiais das FALA montavam protecção à che-gada do -Muata da paz-, reforçada por um considerável número de policias, quase todos desarmados Antes da aeronave que trans

portava Savimbi aterrar, do interior do Hércules C-130 da Salair, o
avião que descarregou na passada
terça-feira armamento pecado em
Luanda, asiu um pequeno grupo
da guarda presidencial de Savimbi
munido de armas ligeiras e metralhadoras. Do tão propalado material pesado não se viram evidênrias a menos que estiveasem dissicias a menos que estiveasem dissi-

rial pesado não se viram evidências, a menos que estiveasem dissimuladas no interior da placa.

Quando, cerca das 14 e 20, Savimbi franqueou a fachada principal do aeroporto foi o delirio para milhares de aimpatizantes que, à mistura com curiosos, gritavam sié, ié, já ganhou». A muito custo um compacto cordão de aegurança, formado por elementos da Policia, que incluía efectivos a cavalo, pôde suster a curiosidade e o entusiasmo da população.

entusiasmo da população.

O cuidado das autoridades em manter um clima de calma e ordem, no que de resto a população correspondeu, pode atestar-se no facto de ter sido o vice-ministro do Interior, Armindo Espírito Santo, a comandar os efectivos ali destacados. Fontes policiais sublinha-ram ao DN a colaboração que, no domínio da segurança, foi possível estabelecer entre a UNITA e o Governo. Sintomática foi a susência das FAPLA ao longo de toda a área próxima do seroporto. No entanto, segundo as mesmas fontes, terá havido -um certo exagero- da parte da segurança da UNITA, atendendo so facto que, segundo disse so DN um oficial da Polícia, os acordos do Estoril estipulam que a ordem pública é assegurada por esta corporação.

Com Savimbi viajou um considerável número de jornalistas estrangeiros, a que se juntaram, já em Luanda, muitos mais com o objectivo de cobrir o seu esperado regresso à capital angolana. Dispondo de escassos cinco minutos, o encontro do líder da UNITA com a Imprensa gerou algum burburinho, aguardando-se, por isso, a conferência de Imprensa prevista para amanhá Apesar de escassez de tempo, Savimbi respondeu de forma fugaz às questões que lhe foram colocadas, acentuando a ne-escidade de neservar a naz concessidade de preservar a paz, cooperando com o Governo. No en-tanto, apesar desta cooperação, sublinhou que o seu partido é «um movimento de oposição» com um programa diferente, em todos os domínios, em relação so seu principal adversário político.

Em declarações ao DN, Savimbi disse que a UNITA não tem ainda qualquer posição sobre a sua eventual participação no forum de pacificação, emporato proposto.

tual participação no sorum de par-ficação e democratização, proposto pelo MPLA, adiantando ter muito receio de -tudo o que são forums e conferências- e sublinhando que

conferências- e sublinhando que existem outras coisas mais importan'es, como o de assegurar que -a paz é irreversivel-, que -ganhou, de facto, raízes-.

Inquirida a sua opinião sobre os partidos emergentes, Savimbi respondeu ser -boa, até ver-, dizendo-se, porém, disposto a receber os seus dirigentes, -até porque somos todos da oposição-. Quanto ao encontro com o Chefe de Estado, disse que os seus representantes esse que os seus representantes es-tão a tratar do assunto e que irá para o mesmo com -espirito de franqueza È preciso que nos entendamos no comportamento do Governo e da oposição- de forma a que a paz seja uma realidade.

### 0 **POTE** SAVIMB 16 anos depois = EM

Ø

O prescuente da Unido Nacional Des Angola (NITA). Jonas Sournet, chagolo unitan a unagola de Angola (NITA). Jonas Sournet, chagolo unitan a principa angola de Sex perporto por Cadades angolanas. No aeroporto, aque le dreganet, ane valore a pordo de um "Folker" prescienza de Costa do Martim. Folker" prescienza de angolanas. No aeroporto, aque ecantairam e dancariam os alegas rimos africanos. aglando et como militar de Lumitir. A esta sua deregardo for entreasisticamente bandeiras vertaes exementas de Lumitir. A esta sua delegação foramamental a Comassão Conjunta a Político Militar (ICPA), o vice-maisstro da Deservação toram recebidos no aeroporto pete governador de Lumitir. A esta de Lumitir de la ridependencia em 1973, dirigia-se impediamente para a Praza Primeiro de Mario porte e matériou una conflución de accomitamente dotre es antidependencia em portur de secuencia de la conformida de la pera chaga a reportur de la conformida de la conf

Newto defection a realizable to electron between the selectron brase a justes fazordo cost de que seja option arguinno cost de que seja option arguinno defectivo seu marmitables. El morandose a sem tramitables. El morando se sem tramitables. El morando se sem tramitables. El morando se sem con deviamas se morando de 16 morandos sentrales de lamos, comtesto orre rate proprima de lamos, comtesto orre prepara de lamos, comtesto orresidente de lamos, comtesto de perior gerando de la contra de la seguidad de la contra del contra de la contra d

bem-depositio.
Nes sus violates, Jonas Savimb
Nes autoriparitatio de sus multier.
Ana Savimb, que se mostrou sempre maito decreta do vue-prostdente da LMTA, Jenemas Châtinda, e do chefe do Estado Maor das
Forças Amadas de Libertação de
Angua FALA), general Afrido
Cherda Pera.

Huambo, o tempo incerto para tessa a capacidade municazion de Savimbi já seporis de Savimbi já seporis de esporar arisodario de a munidado de apociaries de juntara para recoter o serve da UNITA quase não que reperinamente se far a curvir, seguidos de uma a curvir, seguidos de uma

Hou & cora-Hou & cora-Mes. que risar, dizen-medo, nun-lemocracia, em que nos

nos cooperaties portugueses.
Savimb recordou que no passa
do so postos de trabalho mass
bem pagos eram ocupados portugueses amigos "Não é isto que queremos"—
garantu, para concluir "Oueremos ver os argodanos nos lugares de connando esses que
lém Angola no coração e não úlmpara ordos jr.
Falando sobre a capacidade
do seu pando. Savimb observou que a UNITA não partu da
alamba para Luanda. o hatuno
contarto de lua política eledica!
de mãos vazais: "Sabem muito
bem que de Estados Unidos
pormeteram combune a ajudar e
sesa ajuda servirá para bransformar o nosso movimento de guerritha em partido.

No Ludango, Jonas Savimbi
esca ajuda servirá para bransformar o nosso movimento de guerritha em partido.

Rou Ludango, Jonas Savimbi
esca ajuda servirá para transformar o nosso movimento de guerritha em constructuro de guerritha em consistente de se cumpram escruptus de se cumpram escruptus de des FALA, que se
cordens são para que se cumpram escruptus de des posses. "As Forcas

teria a URSS está a destazercomo um bolo, com cada um
finar a sua pare estando o pais
finar induzido à Russia. My
quem recizedo à Russia. My
quem recizedo à Russia.

que do Sué de pretina lenha m
horado.

O drigerte de UNITA escás
cou antá que nubo handa comedia
qualque campanha eletroral
qualque campanha eletroral
qualque companha eletroral
qualque companha eletroral
qualque companha estroral
per a segurança proque seo
ma, asporary broque seo
ma, asporary brodución eso
ma as segurary brodución eso
ma asporary brodución eso
ma contractivo eso
ma

reo Lobio. econicio de UNIT reunu corra de Omi pessoas. maor audencia de sua d gressão O seu decurso, em qu defendeu um novo nuno para i país. For voramente aplaudoc tendo a mulada colaborado en madamente, aglando ban denes com o símbolo de UNITA, e gaio negro.



Amadas dos dois exércitos de-van defender agora a paz com unhas e dentes porque defen-dem, em priméro lugar, as suas próprias vidas.

Na coassalo, o lider da UNITA não desco, o lider da UNITA não desco, de referir as prorisades na couçação dos postos de trabalho-Aviso que se a UNITAganhar as eleições de Sertembro de 1952, a coaperação comgo não é 1960; eu, ponho em
primeiro, esquado e terceiro lagares os angolanos, depois não
risan tas auste terras".

Refutando acusações à eventual cooperação entre a UNITA e
a Afriza do Sul; Savintis arguem incursões contra Angola a
pairo de broheira, mass on susso e
pairo de broheira, mass on susso e
e co cubandos penetraram nas
nossas vidas. A justiça está a ser

Não está ainde confirmado um eventual encontro com o presidente amplano. José Eduardo dos Santos Ouando regressar dos Estados Unidos Savimbi prosseguirá a deyressão pelas capitais provinciais.

Nes decursos profendos durante a primeira deyressán produción acuando de degente de UMITA, o humo to a nota dominante. De tacto. Savimbi, fazendo par a sua capacidade orabbia, entreneou os su discurso pelibro com comentános irónicos e bandos com comentános irónicos e para comentános irónicos e para comentános irónicos e para comentános irónicos e para como comentános irónicos e para comentános irónicos e para

# Comício resiste no mau tempo

#### Líder da UNITA quer encontrar-se com Eduardo dos Santos

# afirmou Savimbi na capital angolana

Mais de cem mil pessoas participaram ontem à tarde em Luanda, na Praça Primeiro de Maio, num comício em que o orador principal foi o presidente da UNITA, Jonas Malheiro Savimbi, de regresso à capital angolana, após 16 anos de guerra.

REGINALDO SILVA

Correspondente em Luanda

Um regresso - Savimbi fez questão de o salientar perante a multidão no Largo 1.º de Maio - vitorioso de alguém que nunca aceitou a política governamental anterior à assinatura dos acordos de paz de Lisboa, que visava a a integração dos elementos da UNITA na sociedade angolana e o exílio do seu lider.

O presidente do UNITA, que chegou a Luanda cerca das 14 horas locais, proveniente da cidade portuária do Lobito, onde cumpriu a terceira etapa do seu périplo provincial, iniciado na terca-feira no Huam-

bo, que prosseguiu depois no Lubango, foi recebido, no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, pelo governador de Luanda, Kundy Payama, e pelo chefe da delegação governamental junto da CCPM. o general António dos Santos França (N'Dalu).

No aeroporto estavam igualmente presentes os observadores internacionais junto na Comissão Conjunta Politico-Militar, a par de um número considerável de simpatizantes e militantes da UNITA.

Ainda no aeroporto. Savimbi falou brevemente à Imprensa, tendo adiantado, nomeadamente, que espera encontrar-se com o presidente José Eduardo dos Santos, durante a sua permanência em Luanda, estando para o efeito a diligenciar os representantes da sua organi-

De concreto, em relação ao encontro, ainda não há nada, para além das declarações de losé Eduardo dos Santos, em Bruxelas, na passada semana.

O chefe de Estado angolano admitiu, na ocasião, a possibilidade de se avistar com Jonas Savimbi, no caso deste lhe solicitar uma audiencia na sua aualidade de presidente da UNITA.

O discurso proferido pelo lider da UNITA foi marcado por algumas ideias fortes, com uma\* linguagem que se dividiu entre o amusculado e o populista», com lonas Savimbi a capitalizar o facto de se encontrar na capital angolana, onde segundo ele já foi considerad um animal pela propaganda governamental.

#### • Em busca da maioria absoluta

Savimbi voltou em Luanda a repisar uma das linhas de força que têm marcado o seu disseu périplo, na terca--feira.

Para Jonas Savimbi, a UNITA vai cooperar com o Governo para a consolidação da paz no quadro dos acordos de Bicesse. mas ninguém pode ignorar que o seu movimento é um partido de oposição ao Governo, que se vai empenhar na realização de eleições livres e justas pela conquista do Poder.

Numa das conferências de Imprensa que concedeu na semana passada. Savimbi foi demasiado claro ao afirmar que o melhor resultado das eleições seria a obtenção, pelo vencedor, de uma maioria absoluta, posição que em séu entender é a mais acertada, pois, só com tal maioria, um futuro Governo democrático em Angola estará em condições de governar sem grandes problemas.

Jonas Savimbi defendeu, por outro lado, o movimento grevista que assola actualmente o país, com particular incidência na capital angolana. como sendo a única arma que resta aos trabalha-

curso desde que iniciou o dores para defenderem os seus interesses

#### Racismo da UNITA é propaganda governamental...

O líder da UNITA considerou serem propaganda governamental as acusações de racismo que pesam sobre o seu movimento, tido em alguns circulos locais como um partido que não gosta nem de mesticos nem de brancos.

Savimbi admitiu ontem a possibilidade de um diálogo com os partidos emergentes, pois do seu ponto de vista todos os partidos têm os mesmos direitos.

Porém, de acordo com as suas palavras, o Governo tem de reservar um tratamento especial a ele e à sua organização, que não podem ser tratados da mesma forma que os outros partidos emergentes.

Savimbi disse que o

Governo não pode fazer isso e que a sua organizacão não irá aceitar tal nivelamento.

A UNITA, destacou Saotnemivem mu è idmiv antigo, que está instalado em todo c país, que conhece a alma dos homens, os seus problemas e as suas ansiedades.

Referindo-se particularmente ao grave problema habitacional que existe em Angola, Jonas Savimbi disse ser impensável que alquém como ele que «luta há 30 anos» não tenha neste momento uma casa e «prometeu para breve uma resolucão deste problema, que tem vindo a condicionar a actividade do seu movimento. Este problema, da falta de habitações e outras instalações, tem vindo a criar muitos problemas entre o Governo e a UNITA em várias cidades do pais.

Por exemplo, no Huambo e no Lobito, a UNITA tem estado a reclamar a devolução de propriedades que tinha antes de ter abandonado as cidades como consequência da sua derrota em 1975.

# Trying to Win the Peace

### Savimbi returns to Angola as a candidate

ust as Jonas Savimbi's plane touched down outside Huambo last week, a jarring thunderstorm broke over the central Angolan city. The downpour failed to dampen the spirits of the 10,000 people who trekked to the airport to give the leader of the U.S.-backed UNITA rebels a rousing welcome home. Savimbi grew up in the region's fertile central highlands, and it was the first time he had set foot in Huambo since Cuban-backed Angolan government troops drove his guerrillas out of the city in 1976. This time the occasion was far more joyous: Savimbi had chosen the land of his native Ovimbundu tribe to kick off his presidential campaign for Angola's first free, multiparty elections scheduled for the second half of 1992.

Savimbi's tour of the region amounted to an early testing of the political waters after May's superpower-brokered truce, which ended a 16-year-old civil war between UNITA rebels and the leftist government in Luanda. The 57-year-old guerrilla chief should have been encouraged by his reception outside his longtime redoubt in southeastern Angola; in the agricultural center of Lubango, the Luanda-appointed provincial governor greeted Savimbi warmly, and later in the week 40,000 attended a rally in the port city of Lobito. Even the state-run television network covered a portion of his campaign. But after nearly two decades of bitter fighting in which more than 300,000 people died, there is no reliable way to gauge public opinion—especially in an election race that pits UNITA against the ruling Popular Movement for the Liberation of Angola (MPLA). Savimbi concedes as much. "I am convinced that UNITA is going to win, but if you ask President [José Eduardo] dos Santos he'll say the same thing," Savimbi told reporters. "The important thing is whoever wins, we have to support."

The contrast between the two men could hardly be starker. In his tour of the same area in May, the Angolan president did little to dispel his bland technocrat's image, and his dark business suits and soft-spoken style lulled many of his listeners to sleep. Savimbi, on the other hand, harangued his audiences in the manner of an old-fashioned populist as he barnstormed from city to city. Dressed in his trademark olive green four-star general's uniform

and red beret, the gun-toting Savimbi alternately provoked titters of laughter and hearty applause as he railed against corrupt MPLA officials and the Cuban and Soviet "neocolonialists" who propped them up for so long.

Savimbi seems to have taken to politics. He blends nationalist rhetoric ("Why should an Angolan doctor earn less than a foreigner doing the same job?") with frequent appeals to his countrymen to help make the "fragile" cease-fire agreement work. Though the UNITA insignia on the officers' uniforms reads "country, liberty, democracy, socialism," he makes no mention of the last. Nor does he offer any specific proposals for rebuilding Angola's economy or finding shelter for the estimated 500,000 left homeless by the war. A selfstyled Maoist at 30, who became a Ronald Reagan "freedom fighter," Savimbi is now a political chameleon who keeps his message fuzzy. "The socialism of [France and Portugal]—not the socialism of Lenin—is the socialism we need," he says today. "[But] peace is to me the most important thing, [even] before democracy.'

One-man show: Angola's transition to democracy may prove difficult for everyone involved. Last month Savimbi briefly pulled out of the Joint Political and Military Commission set up to monitor the cease-fire, apparently to distract international attention from dos Santos's historic first visit to the White House. Savimbi has run UNITA as a virtual one-man show since its founding 25 years ago, and he openly bristles at allegations of past human-rights abuses leveled by UNITA dis-

sidents. Dos Santos is certain to raise these accusations as the campaign picks up, though Savimbi can counter that peasant massacres and other excesses of war were not the exclusive domain of his fighters. In addition, foreign military observers say that some of the 50,000 UNITA fighters who Savimbi claims have converged on "assembly points" established under the truce accord are experiencing serious food shortages. Savimbi says the United States has pledged to furnish emergency food supplies to his rebels and MPLA government soldiers within the next few weeks.

Savimbi is trying to bolster his base of support by attacking dos Santos's credentials as a political reformer who has now recanted his onetime adherence to Marxism-Leninism. He points to the MPLA's exclusive control over the oil-rich country's radio and television networks and warns that the ruling party will use all the state's resources to boost dos Santos's prospects at the polls. "Nothing has changed," says Savimbi. "We are still living in a one-party system." For large numbers of Angolans who will vote to. time next year, that message is bound to strike a chord. "People are fed up, and a solution of government," says they want a change of government, Teodoro Elias, the director of a parochial school in Huambo. "They lived under the same regime for 15 years, and they didn't like the poverty and misery." In the end, such feelings of disenchantment with the MPLA may be Jonas Savimbi's best hope for peacefully ousting the leftist regime he could not defeat on the battlefield.

JOSEPH CONTRERAS in Huambo

#### O Comércia do Porto

30/SETEMBRO/1991

#### GUINÉ BISSAU: MAURITANOS REFUGIAM-SE NO CONSULADO

Centenas de cidadãos mauritanos estão refugiados desde o início da tarde de ontem no Consulado Geral da Mauritânia em Bissau, para escaparem à fúria popular, após um incidente verificado sábado à noite, de que resultou a morte de um jovem guineense.

Efectivos do Exército e da Polícia encontravam-se também desde o princípio da tarde a guardar as residências e estabelecimentos comerciais de mauritanos, na sequência de uma autêntica «caça ao homem» e a bens de cidadãos da Mauritânia.

O incidente que desencadeou esta fúria popular verificou-se por volta das 23 horas de sábado, quando um jovem guineense, de cerca de 20 anos, tentava comprar um maço de tabaco num estabelecimento comercial de um mauritano.

De acordo com testemunhas oculares, o jovem guineense pagou o tabaco com uma nota de 5 mil pesos e não recebeu o troco devido, 2.500 pesos.

O cidadão mauritano alegou que o jovem não lhe tinha

O cidadão mauritano alegou que o jovem não lhe tinha dado dinheiro nenhum, e a discussão entre os dois estalou, tendo-se nela envolvido outros mauritanos presentes no local, e elementos da população.

No calor da discussão, o comerciante mauritano entrou na loja e pegou numa caçadeira, tendo então desfendo um tiro no jovem guineense.

Pi BLICO Prisões em Bissau SEXTA-FEIRA 27 SETEMBRO 1991

QUATRO MEMBROS da Frente Democrática, grupo de oposição liderado por Aristides Menezes, foram presos na terça--feira em Bissau quando se "manifestavam pacificamente" por ocasião do dia nacional. A notícia foi dada ontem pelo próprio Menezes, segundo o qual inicialmente foram presas seis pessoas, mas duas acabaram por ser libertadas. •

21 SEŤ 91

SEMANÁRIO

### Guiné congelada

O Banco Mundial pode congelar a terceira fatia de financiamento do programa de ajustamento estrutural da de ajustamento estrutural da Guiné-Bissau se o país não respeitar os seus compromissos. Compromissos que consistem na redução das despesas públicas, combate à inflação, reem-bolso dos ampretimos concedidos aos. empréstimos concedidos aos' emprestimos concedidos aos agentes económicos e membros do Governo e medidas para fixar a taxa de câmbio da moeda nacional ao nivel do mercado paralelo. Já em 1989, tanto as autoridades do Banco Mundial como as do Eundo dial como as do Fundo Monetário Internacional haviam ameaçado suspender o seu auxilio àquele pais, afirmando que o Governo estava a combeter "erros de governação".

PUBLICO

SEGUNDA FEIRA 30 SETEMBRO 1991

CAÇA AO HOMEM EM BISSAU-Centenas de cidadãos mauritanos refugiaram-se desde o princípio da tarde ontem no Consulado-geral da Mauritánia em Bissau, para escaparem a fúria popular, após um incidente verificado sá-bado a noite de que resultou a morte de um jovem guineense. Efectivos do Exército e da policia guardavam ontem à tarde diversas residências e estabel-cimentos comerciais de mauritanos na capital guineense, na sequência de uma autêntica "caça ao homem" e bens de cidadãos da Mauritânia. O incidente. que desencadeou a revolta dos popula-res, verificou-se cerca das 23h00 de sábado quando um jovem guineense. com cerca de 20 anos, tentava comprar um maço de cigarros num estabelecimento comercial mauritano, tendo pago os 2500 pesos do pacote com uma nota de 5 mil, sem ter recebido o troco. O comerciante alegou não ter recebido di-nheiro nenhum, após o que a discussão degenerou em tumulto entre guineenses e mauritanos

> PIRILO SEXTA-FEIRA, 27 SETEMBRO 1991

#### FMI, BM e SFI em Cabo Verde

TRÊS delegações de organismos internacionais fi-- Banco Munnanceiros · dial, Sociedade Financeira Internacional (SFI) e Fundo Monetário Internacional (FMI) — encontram-se actualmente em visita a Cabo Verde. A missão do Banco Mundial tem por objectivo actualizar os dados económicos deste país. A delegação já foi recebida pelo pri-meiro-ministro, Carlos Veiga. A equipa da SFL acaba também de chegar ao país, visando o apoio ao sector privado cabo-verdiano, nomeadamente nos sectores industrial, comercial e turístico. Quanto ao FMI, os seus representantes cumprem a sua visita de trabalho bianual ao arquipélago, tendo como principal ponto de atenção a política monetária e financeira do Governo.

é-se de um fólego, mas o melho é-se de um fólego, mas o melhor nem é isso. O melhor é que nos surpreende, até à última linha ficamos suspensos, a ver se... O mesmo com o autor — quem diria que este tipo de quase dois metros de altura, que encontro num andar qualquer, ali na Reboleira, é advogado, deputado pelo MPD, e só aos 44 anos se estreou nas letras com este livro... escrito numa semana!

Assim ele mo diz, ouvindo do prazer que tive em lè-lo, foi pegar e só largar para marcar a entrevista, que conversa vai ser, sem formalismos.

sem formalismos

sem formalismos.

\*Escrevi-o à mão para desopilar» — diz-me, para acrescentar que, então, andava
com outra livro às voltas. Um romance que,
como este, já saíu em Cabo Verde, também
na Ilhéu, a única editora privada do Pais. O tal livro que acabaria por ser o segundo, chama-se «O Meu Poeta», a primeira incur-são literária no Cabo Verdo pós-indepen-

dência

Masis — revela-me Germano — nas pessoas diziam que ainda era cedo para tal abordagemis. Els porque Germano parou com «O Meu Poeta» e desatou a escrever «uma história» «O Testamento do st. Napumoceno da Silva Araújo»

A advocacia serviu de ideia ao autor. Assimi um dia, o dr. Germano Almeida, no exercício das suas funções forenses, teve que abrir um testamento. So que não era um testamento qualquer, mas uma carta, na qual alguém explicava o porqué de deixar isto a este, não deixar aquilo àqueloutro. Germano achou cunoso. achou curioso. "O Testamento..." nascera. No primeiro

capítulo, depara-se-nos a abertura de um testamento que levará uma tarde a ler. O tempo para o falecido dizer a quem deixava o que, enquanto escrevia algo como as suas

Depois deste achado, nova surpresa no capítulo seguinte. Julgar-se-ia o convencio-nal «flash back». Qual qué. Há «flash back». sim senhor, mas tudo isso se mistura com o presente das personagens citadas no testa-mento e mesmo outras.

mento e mesmo outras.

Pelo meio, ficamos a saber muito do viver em São Vicente, dos anos 40 à actualidade à Germano Almeida, porém, vai mais longe e geonsegue esboçar um retrato humano e uma inesquecível história de amor, uma tal Adélia é o motivo, deixa-lhe em testamento o sr. à Napumoceno — imaginem — o «Só», de António Nobre!

Não terá sido por isto que a live.

António Nobre!

Não terá sido por isto que o livro esgotou em Cabo Verde (vai na segunda edição). mas porque — explica o autor — «as pessoas já estão cansadas da literatura da fome, da seca e da miséria, embora tenha sido ela que, numa dada altura, nos reforçou a identidade».

Uma identidade que neste livro se reforça, mas de modo diferente do literariamente tradicional. É que esta é uma história algo picara, com humor e amor à mistura, sem recurso a personagens ideais ou heróis negativos. Todos têm que se lhes diga, de todos acabamos por gostar. E não só nós, leitores comuns. Também um bom poeta português: Pedro Tamen, para o caso. edro Tamen, para o caso

#### Filme à vista

Filme à vista

Se isto se revela é porque «O Testamento...» pode dar um filme. De Pedro Tamen ler o texto a um brasileiro se oferecer para escrever o guião e a surgir já um realizador indigitado foram passos de que Germano Almeida não me explica em pormenore. Tão só o suficiente para eu ficar a saber que o tal brasileiro quer modificar o final do livro.

Ponho-me de ouvido à escuta do que Germano me conta e fico apreensivo. É que no livro não há «happy end» nenhum, «tudo acaba, de repente, porque, de súbito, percebi que não havia mais nada a dizer» — diz-me ele. Ura no guião, haveria um casamento final, estilo telenovela, essa versão audioxisual, moderna e «kitsch» do melodrama novelístico portugués.

Transformar uma obra literária que nada



# Germano Almeida

# **Uma história** para desopilar

Escreveu-a numa semana, lê-a a gente em duas horas. Com prazer, que este livro é uma maravilha. Título: «O Testamento do sr. Napumoceno da Silva Araújo». Autor: o cabo-verdiano Germano Almeida, que aqui diz da sua obra de estreia e de si também. Fica-se a saber que é deputado e doutor e, já agora, um tipo giro.

tem a ver com o universo literario lusitano, antes na grande ársore genealogica do ro-mance sul-americano entronea — querer transformá-la assim é não entender o livro

transformá-la assim é não entender o livro-Mas há outro perigo, o de o filme ser mais decumental de que ficção, com paisagem & folclore, que Cabe Verde — para estrange-ro vei — proporciona-se. É eis como se ultrapassaria a dificuldade maior, que é a do-realizador ser capaz de capitar a alma das personagens, a alma também de uma certa pequena burguesta cabo-verdiana. Resumindo, às tantas dou por mima falar mais do que Germano Almeida, atrevendo-me mesmo a alertá-lo para os riscos de, passado a filme, do seu romance restar a casca.

casca
Quando me apercebo deste atrevimento, mudo de agulha e desato a perguntar. É então que Germano diz que nasceu na ilha da Boasista, lá siveu até aos 20 anos, após o que em Lisboa, em 1975, se formou em Direito, não sem antes ter feito a tropa (e a Guerra Colonia) em Angola) como soldado ravo (echumbo) no Curso de Sargentos Milicianos».)

licianos»).

«Com essa altura toda?» — pergunto para ver se descubro segredos, mas não Germano ri-se, bem disposto, o metro e noventa e três deu-lhe para a bonomonia, nem o imagino a tentar convencer uma comissão internacional de juristas que os Direitos do Homem não eram respeitados. Direitos do Homem não eram respeitado em Cabo Verde no tempo do PAICV n

Ele conta-me isto lembrando que «esta-vam dezasseis pessoas presas ilegalmente». «Dezasseis?» — somiram os juristas, face à dimensão do debito num continente que é o que se sabe Germano, agora, também n reconhecendo que, de facto, «a repressão em Cabo Verde, mesmo com o PAICV, nunca foi muita». Dami selv.

mechnicenno que. de racto. «a repressavem Cabo Verde, mesmo com o PAICV, nunca foi muita».

Daqui salto para o «como é agora em Cabo Verde, com o MPD?». Diz-me Germano que na «cultura há projectos» mas tem que ser devagar, porque o analfabetismo é grande, esgotarem os 750 exemplares da primeira tiragem do seu livro foi excepcional.

Espanto-me, mas Germano garante que sim, taxa semelhante à do analfabetismo só a do desemprego. 60% «Então como é que em Cabo Verde há de tudo?» - pergunto Que sim—responde ele — «ñão falta nada, as remessas dos imigrantes servem para alguma coisa», mas se há quem possa compara whisky, «também há quem viva a chá do mato e bolacha».

#### O Português permanece

Não sei se «O Meu Poeta» fala disto, o que fico a saber é que fala «dos oportunismos pós independência», já tal surge, de relance, na história do sr. Napumoceno. Dr qualquer modo, do segundo livro de Germano Almeida em breve saberemos, que a Caminho, depois do previsível êxito deste livro agora lançado em Portugal, já se prepara para editar o segundo, no início de 1992.

Estamos numa de revelações quando mes

1992.

Estamos numa de revelações, quando me lembro de perguntar porque é que o crioulo está ausente de «O Testamento...». É simples: Germano escreve mal em crioulo, lé-o com dificuldade. Em casa — uma casa como se não calcula, basta dizer que Germano tem 24 irmãos! — o pai falav a Português e a mãe crioulo. A síntese, em pequeno, para Germano foi fácil Depois, o Português impós-se.

pós-se.

A conversa no fim e eu a querer saber do futuro do Portugués em Cabo Verde. Germano peremptóno: «Não tenho dúvidas que vai permanecer. Não tenho dúvidas, nem deseps o contráno, muito embora o Portugués de lá não possa sere xactamente o de cá Mas tem que permanecer. Se o críoulo se oficializas : como língua, nós, que já estamos tão isolados, mais isolados do Mundo ficariamo. Como Portugués xabemos que ficariamos. Com o Português, sabemos que há milhões que nos entendem».

Rodrigues da Silva

P(RLICO DOMINGO, 29 SETEMBRO 199

# Não há "eslovenos" nem "croatas" na Guiné-Bissau

#### António Nhaga

epois do fuzilamento dos seis combatentes do PAIGC, que denegriu a imagem da política externa do país e dos seus cidadãos, particularmente dos que vivem no estrangeiro, o tema da discussão dos guineenses na praça da Figueira, no Rossio eram as novidades do Estádio José de Alvalade, da Luz, das Antas ou dos seus compatriotas que militam no futebol português. Andavam totalmente à margem da política do seu país. Todos fugiam daquele que tentasse dizer a mínima coisinha do sistema político que vigorava no país.

Hoje, "guineanamente" dizendo, no "Bantaba" da praça da Figueira o tema mais aquecido é, sem dúvida, a política nacional. De um lado, os adeptos da oposição, de outro os do PAIGC.

Neste confronto, há sempre quem coloque o acento tónico na questão pluriétnica, considerando que é o factor número um da instabilidade política da quarta república que se pretende encetar.

Apesar dos gregos e troianos serem difíceis de se agradar, não partilhamos a opinião destas pessoas, que, não tendo argumento para enfrentar os seus adversários, batem constantemente na mesma tecla — a plurietnicidade é actualmente o "handicap" número um para a instauração do multipartidarismo na Guiné-Bissau. Não há, de momento, outro nome para estas pessoas senão o de comodistas do monopartidarismo, se até então não descobriram que a aceitação da fronteira colonial (apesar de ser imaginária) e a riquíssima experiência de coabitação social do povo da Guiné durante a luta armada da libertação nacional desmoronou por completo, no seio dos guineenses, a ideia da etnicidade quando se trata das questões candentes da nação guineense e lhes facultou uma visão que possibilita que ajam numa dimensão macronacional. È impossível haver culto da personalidade neste sentido na Guiné-Bissau. Qualquer forca política que faca irracionalmente um apelo à componente étnica para ganhar as eleições livres e democráticas, sofrerá um efeito de "boomerang" que será, sem dúvida, desastroso para esta forca política.

Se houver uma situação injusta ou uma revolta contra qualquer acto político, é certo que na solução a unidade nacional imperará em detrimento da etnicidade. É preciso não esquecer que o povo guineense já têm experiência de três repúblicas diferentes: a primeira principiou nos primeiros meses de 1974, antes de 25 de Abril,

no Boé Oriental, a segunda depois do 25 de Abril e a terceira iniciou a sua actividade na noite de 14 de Novembro de 1980. Não obstante estas repúblicas funcionarem sempre com o mesmo partido político, possibilitaram que os guineenses conhecessem, minimamente, o funcionamento do sistema partidário. Por conseguinte, por mais que não conheçam o novo sistema que irá reger a quarta república, sabem muito bem como funciona um partido. Pelo menos como Cabral queria que funcionasse um partido político, sem, contudo, imiscuir a acção política com a etnicidade.

Portanto, se a quarta república criar uma estrutura de Estado onde haja uma absoluta discussão das questões candentes da nação guineense, onde o multipartidarismo não seja apenas o prolongamento do poder central, à margem da estrutura de controlo popular, assistiremos no país a uma verdadeira Democracia nacional e genuinamente guineense.

Portanto, o facto de o poder central das duas últimas repúblicas nunca ter sido submetido ao controlo popular talvez tenha logrado muito as pessoas que hoje dizem que as etnias são obstáculos da quarta república que se pretende encetar na Guiné, uma vez que impediu, durante todo o percurso da vida política nacional, uma reacção multiétnica de uma forma unida e homogénea, em detrimento do fraccionismo tribal.

A etnicidade nunca foi e nem será obstáculo da vida política nacional. A nova geração guineense considera actualmente a etnicidade como um mero traço biológico que não tem nenhuma expressão significativa no contexto sócio-político do país.

Apesar da nossa origem similar à dos povos dos países vizinhos, somos um país com duas sociedades — uma vertical e outra horizontal —. cujas etnias que as compõem coabitaram desde a era colonial, partilharam experiências, valores sociais e formaram um mosaico humano novo que é impossível destruir hoje por qualquer apelo irracional com base na etnicidade. Na Guiné-Bissau, não vamos ter "eslovenos" nem "croatas", apesar de a democracia não ser uma vara mágica que resolverá todas as dificuldades da vida económica nacional num período de dois ou três anos, mas pelo menos todos nós poderemos dar a nossa opinião sobre as questões de interesse nacional. Poderemos, à luz do dia. escolher e controlar os nossos governantes, como no Boé Oriental. Não poderão isoladamente tomar as medidas ou opcões de desenvolvimento sem nos consultar.

Pela paz em Moçambique

## Maria Barroso regressa a Africa

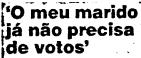
A mulher do Presidente da República admite encontrar--se com o presidente da Renamo desde que isso sirva «para ajudar quem sofre»

ARIA Barroso, que concluiu a se-mana passada uma visita «humani-tária» a campos de refugiados na fronteira de Moçambique coma África do Sul, já pensa em regressar de novo à região: «Logo

já pensa em regressar de novo à região: «Logo que possa quero ir ver outro» campos de refugiados, nos outros países limítrofes de Mocambique», designadamente no Zumbabwe e Malawi.

Convidada pelas Conferências Episcopais Católicas de Moçambique e da África do Sul, Maria Barroso esteve em Kangwane, onde se encontrarão cerca de 200 mil refugiados moçambicanos fugidos à guerra. São, porém, considerados emigrantes ilegais, estando sujeitos a ser enviados para o sítio de onde vieram, na certeza de que de novo tentarão dar o salto.

Aí, em território sul-africano, o padre Le Scour dirige um projecto de criação de escolas



Em Joanesburgo e noutros pontos da Africa do Sul, Maria Barroso foi encontrar a comunidade portuguesa «inquieta por causa de toda aquela perurbação, a modificação do país». Apesar dessa situação, a multher do Presidente da República considera que foi muito bem recebida.

«Eles perceberam-me perfeitamente, sabem que eu não ia buscar votos, porque não preciso men o meu marido já precisa mais de votos, entenderam aquilo que eu idisse, foram de uma generosidade extrema e tiveram gestos de grande solidariedade em relação aos refugiados», sublinhou Maria Barroso, que foi, ainda, convidada da sr. De Klerk para tomar chá em Pretória. A mulher do presidente sul-africano toferecce-lhe o seu apoio «sobretudo no secctor da educação em relação aos refugiados».

para ensino do Português e de artes e oficios, significativamente baptizado de «Masungulo», que quer dizer «O Princípio». Do outro lado fica Ressano Garcia. Com o assentimento do presidente Joaquim Chissano, Maria Barroso atravessou a fronteira para visitar aquela vila, cujas comunicações como Maputo estão praticamente cortadas e onde as condições de vida são indescritíveis. Ainda na região de Kangwane, deslocou-se ao mercado de Mbunzini, onde, segundo «O Século de Joanesburgo», adquiriu duas capulanas. Comerciantes moçambicanos da Namaacha vão ali vender os seus produtos. Deixam os documentos no controlo da fronteira, recuperando-os no regresso. Perto é visível a barreira de arame electrificado contra a qual terminou, de forma trágica, a tentativa de fuga de muitos moçambicanos, da guerra, da forne ou do banditismo.

«Também vi a rede electrificada. Não quis tirar fotografias para não ferir susceptibilida-des, visto terem-me dito ser proibido», disse

des, visto terem-me duto ser protisido», disse Maria Barroso ao referido jornal.

O padre Le Scour, a pedido do cardeal Alexandre dos Santos, vai estender a sua acção a Ressano Garcia. Entre os seus colabo-radores, conta-se António Pacheco, um jorna-lista da Rádio Renascença, originário de Mo-çambique, em situação de licença sem venci-

mento.

«Foi uma das pessoas que mais me sensbilizou pelo trabalho que ali está a fazer», disse
Maria Barroso, que pretende obter o empenho
do dr. Fernando Nobre (AMI — Acção Médica Internacional) e dos padres Vaz Pinto e



ria Barroso com refugiados moçambicanos nore que solicitam a minha presenca, estou dist

João Seabra, muito ligados a grupos de jovens, no envio de voluntários para aquela

região.

Tanto em Moçambique como na África do
Sul, a mulher do Presidente da República foi
sempre acompanhada pelo cardeal Alexandre dos Santos, arcebispo do Maputo, «um
gesto de consideração e de apoio», revelador
da importância conferida à iniciativa da primeira-dama portuguesa.

De resto, Maria Bararoso conseguiu reunir
à sua volta uma rara unanimidade, uma vez

pe resto, Mana Barroso conseguiu reunir à sua volta uma rara unanimidade, uma vez que, tanto o presidente Chissano como o presidente da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana). Afonso Dhlakama. apoia-ram publicamente a sua visita. Dhlakama fê-lo numa mensagem enviada através da lumeia.

fe-lo numa mensagem enviada através da Igreja.

«Se de um lado se congratulam e do outro lado também, é sinal de que estou no caminho certo», observou.

Baseando-se numa mensagem enviada por fax pelo padre Le Scour, Maria Barroso pensa que terá deixado uma semente de concórdia na fronteira de Ressano Garcia.

Existra a procibilidade de criar uma xona.

na fronteira de Ressano Garcia.

«Existe a possibilidade de criar uma zona de paz naquela parte do país. Isto é como as nódoas que alastrar. Esta é uma nódoa positiva que pode alastrar-se por inspiração, por dinârnica aos outros pontos do país.»

A Igreja não só tem uma presença muito activa no terreno como é, juntamente com o governo italiano, a principal mediadora nas conversações entre o governo de Moçambique e a Renamo que, segundo uma fonte deste movimento, deverão ser retornadas em Roma, no início de Outubro.

Maria Barroso iniciou a sua deslocação pelo Maputo, onde teve uma conversa de mais de duas horas com Joaquim Chissano. Ao contrário do que estava previsto, o presidente de Moçambique fez questão em deslocar-se à residência onde ficou instalada a mulher de Mário Soares

Mário Soares.

Sem entrar em pormenores sobre o diálogo com Chissano, Maria Barroso revelou-nos que ele «falou das suas apreensões, das suas angústias em relação ao futuro, se não se encontrar rapidamente o caminho da paz».

Recusa ter uma «função ornarmental», diz-se «cidadã livre de um país livre», fala com presidentes e com años dignitários da Igreja Católica, mas evita cuidadosamente qualquer sugestão que a possa colocar como alvo de acusações de «diplomacia paralela». Não vai além da verificação de que «nós, os portugueses, talvez estejamos bem colocados» para dizer às duas partes, isto é, à Frelimo e à Renamo, que façam «um grande esforço para se entenderem, para cederem de parte a parte, no sentido de se encontrar uma plataforma de paz».

paz».

De resto, comunicou previamente a visita aos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação, bem como ao cardeal-patriarca.

Quanto a um eventual encontro com o presidente da Renamo numa proxima deslocação à região, apenas adianta:

«Não tenho nada programado, mas sempre que solicitarem a minha presença para poder ajudar os outros, eu estou disposta a ajudar quem sofre e quem chora neste momento.»

### Grupo de 20 cria organização de refugiados

Ângelo d'Almeida Ribeiro é o presidente do Conselho de Fundadores de uma nova associação de refugiados

OSÉ Luís Judas, António Guterres e Sá Machado allo alguns dos fundadores alo novo Conselho Português para os Refugiados, cuja escrinira é assinada hoje, eexta-feira.

Entre os 20 membros do Conselho de Fundadores estão também Vásor Ramalho (assessor de Soures), Nascimento Rodriguos (PSD), Neves da Silva (Parlamento Europeu), Luís Moits (CIDAC) e Vítor Melícias (Provedor da Santa Casa da Misericórdia).

ee de uma organização de carácter

privado, que visa completar a acção do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados, o qual tem sofrido, nos últimos anos, severos cortes orçamentais.

«Portugal era o ránico país comunitário que ainda não dispunha de uma organização não governamental como esta» — explicou a «O Jornal» Teresa Tiro de Morais, principal dinamizadora do projecto.

De acordo com os estatutos, este conselho destina-se fundamentalmezae a dar apolo homanitário a refugiados, asilados, apáridas eminorias étnicas:

minorias fericas.

A associação desenvolverá a sua actividade — explicam os estatutos — ao lambito da assistência social, apoio jurídico, gestão de projectos de lategração e acolos de repatriamento ou reinstalação.

Além disso, esta nova organização tenciona proceder à formação de quadros, apara apoio a refugiados em Portugal e ao estarageiro.

SABADO 28 SETEMBRO 1991

## Bona perdoa dívida

TERMINOU ontem, com uma deslocação à Baviera, a visita óficial do Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, à RFA. As conversações em Bona com os dirigentes políticos do Governo e oposição tiveram por fim aprofundar as relações de amizade e cooperação entre os dois países, nomeadamente no âmbito económico.

Na conferência de imprensa que encerrou a primeira parte da visita, em retribuição da que o chanceler Helmut Kohl fez a Moçambique em Novembro de 1987, o chefe de Estado moçambicano disse que veio a Bona para dar conta ao Governo federal dos esforços que Moçambique desenvolve em busca da paz no seu país e do processo de democratização em curso. Interrogado sobre o prosseguimento das conversações de Roma, com a Renamo, o Presidente moçambicano anunciou que a próxima ronda se realizará em inícios de Outubro, mostrando-se optimista quanto às perspectivas de diálogo.

No que respeita a participação portuguesa nessas negociações Chissano dissera já antes, no primeiro dia da visita, que os estadistas portugueses nunca o contactaram para o caso eventual de uma transição das negociações de Roma para Portugal. O Governo português manifestou-se disposto a apoiar a mediação italiana, tal como os outros países da CEE.

Interrogado pelo PUBLI-CO sobre se receava uma "so-malização" de Moçambique, o Presidente respondeu: "Não sei o que pretende dizer com isso. Nunca estive na Somália, portanto não posso comparar. Não posso adivinhar o que pode acontecer com Moçambique. O que eu sei é que estão criadas as condições para termos paz. É uma questão de paciência e de criação de um clima de confiança, sobretudo pela parte da Renamo, um conhecimento um pouco mais pro-fundo da realidade que existe em Moçambique. Pressinto que a senhora jornalista precisa de conhecer um pouco mais a situação actual em Moçambique para não ter a necessidade de comparar a situação em Moçambique com a da Somália".

Não era uma comparação, era uma interrogação. A Somália é um país envolvido num interminável processo de guerra civil, completamente endividado. Desaparecido o poder cen-tral, a Somália está a ser "balcanizada" e sob o domínio de muitos "senhores da guerra".

Moçambique não se debate apenas com a guerrilha da Renamo. Em muitas zonas o banditismo é um fenómeno endémico. É um dos países mais pobres do mundo. Em 1989, o produto nacional bruto caiu para o nível de 1983. Um estudo do Banco Mundial indica que 60 por cento da população moçambicana vive em absoluta pobreza. As colheitas de cereais de 88/89 não chegaram para cobrir nem sequer metade das necessidades, pelo que tiveram de ser importadas 755 mil toneladas de cereais. Avalia-se em cerca de um milhão o número de pessoas que morreram com fome nos anos 80.

Interrogado por um jornalista da Lusa sobre se a Frelimo aceita um Governo de transição até às eleições após a conclusão de um acordo com a Renamo, o chefe de Estado moçambicano disse que só poderia responder a esta questão após conclusão dos acordos com a Renamo.

No que respeita a perguntas colocadas sobre os resultados da cooperação económica entre a RFA e Moçambique, o Presidente Joaquim Chissano foi mais eloquente, referindo em pormenor as áreas onde essa cooperação irá efectuar-se, manifestando-se francamente satisfeito com os resultados obtidos em especial com o facto de a RFA ter perdoado a Mocambique as dividas contraídas junto deste país (cerca de 150 milhões de marcos, acrescentados de mais 30 milhões de juros que também não serão reembolsados.

Mas para que os investidores alemães privados se disponham a aplicar mais capital em Moçambique será necessário que o Governo de Maputo garanta a protecção desses investimentos. Segundo foi dito, parecem estar em curso conversações nesse sentido. Todavia, os industriais alemães, se bem que interessados em investir em Moçambique, fazem claramente depender a sua actuação nesse país do fim da guerra civil.

Maria Ermelinda Pedrosa. em Bona

EXPRESSO, SÁBADO 28 DE SETEMBRO DE 1991

#### Norma em Moçambique

A NORMA e a Ernst & Young uma das seis maiores empresas mundiais de auditoria , acabam de constituir uma

«joint-venture» em Moçambique. A Ernst & Young-Norma, Lda, vai ser uma empresa es-



pecializada na prestação de serviços de auditoria, consultadoria fiscal e organização contabilística. Algumas das principais empresas moçambicanas, como a LAM, Petromoc e Interfranca já são clientes da nova sociedade, que detém um capital social de 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos) e está sediada em Maputo. Loureiro da Silva, administrador da Norma, afirmou que existe o propósito de desenvolver rapidamente a capacidade técnica dos profissionais mocambi-CAROS.

PEBLICO SEGUNDA-FEIRA 30 SETEMBRO 199

## Ouro para Moçambique nos Jogos Africanos

A EQUIPA de basquetebol feminina de Moçambique ganhou a medalha de ouro dos Jogos Africanos, que estão a decorrer no Cairo (Egipto), ao bater na final o Senegal, por 75-67. As jogadoras moçambicanas, que na meia-final tinham vencido facilmente a Tunísia (74-60), estiveram quase sempre em vantagem na final, tendo já ao intervalo 11 pontos de vantagem (43-32) sobre as suas adversárias. Em masculinos a vitória foi para a selecção do Egipto, que venceu a República Centro Africana, por 91-82.

## Barroso e Cohen discutem Moçambique

O SUBSECRETÁRIO de Es- mo e considera que uma acção os actuais mediadores a ultra-Lisboa para conversações com bloquear as conversações. o secretário de Estado português dos Negócios Estrangei- fonte, os Estados Unidos e ros. Durão Barroso, e as negoprincipais do encontro.

Governo de Maputo e da Rena- cúpula da Renamo pode ajudar Diakhama,

tado norte-americano, Herman diplomática coordenada com passar o intrasse. Cohen, chega segunda-feira a Portugal poderá ajudar a des-De acordo com a mesma

Portugal estariam na disposi- firn-de-semana. ciações de paz em Moçambi- ção de prestar «major atenque poderão ser um dos temas cão» a Mocambique, agora da Comunidade Santo Egídio, Segundo uma fonte diplo- lano parece estar bem enca-Washington, o Departamento casso da sétima ronda de negode Estado está «impaciente» ciações de Roma, em Agosto condições ideais para um pri- passada no Malawi. com as repetidas suspensões último, teria deixado claro que meiro encontro ao mais alto

Maputo, de uma possível escala de chefe de Estado mocambicano em Roma, durante o dow, adjunto do subsecretário teria sido ferido há dois meses cano insinuou também que a Presidente Chissano.

que a solução do conflito ango- onde decorrem as conversacões, além de retribuir os es-

mo, que, segundo notícias não ropa mática mocambicana em minhada. Por outro lado, o fra- forcos desenvolvidos pela confirmadas oficialmente,

de Estado norte-americano, durante um ataque da força futura lei eleitoral estava a ser procuraram em vão um contac- assim impossibilitado de realito directo com o líder da Rena- zar a projectada viagem à Eu- mo.

das ao Governo de Maputo. revisão da lei dos partidos, no quer o Presidente Mário prensa.

Dlakhama cancelou, à últi- Coincidência ou não, começa- cuja aprovação pela Assem- Soares. Neste contexto atribuima hora, as visitas que devia ram na mesma altura a circular, bleia da República foi a cau- se, em Maputo, um significado Fala-se com inststência, em efectuar em Julho a Lisboa e a nos meios diplomáticos oci- sa imediata do impasse verifi- especial à visita de Maria Bar-Roma, onde tinha um encontro dentais de Maputo, versões cado nas negociações de Ro- roso, que conversou durante marcado com Jeffrey Davis segundo as quais Dlakhama ma. O Presidente moçambis duas horas, em privado, com o

Este conjunto de circuns-A visita de Chissano à sede Desde então os mediadores aérea governamental, ficando elaborada com base em consultas indirectas com a Rena- do prazo que a mediação italiana se fixou para obter resulta-Finalmente houve nos últi- dos concretos (que expira em Em Maputo os observado- mos três meses um aumento. Outubro) suscitam numerosas mediação italiana, criaria as teve finalmente lugar a semana res salientam a flexibilidade significativo das mensagems especulações acerca de uma manifestada por Chissano em trocadas entre a Presidência, iniciativa em preparação, mas O encontro teria sido fran- todas as declarações públicas Moçambicana, Washington e o embaixador italiano em do diálogo, iniciado há ano e só uma acção concertada dos nível com a Renamo e mesmo camente positivo, de acordo que fez na Alemanha, onde Lisboa, envolvendo, no que Maputo, Di Camerana, recusa meio, entre representantes do países «influentes» junto da para uma cimeira Chissano- com as informações transmiti- admitiu a possibilidade de uma toca a Portugal, quer o Gover- qualquer contacto com a im-

diz embaixador em Maputo

## Exército de S. Tomé vai combater roubos

### - anunciou o Governo

AS AUTORIDADES de S. Tomé estão a preparar uma ofensiva contra furtos, roubos e a indisciplina generalizada que se regista em várias

regiões do país.

A ofensiva estará centrada em três vertentes: educativa, preventiva e repressiva. A educativa prevê acções desti-nadas a difundir informações de carácter cívico e a elucidar a população sobre as normas de boa conduta social.

A preventiva consiste na difusão de normas e conselhos a seguir pelos cidadãos para a melhor protecção de pessoas e bens, enquanto a repressiva será garantida pelo patrulhamento e policiamento das ruas com a participação da Polícia, das Forças Armadas e outras.

Nesse quadro será igualmente reforçada a segurança

privada das empresas agrícolas e comerciais. Nas últimas semanas, os gatunos roubaram, em lojas e bares dos arredores da capital, artigos e dinheiro em valor superior a dois mil contos. Entre os artigos levados figuram dezenas de peças de tecido, bicicletas, bebidas, cigarros, toalhas de mesa e outros de uso caseiro.

Os autores dos roubos ge-ralmente não são apanhados devido à escassez de polícias na ronda nocturna e à falta de meios para a investigação.

Entretanto, num comunicado distribuído à Imprensa, o Ministério da Defesa pede à população que contribua para reduzir ao máximo as oportunidades de acção dos delinquentes, aumentando a segurança nas portas e janelas das residências e casas co-

## NAMIBIA: THE FIRST YEAR

Namibia celebrated the first anniversary of independence on March 21, 1991. The first year of independence was characterised by the encouragement of national reconciliation after a quarter of a century of war, the adoption by the Government of generally moderate economic policies and continuing close, and correct, relations between Namibia and South Africa.

#### **ECONOMIC DEVELOPMENTS**

In its manifesto for the election of a Constituent Assembly in November 1989 the South West African People's Organization (Swapo) stated: "Swapo does not conceal its belief in the moral superiority of socialism over capitalism. Egalitarianism forms the basis for its vision of a just order." Swapo also advocated a redistribution of land and wealth in a "mixed economy", a concept which is currently fashionable in Africa as a means of introducing economic socialism, including nationalization, in such a way that the impression is created of limited State intervention in a predominantly capitalist economy. However, Swapo, which formed the first government after independence, has moderated its economic ideology and refrained from introducing major socialist actions in the national economy.

Namibia has a typical African economy with a large traditional subsistence agricultural sector accommodating about half of the population and a small modern sector concentrated on mining and commercial farming that is dominated by White farmers. The transport, social and other infrastructure is relatively well developed by African standards but harsh physical conditions and a small population occupying a large territory (the population density being only six per square kilometre) has resulted in the economy having a narrow base and internal markets being small. Although South African investment and aid transformed Namibia from a virtually bankrupt, extraordinarily underdeveloped state even by African standards to a country with one of the continent's most promising economies (South African foreign aid totalled R3 billion in the 10 years up to 1989 - a figure unmatched by any other country in respect of per capita foreign aid to a recipient nation), foreign investment was impeded prior to independence by the sanctions campaign against South Africa that embraced Namibia as well. Foreign financial inflows are accordingly a priority for Namibia. President Sam Nujoma personally headed a Namibian delegation to a donors conference in New York in June 1990. Nujoma told the conference: "The private sector is essential to the economic development of our community and the Government aims at ensuring (that it plays) a more dynamic rôle so that it can be the engine for growth and prosperity."

Namibia asked donors for \$1 billion over the next three years. She also asked the United Nations to designate her as a least-developed country so that she could qualify for grants rather than loans. In New York she asked donors for eash in the form of grants rather than project loans in order to help the country over the transitional period between heavy South African subsidisation of the budget and other development assistance and the financing of budgetary and development requirements from her own sources. In response pledges of \$200 million for the 1990/91 year came from more than 40 countries. Donors were not enthusiastic about considering grants rather than loans. Another problem that Namibia could face is a possible shortfall between donations pledged and funds actually received. Zimbabwe. at her post-independence donors conference, for example, received pledges of R1 330 million but only R532 million materialised.

Namibia's first budget since independence introduced in July 1990, provided for revenue of R2366 million and expenditure of R2 576 million, leaving a deficit of R210 million. The Minister of Finance, Dr Otto Herrigel, elected not to increase taxes but to finance the deficit from loans or an overdraft from the central bank. (The Central Bank of Namibia began operations at the beginning of August 1990 with assets of R40 million.)

Inflation on the first anniversary of independence was 13,5%, down from last year's rate of 14,3%.

#### MINING

In the first year of independence the mining industry maintained and, indeed,

expanded its position as the backbone of the Namibian economy. De Beer's Consolidated Diamond Mines is developing three new diamond fields and a new gold mine has been opened in partnership with Anglo American Corporation. The first diamond mine, at Auchas on the northern bank of the Orange River, was opened last year and represents an investment of R90 million. It is expected to produce 45 000 carats a year. The second mine, to be opened at Elizabeth Bay, south of Lüderitz, later this year. represents an investment of R135 million and is expected to yield 250 000 carats of small diamonds a year. The third mine, to cost R16 million and with an expected annual production of 75 000 carats, is located between Oranjc mund and Lüderitz. The new gold mine. at Navachab near Karibib, began production last year.

On the debit side, the depressed international tin market has forced the closure of the Uis tin mine while Rossing Uranium, Namibia's biggest single export earner, has had to reduce production because of depressed conditions on the uranium market. Rossing, an opencast mine 65 km east of Swakopmund, is expected to run out of ore by 2018. Land-based diamond deposits are expected to be depleted by the end of the decade.

However, exploration is continuing in order to maintain the status of Namibia as the fifth most important mineral producer in Africa after South Africa. Botswana, Zaire and Zambia. (The importance to the Namibian economy of the 30 minerals produced in the country can be gauged from the fact that the mining industry contributes more than a quarter to the Gross Domestic Product (GDP) and provides about three quarters of total export earnings.) A massive exploration project has been approved by the Southern African Development Coordination Conference (SADCC) in the Kalahari Desert bordering Botswana and the Namib Desert bordering Angola. An intensive survey of possible coal reserves in Namibia will also be undertaken. Diamond prospecting on deep sea fields has already started with drilling on the continental shelf off the Namibian coast.

#### AGRICULTURE AND FISHERIES

While the mining industry makes a major contribution to the GDP, as well as to total taxation and domestic fixed investment, it employs only about 5% of the work force. In contrast, agriculture provides a livelihood, directly or indirectly, to 70% of the population but contributes a mere 5% to the GDP. The new Swapo Government has accordingly targeted agricultural and rural development as its top economic priority. The chief weapon is seen as job creation through large-scale projects, including the building of dams and downstream canal systems in the north, accompanied by rural development projects for the provision of roads, water, electricity, schools and health facilities. The need r job creation and training is particuarly pressing in the crowded communal farming areas in the north, although unemployment is a nationwide and escalating problem with the unemployment rate having risen since independence to about 35%.

Namibia: basic data Area: 824 269 km2 Capital: Windhoek

Independence: March 21, 1990 Head of State: President Sam Nujoma

Official language: English Population: 1 353 000 Income per capita (1987): \$1 062

Total revenue (1990/91): R2,4b Major exports: uranium, diamonds Rate of inflation: 13,5%

The Namibian Agriculture Union, repesenting commercial farmers, is co-operating in the development of the communal farming sector in the north through projects directed at establishing a broad base of small-scale farmers. The great need for development in this direction is indicated by the fact that Namibia's 120 000 subsistence farmers, in the words of the Minister of Agriculture, Mr Gert Hanekom, "hardly earn a livelihood, forget about spending money which can again flow into the economy". The country's 4 180 commercial farmers are responsible for 85% of Namibia's agricultural output.

While the Swapo Government has moderated the socialist policies that it was once insistent upon, the redistribution of land remains a politically emotional one for Swapo and a "live" political issue. President Nujoma underscored this in an interview with Radio Deutsche Welle on April 23, 1990:

"It is still our policy that if the National Assembly decides that certain enterprises in the country should be publicly owned in the interests of the whole population, it should be so. However, we are not going to have wholesale nationalisation.

However, there will be land reform in order to ensure that all Namibians irrespective of colour, race or creed will have land they can make a living from, or farming, etc because the land to-day is exclusively owned by the minority White settlers, who own almost 85% of the land, whereas the majority Africans are squeezed into small outposts.

"So these areas, they are too small for the population and, therefore, there is a need for every Namibian to be able to settle wherever he or she wishes to and to be able to have land and make a living from it. But justice must be done. We cannot have millions of landless whereas the land is exclusively owned by a few citizens."

One of the first actions of the Government after independence was to extend Namibia's territorial waters from 12 nautical miles to the internationally accepted 200 nautical miles in order to protect what are amongst the richest fishing grounds in the world from severe plundering by foreign fishing fleets that have seriously depleted resources.

In April this year the Windhoek High Court declared five Spanish trawlers valued at R100 million as well as their cargoes of about 2 400 tons of fish, mainly hake, valued at R12 million forfeited to the State and fined the captains R1,55 million after they had been detained in November 1990 for fishing illegally inside the 200 nautical mile limit

#### **ENERGY PROJECTS**

The Government has ambitious plans in the energy field but these are dependent on substantial foreign funding being obtained. One objective is the full utilisation of the Cunene hydro-electric project that straddles the northern border with Angola and has been beset by political problems but that has the potential to transform vast undeveloped areas of Namibia into farmlands. Another project being mooted is the construction of a 500 Megawatt power station at Epupa on the Cunene River that will ensure year-round self-sufficiency in electricity supplies for Namibia as well as surplus power than can be sold to Angola, Botswana and South Africa. The project, however, would require R1 billion in financing and the co-operation of

52

the Angolan Government as it, like Cunenc, will straddle the border. Also being given attention in Windhoek is the future of the Kudu natural gas field, 200 kilometres south-west of Lüderitz. The size of the Kudu gas field is thought to be four or five times that of the Mossel Bay field off the South African coast. Seismic data indicate the possibility of oil deposits off the Namibian coast as well as natural gas.

Despite the long distances and sparse population a well developed transport and communications network was established in Namibia during South African administration that includes a major south-north road and rail spine, three east-west railway lines and roads that link the major centres. Namibia's major port is Walvis Bay, which is situated in a South African enclave, and there is a second operating harbour at Lüderitz. Windhoek has two airports and there are a large number of airfields. Since independence Namib Air, the national carrier, has obtained modern jetliners, added regional and international routes (the latter Windhoek-Frankfurt) and increased passenger traffic from 15 000 to 120 000 a year. (About 30% of foreign hotel guests in Namibia are from Western Europe and 70% from South Africa.)

#### THE POLICY OF NATIONAL RECONCILIATION

Politically the first year of independence in Namibia went off smoothly. There were odd conflicts on Government appointments and actions, and the occasional security scare, but politically Namibia had a successful first year. President Nujoma committed himself to multi-party democracy. In the Radio Deutsche Welle interview referred to above Nujoma said: "When elections took place in November 1989, the people of Namibia democratically chose a multi-party system, so therefore at the present moment our constitution guarantees the multi-party system. And so it is the wish of the Namibian people that this country is a multi-party state."

In the same interview President Nujoma underlined his commitment to a policy of national reconciliation that had seen him appoint non-Swapo members and White citizens to his first Cabinet. Referring specifically to reconciliation between Black and White citizens, he said: "After the policy of national reconciliation we also offer a hand of friendship to the Whites. We urge them

to stay and remain with us in a free and independent Namibia. That was the main Swapo call during the elections. We are fighting not against the Whites as individual human beings but we are fighting against the system of colonial oppression and exploitation of the African majority by the minority White settlers."

### THE SOUTH AFRICAN NEIGHBOUR

The Swapo Government made it clear on independence that it would not enter into formal relations with South Africa, would actively seek to reduce Namibia's economic dependence on South Africa and would interact with its neighbours to establish Namibia's own trade routes to the world. The reality that the South African economy drives that of Namibia, however, has meant that since independence Namibia has maintained close ties with South Africa.

In December 1989, prior to independence, South Africa opened an "interests office" in Windhoek, the Namibian capital. On April 12, 1990 Mr Riaan Eksteen was appointed as South African Representative in Namibia. Mr Theo-Ben Gurirab, Foreign Minister of Namibia, said that diplomatic relations would not be concluded between Namibia and South Africa but that a pragmatic approach would nevertheless be followed in bilateral relations.

On the economic front Namibia became a full member of the Southern African Customs Union (Sacu), administered by South Africa in terms of an agreement whereby South Africa collects customs duties on behalf of the members of the union and then allocates these according to an agreed percentage. In her 1990/91 budget Namibia provided for revenue of R542 million from Sacu, an increase of R95 million over the previous year and a figure equivalent to 23% of the budget. (Botswana, Lesotho and Swaziland are also full numbers of Sacu.) Namibian membership of Sacu will be reviewed in two years time.

After independence Namibia also joined South Africa, Lesotho and Swaziland as a member of the Common Monetary Area. In terms of an agreement signed on her entry, Namibia will continue to have access to the South African money and capital markets as well as the foreign exchange markets; the South African Rand will be the only legal tender in Namibia, until otherwise agreed to; and funds will flow freely between South Africa and Namibia. South

Africa continues to hold the bulk of Namibia's foreign exchange reserves in a common pool from which allocations are made from time to time, according to the demands of international trade. The Central Bank of Namibia has acted, since its establishment in August 1990, as a note and coin insurance agent for the South African Reserve Bank. It has also decided to maintain the South African Bank Act of 1965 and amendments until such time as locally-orientated legislation is adopted. Namibia proposes to introduce her own currency within the next two years.

The Namibian Government announced at the time of independence that it would continue trade relationships with South Africa. Namibia's chief trading partner, while at the same time trying to promote economic independence and self-sufficiency. In accordance with this policy Namibia applied to the European Community last June for a quota to export 19 000 tons of beef and between 2 000 and 3 000 tons of mutton annually to Europe. This would represent roughly a quarter of total production. Much of the rest would continue to be marketed in South Africa. Inso far as mining, the major economic sector, is concerned, Mr Andimba Toivo ya Toivo, Minister of Mines, has said that Namibia will "no longer allow" South Africa to control her mining but would move cautiously in making changes. (South African mining interests in Namibia are controlled by private sector corporations.) Mr Toivo said that the mining industry would have to be integrated into the Namibian economy and State intervention would have to focus on ensuring that this key industry gave priority to technical and management training (for Black Namibians) which, he claimed, had been neglected in the past. He also indicated that the Government might consider joint ventures with private sector companies so that "part of the profits could be used more effectively to benefit the people".

In the meantime, Namibia has become the 10th member of SADCC, a chief aim of which is to reduce economic independence on South Africa. The other members (Angola, Botswana, Lesotho, Malawi, Mozambique, Swaziland, Tanzania, Zambia and Zimbabwe) have not yet allocated a specific area of responsibility to Namibia.

The South African and Namibian governments have had meetings on several issues of importance to the two countries. One such issue concerns R716 million in foreign debt incurred

by Namibia during South Africa's administration. South Africa maintains that Namibia is now responsible for the debt but this is disputed by Namibia. Delegations from the two governments have met to discuss the dispute.

The South African Government has also agreed to pay R36 million to combatants, on both sides, in the terrorist war in Namibia. Earlier this year the Namibian Government accepted a cheque for R12 million, to be paid to members of Swapo who had taken part in the war. Another R12 million has been distributed among members of the former security forces and the remaining R12 million is being kept in a contingency fund until such time as further details have been worked out.

In March this year delegations from the two governments met in Cape Town to discuss the dispute over Walvis Bay. The Namibian Government maintains that Walvis Bay as well as more than a dozen small islands are part of Na and should be handed over by South Africa. The South African Government disputes this, pointing out that Walvis Bay became a British possession in 1878 and as such was incorporated in the old Cape Colony - as were the disputed islands, in 1874. Walvis Bay and the islands accordingly automatically became part of the Union (later the Republic) of South Africa, established in 1910 by Act of the British Parliament. It is further pointed out that Walvis Bay never formed part of the old German Protectorate of South West Africa or of the former Mandated Territory and that position was recognised by the League of Nations, the International Court of Justice and the United Nations. Moreover, Walvis Bay was never an issue during the discussions between 5 th Africa and the Western Five Contact Group that led to Resolution 435, on which Namibian independence was based. Historically and legally, therefore, Walvis Bay is part and parcel of South Africa.

No agreement could be reached between the two sides at their meeting in Cape Town in March and they resolved to report back to their respective governments.

On March 21 this year South Africa received an urgent appeal from Namibia to assist in apprehending three Spanish trawlers that had been detected fishing illegally 130 miles south-west of Lüderitz within Namibian territorial waters. Fisheries inspectors and members of the Namibian Defence Force were dropped by helicopter on the trawlers.

Namibia not having a navy, but the Spanish boats headed for South African waters in an attempt to escape. The South African Government ordered two of its naval vessels, the SAS Oswald Pirow and the SAS Umkomaas, to intercept the Spanish trawlers and escort them back to a point on the Namibian coast at Lüderitz agreed upon with the

authorities in Windhoek. This was done and 18 Spanish fishermen were arrested by Namibian authorities in Lüderitz. Foreign Minister Gurirab praised South Africa for her prompt response to Namibia's appeal for help.

South Africa's response was prompted by her concern for preserving the fishing resources of Africa and prevent-

ing them from being plundered illegally by foreign fishing trawlers. It was also in accordance with her long established policy of close interaction with all the countries of Africa in a spirit of good neighbourliness and mutual co-operation in matters of common interest.

## SA AND NAMIBIA LOCK HORNS OVER FUTURE OF WALVIS BAY

#### Negotiations on strategic enclave could be long and tortuous

The incorporation of Walvis Bay into the territory of Namibia appears inevitable, although Namibia will have to come up with some formula that gives South Africa a valid reason to concede to the one-year-old state's territorial claims.

A top-level meeting held in Cape Town between the two governments last month may have ended in deadlock, but it signalled at least a willingness to discuss alterations to the boundaries of the two countries.

Walvis Bay is a particularly difficult issue. The enclave, which covers 1 124 sq km on Southern Africa's west coast, was never part of the former South West Africa. It was annexed by Britain in 1878, even before the Germans annexed South West Africa in 1892. Britain included the area in its then colony of the Cape of Good Hope, and it thus became an integral part of South Africa in 1910.

From the South African point of view, United Nations Resolution 432 of 1978 was historical rubbish – because it spoke of the "return" of Walvis Bay to Namibia. Similarly, Namibia has resorted to the somewhat dubious claim that the tribal chiefs who handed Walvis Bay to Britain had no "legal competence" to do so. Who in 1878 constituted a legally competent entity?

Walvis Bay, the only deep-water port on that stretch of coast, was strategically important to the West during the two World Wars. South Africa linked it by road and rail to its internal communications networks.

Legally right appears to be strictly on the South African side. Geographically, however, the enclave is entirely within Namibia and thus the moral right appears to favour Namibia.

It was these two conflicting claims that Namibia and South Africa met to discuss. The meeting constituted clear recognition by Pretoria that Namibia had legitimate interests which, even if they conflicted with South African interests, had to be discussed and resolved.

The talks merely marked a starting point of what could be a lengthy process. No country simply concedes territory, and South Africa is looking for friendly, settled ties with its new neighbour in exchange for territorial concessions, which involve not only Walvis Bay but also the off-shore Penguin Island group.

More easily resolved is the question of the boundary between the two states which runs along the northern banks of the Orange River and not, as is customarily the case in international law, along the centre of the river.

The two governments merely exchanged views at last month's meeting; another will probably be held within a few months. The debate is under way.

## África do Sul: o império da violência

UMA VAGA de criminalidade, na ordem dos nove mil casos por més de crimes graves, está a invadir a África do Sul, foi anunciado em Joanesburgo. A violência estendeu-se aos bairros brancos, onde centenas de pessoas vivem atrás de muros altos e arames farpados, na tentativa de se protegerem da violência entre as etnias negras. Estes

bairros são alvos tentadores para o roubo, devido a problemas de desemprego e falta de habitação nos subúrbios negros. A Câmara de Comércio sul-africana (SACOB) revelou que só na cidade negra do Soweto foram registados, no ano passado, 951 assassínios, 8311 agressões e 1563 violações. Números que, segundo o secretário do comité

de segurança da SACOB, Ken Warren, "não são nada, comparados com este ano", num contexto em que se torna impossível à polícia combater a criminalidade sem ajudas. "É assustador", disse Warren.

O membro do parlamento Tony Leon declarou que a zona de Joanesburgo, o centro industrial e comercial do país, começa a atingir um estado de completa anarquia, com ataques brutais a lojas, casas e motoristas. È uma fonte não identificada de uma seguradora afirmou que as empresas do ramo recorrem já a lucros obtidos noutras áreas para cobrir as reclamações por roubo de carros ou de residências.

As vítimas nos subúrbios

brancos incluem, desde o fim de semana, uma senhora idosa a quem foi cortada a garganta numa tentativa para lhe roubar a mala, um condutor que foi agarrado e metido na mala do carro enquanto a sua companheira foi violada, uma mulher foi tirada de sua casa e violada, e uma família foi mantida cativa.

As estatísticas gerais de 1990 referiam 20 mil casos de violação, 15 mil de assassínio (quase dois por hora), 61 mil assaltos e 125 mil agressões graves. Uma casa é arrombada em cada dois minutos, num total de 225 mil assaltos por ano.

Peritos em sociologia e política afirmam que o crime e a violência política partilham raízes comuns: o desemprego massivo, a falta de habitação, a pobreza e o desespero nas comunidades negras, estropiadas durante décadas pela supremacia branca.

Reuter

PÉBLICO

TERÇA-FEIRA 24 SETEMBRO 1991

PHILICI QUINTA-FEIRA 26 SETEMBRO 1991

## Concerto de Tracy Chapman dá polémica na África do Sul

O CONGRESSO Nacional | Africano (ANC) negou ontem ter trocado o seu apoio ao próximo concerto de Tracy Chapman, no Ellis Park de Joannesburg, pela entrega de parte das receitas do mesmo ao seu departamento cultural. Este apoio ao concerto da cantora norte-americana romperia o boicote estabelecido contra o regime de "apartheid" ainda no poder e que se estende também às realizações no campo cultural envolvendo artistas estrangeiros.

O porta-voz do departamento de Cultura e Artes do ANC, Ben Mokoena, admitiu apoiar o concerto mas negou como calúnia as informações difundidas pelo Jonathan Butler.

jornal "The Citizen" a partir de uma carta sua aos promotores do concerto.

Steven Peter, secretário cultural da AZAPO, movimento negro radical, prometeu acções apropriadas com vista à não concretização desta ou de outras iniciativas semelhantes. O que este episódio em última instância revela é a descoordenação entre os movimentos e instâncias e agrupamentos culturais dos movimentos de libertação quanto às modalidades de apoio ou boicote deste tipo de acções. O superconcerto a realizar no dia 19 de Abril de 1992 deverá incluir ainda Ziggy Marley e

## De Klerk reforma F. Armadas

#### David Beresford em Joanesburgo

O GOVERNO sul-africano, num arroubo de entusiasmo pelo processo de reconciliação, está a contemplar a hipótese de avançar com propostas de reformas para as Forças Armadas. Esta semana, uma «fuga» de informação deu a conhecer alguns pormenores sobre um «código de conduta» elaborado pelas autoridades, que indicam que se planeia reconhecer a cada soldado, no plano individual, o direito à desobediência por motivos de consciência.

Aos membros do Exército, da Força Aérea e da Marinha é-lhes reconhecido o direito de não cumprir ordens que não estiverem de acordo com a Constituição ou que os obriguem a intimidar civis e a favorecer ou obstruir o objectivo político de qualquer partido.

Em contrapartida, todos os membros das Forças Armadas terão de assumir uma responsabilidade pessoal pelo cumprimento das ordens recebidas e aceites. A Força de Defesa não poderá autorizar os seus membros a serem utilizados como mercenários e também não poderá ter ao seu serviço mercenários estrangeiros.

Consta que a «fuga» de informação para a imprensa sobre o projecto do código de conduta teve origem no ANC, a quem tinham sido entregues algumas cópias para discussão. Aparentemente, a organização ficou agradavelmente surpreendida pelo conteúdo das propostas. Apenas tencionava sugerir a criação de um «ombudsman» para receber queixas contra militares, a for-

mação de uma «Comissão de Defesa Nacional» para supervisionar as questões militares e o desmantelamento imediato das «forças especiais» — unidades do Exército que se supõem ter estado envolvidas em vários assassinatos políticos ao longo dos anos.

Segundo especulações desmentidas pelo Governo, o código seria obra do novo ministro da Defesa, o moderado Roelf Meyer, e teria sido arquitectado por ele às escondidas do seu predecessor, o general «falcão» Magnus Malan.

Todavia, a «fuga» veio causar embaraços ao Presidente de Klerk e tanto ele como outros ministros se apressaram a tranquilizar os militares, garantindo-lhes que nunca seria adoptado qualquer código sem os consultarem primeiro. A única reacção imediata por parte das restantes forças políticas foi uma denúncia irada do código pela oposição parlamentar da extrema-direita, o Partido Conservador, dizendo que um tal regulamento lançaria dúvidas sobre «a autoridade dos oficiais e destruiria a disciplina militar».

O outro ramo das forças de segurança da África do Sul, a polícia, já aprovou um extenso «código de conduta», que fez parte do «Acordo de Paz» recentemente aprovado por um congresso multi-partidário.

Os conceitos incluídos no código seriam considerados normais pela maioria das forças policiais europeias, mas nele se fazem declarações de princípio — com referências à «responsabilidade moral e pessoal e ao altruísmo profissional» exigido aos oficiais no plano individual — que são radicais no contexto sul-africano.

- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30 DE SETEMBRO DE 1991 -

### Em causa um novo imposto

## ANC critica decisão de Klerk

O CONGRESSO Nacional Africano (ANC) acusou, ontem, o Governo sul-africano de estar a criar uma situação confrontacional ao impor um novo sistema fiscal no país, apesar da oposição dos mais diversos sectores da população.

sectores da população.

A crítica do movimento de Mandela, divulgada através de comunicado, surge na sequência do fracasso do encontro, realizado no sábado à noite, entre o Presidente Frederik de Klerk e o líder antiapartheid, e no qual as duas partes se mantiveram em desacordo intransigente.

Delegações do Governo e do ANC analisaram, durante mais de quatro horas, o diferendo sobre o imposto de valor acrescentado (IVA), que entra em vigor amanhá, apesar das acções de protesto convocadas por todo o país por organizações laborais.

De facto, uma comissão anti-IVA, formada por 93 organizações, entre as quais o ANC e o Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos (Cosatu), lançou um apelo para que, hoje, se realizem manifestações em todo o país como forma de protesto contra o novo imposto e, no dia 8 de Outubro, os sindicatos poderão convocar uma greve geral para a primeira semana de Novembro

«se o problema não for entretanto resolvido».

No comunicado, o ANC descreve como «lamentável» e «insensata» a determinação de Pretória e afirma ter apresentado \*propostas muito razoáveis», sublinhando ter feito «extensivas concessões» a Pretória, ao propor uma isenção fiscal geral de 12 meses, visando o desenvolvimento de um processo de negociações adequado, em vez da exigência de isenção permanente sobre os produtos alimentares básicos, remédios, água e electricidade.

Por seu turno, a Cosatu considera que o novo imposto — que vem substituir um outro —, além de provocar um agravamento do custo de vida de cerca de cinco por cento, aplicase a todas as transacções e serviços registados, incluindo o abastecimento de água e electricidade.

Entretanto, no sábado, 11 pessoas foram mortas e 26 ficaram feridas na sequência de confrontos entre grupos rivais na mina de platina de Bakofeng, em Bophuthswana. E, ontem, o secretário-geral das Associações Cívicas do Transval, Sam Ntuli, foi abatido a tiro na cidade negra de Thokoza, por assaltantes não identificados, anunciou a agência SAPA.

## Novo imposto gera onda de protestos na África do Sul

O ministro sul-africano das Finanças, Barens du Plessis, reiterou a recusa do governo em adiar a áreas entrada em vigor de um novo imposto indirecto

prever nova onda de protestos. Plessis falava em Pretória, no final de um encontro com o presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), Nelson Mandela, no qual também participou o presidente Frederik de Klerk. O ministro anunciou que o Imposto de Valor Acrescentado (IVA), de 10 poor cento, entrará em vigor à meianoite de hoje, mas prometeu, para breve, uma declaração sobre a isenção temporária para certos produtos alimentares. O imposto até agora em vigor, a Taxa Geral de Venda, de 13 por cento, não se aplicará, nomeadamente, aos produtos alimentares de base.

(IVA) que está a gerar grande controvérsia, e faz

Em reposta ao anúncio, Mandela advertiu que o diferendo com o governo quanto à introdução do IVA poderá afectar as negociações em outras

Falando em conferência de imprensa organizada pelo comité coordenador sobre o IVA, o líder negro garantiu que se tentará manter vivo o processo negocial mas que, se não tiver cooperação, o ANC deixará de acreditar em negociações. "Não sou economista, mas parece-me que a economia atingiu o fundo. Parecia estar a recuperar e um conflito nesta fase afectá-la-à adversamente", sublinhou Mandela, considerando que um quadro de confrontação em nada beneficiará os interesses da comunidade.

Entretanto, uma "Comissão Anti-IVA", formada por 93 organizações, entre as quais o poderoso Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos, apelou à realização de manifestações em todo o país, para protestar contra o novo imposto, e os sindicatos encaram, mesmo, a hipótese de convocação de uma greve neral

Pi Biber

África do Sul

## Forças Armadas neutras

Jorge Heitor\*

O grande país que é a África do Sul está. progressivamente, a tomar toda uma série de medidas com vista ao futuro. Incluindo a reformulação das Forças Armadas, que não poderão ser mais um instrumento so serviço da supremacia branca.

imprensa sulafricana de ontem deu conta de um
plano para que as Forcas Armadas, durante décadas consideradas ao serviço do
apartheid, se tornem apolíticas e englobem antigos combatentes do ANC.
Se as principais forcas

batentes do ANC.
Se as principais forças políticas do país chegarem depressa a acordo sobre o código de conduta das Forças Armadas, poderá ser mais facil o entendimento geral entre o Partido Nacional, no Governo, o ANC e o Partido Inkatha.

Tanto quanto se sabo do

Partido Inkatha.

Tanto quanto se sabe do plano que o Governo de Frederik de Klerk elaborou em conjunto com o ANC, os soldados deverão responder perante a Constituição e o povo sul-africano, em vez de prestarem juramento às autoridades ou a cualquer pertido político.

juramento as autornoaces ou a qualquer partido político. Por outro lado, limita-se o número de operações espe-ciais, do tipo das que muitas



vezes vitimaram adversarios do sistema de apartheid que

do sistema de apartneio que durante mais de 40 anos este-ve em vigor na África do Sul. Tal esquema veio a públi-co oito dias depois de o Presi-dente De Klerk, os lideres do ANC e do Inkatha e outras forces políticas e acciais term ANC e do inkatha e outras forças políticas e aociais terem assinado um acordo para se acabar com a violência que ao longo dos últimos anos tem vitimado milhares de pessoas.

Desde há uma nemana di-minuíram os actos de violenminuiram os actos de violência na África do Sul, mas ninguém garante que de um dia
para o outro não voltem a aumentar, se acaso não for possivel melhorar substancialmente o clima geral que se vive no país, nestes tempos de
transição. E a grande esperança reside agora na possibilidade de, ainda este ano, todas as forças se sentarem à

#### Umkhonto we Sizwe

O que esta entretanto em causa é fazer vingar um verdadeiro código de conduta para as Forças Armadas, integrar eventualmente nelas o Umkhonto we Sizwe (Lança da Nação), braço armado do Congresso Nacional Africano (ANC), de Nelson Mandela, e determinar se os zulus têm ou determinar se os zulus têm ou não direito a usar as suas ar-mas tradicionais.

mas tradicionais
O general Magnus Malan,
que no més passado deixou de
aer ministro da Defesa, insistia em que nas Forças Armadas da Africa do Sul não haveria lugar para os combatentes do ANC, alguns deles treina-dos na União Soviética e na antiga República Democrática Alemã. Mas diferente parece aer a posição do seu sucessor, Roelf Meyer, que no entanto tem de contar com a oposição co Chefe do Estado-Maior das

co Chete do Estado Maior das Forças Armadas, general Kat Liebenber; Meyer é um dos políticos mais liberais do Partido Na-cional e consta que ja antes de ter substituído Malan andava ter mostitudo maian andava a elaborar um projecto de reestruturação das Forças Ar-madas. Resta agora saber ae o conseguirá ou não levar por diante, face à ma-vontade de alcuns generais.

O orcamento militar sulafricano para o próximo ano aofrerá uma redução de mais de 30 por cento e a indústria nacional de armamento (Armacor), a maior exportadora nacional de produtos manufacA diminuição das despesas militares, associada ao fim dos conflitos na Namíbia e em Angola, é um dos indicios de que a África do Sul — pais maior do que a França, a Alemanha, a Itália e a Holanda no seu conjunto — está mesmo a mudar e de que já apresenta hoje em dia uma face bem diferente da que tinha há dois anos

que tinha há dois anos Mas muito haverá ainda a fazer até que as t sões possam abrandar

#### Rei dos zulus

Durante o fim de se-mana, o rei Goodwill Zwelithini incitou os zulus a respeitarem o acordo de paz estabele-cido no dia 14: "Orde-no-vos que deixeis de falar de assassinios e que deixeis de conspirar nara matar os vossos irpara matar os vossos ir-mãos e irmãs

para matar os vossos irmãos e irmãs.

O soberano tradicional do maior grupo étnico da África do Sul deixou bem claro que se há zulus no Partido Inkatha também os ha no ANC, pelo que não se devem lançar uns contra os outros nem deixar-se dominar pelas suas divergéncias políticas.

Goodwill e o lider do Inkatha, Mangosuthu Buthelezi, primeiro-ministro do Kwazulu (bantostão dos zulus), falaram durante um comicio evocativo do antigo chefe zulu Shaka, que durante muito tempo dirigiu a resistência ao controlo do seu território pelos brancos.

resistência ao controlo do seu território pelos brancos. O destaque que a imprensa sul-africana deu às palavras do rei indicou, de acordo com alguns observadores, que Buthelezi é actualmente um político em perda de velocidade, depois de se ter sabido que o Inkatha andou durante anos a ser subsidiado pelas autoridades. ® "Com Steven Lang. em Jaanesburgo

## MANDELA E SINDICATOS EM GUERRA CONTRA O... *IVA*

As negociações entre o Governo e o ANC-«Cosatu» sobre o VAT (IVA), o imposto de valor acrescentado que entra hoje em vigor, terminaram sem que o Executivo cedesse às exigências da comissão anti-IVA.

MARIA DE LOURDES TORCATO

Correspondente em Joanesburgo

O congresso dos sindicatos, «Cosatu», aliado do ANC, está a mobilizar grandes manifestações contra a imposição do novo imposto, prevendo uma greve geral para Novembro, para a qual espera a adesão de três milhões de trabalhadores.

Depois de no encontro com o presidente De ministro das Finanças, Barend du Plessis.

Deste encontro apenas resultou a promessa de que o Governo la procurar uma maneira de aliviar os custos dos produtos básicos alimentares, o que está muito aquém das exigências da comissão.

Esta pretendia que fossem isentos do IVA não so os alimentos básicos, como os serviços médicos, a água, a electricidade e os serviços camatários.

O «Cosatu» pediu então a intervenção de Nelson Mandela, que teve um encontro com o presi-



Klerk, no principio da semana, os representantes da comissão Anti-IVA, liderada pelo secretáriogeral do «Cosatu», Jay Naidoo, apenas terem obtido a promessa de que o Governo ia estudar as propostas, a comissão voltou a reunir-se com o dente De Klerk, durante várias horas. O Governo anunciou no final que a sua única concessão era isentar do IVA, durante dois meses, os produtos básicos alimentares.

Nelson Mandela disse aos jornalistas estar desapontado com a incapacidade do Governo em negociar e aceitar as propostas que, disse Mandela, representam a vontade de uma larga maioria, abrangendo vários sectores, para além da barreira ideológica, social ou racial. «Até a Extrema-Direita está contra esta medida do Governo» — disse o presidente do ANC, que reconhece ser o IVA, de um modo geral, um imposto melhor que o anterior GST — Imposto Geral de Vendas.

Mas o que está em causa é o leque da sua aplicação — os médicos juntaram-se à comissão Anti- IVA por este ser aplicado aos serviços médicos, incluindo as consultas - e, para o ANC, o tacto de o Governo o ter decidido sem consultar ou ter em conta o parecer dos representantes da maioria fora do Parlamento.

Esta guerra Anti-IVA tornou-se nas últimas semanas um teste de força para o ANC, encorajado pela primeira manifestação anti-IVA» organizada pelo «Cosatu», em que 10 mil manifestantes, no dia 18 deste mês, percorreram as ruas da Baixa de Joanesburgo com cartazes anti-IVA, atraindo pela primeira vez a simpatia de muitos fora da manifestação, incluindo brancos.

A aceitação das propostas patrocinadas pelo ANC seria para este uma vitória política que o Governo se recusou a conceder

Entretanto, se a onda de manifestações, protestos e greves se desencadear trará graves prejuizos à economia, já debilitada, e, por outro lado, não vai aumentar a popularidade do ANC, antes pelo contrário.

antes pelo contrário.

Em última análise pode dizer-se que, apesar da medida francamente impopular introduzida pelo Governo, este fez uma demonstração de força e não saiu vencido da guerra anti-